Vol. IV Fevereiro de 1892 N.º 21

REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

LUIZ DE MAGALHÃES
SUB-DIRECTOR

ROCHA PEIXOTO
SECRETARIO DA REDACÇÃO

Summario

PAG.
257. JOÃO DE DEUS E A RENOVAÇÃO DO MODERNO LYRISMO ..... Theophilo Braga.
279. A EVOLUÇÃO DAS IDÉAS NO SECULO XIX ..... Affonso Vargas.
314. A LINGUA PORTUGUEZA ARCHAICA. J. Leite de Vasconcellos.
327. IDÉAS E FACTOS..... J. L.
350. REVISTA SCIENTIFICA: A iniciativa individual na Archeologia..... Rocha Peixoto.
371. POLITICA INTERNA..... Jayme de Magalhães Lima.
386. BIBLIOGRAPHIA.

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

Correspondentes

PARIS

AMEDEE PRINCE & Cie
34, Rue de Provence

Vve EMILE MELLIER
17, Rue Séguier

A **Revista de Portugal** publicará brevemente

UM CONTO DE EÇA DE QUEIROZ

intitulado:

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

A **REVISTA DE PORTUGAL** é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **BOLETIM BIBLIOGRAPHICO** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **ANNUNCIOS** são inseridos n'um supplemento especial, collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso. . . . . **500** reis
Pelo correio. . . . . **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**
(Fr. 40)	**(Fr. 21,10)**

A **REVISTA DE PORTUGAL** assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores **LUGAN & GENELIOUX**, em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.

NO PRÉLO

Eça de Queiroz

Correspondencia de Fradique Mendes. 1 vol.

Theophilo Braga

As lendas christãs. 1 vol.
As modernas ideias na litteratura portugueza. 2.º vol.

Methodo de Ahn

Curso de lingua italiana, adequado ao uso dos portuguezes e dos brazileiros, pelo professor *H. Brunswick*. Segunda edição, correcta e augmentada. 1 vol.

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

JOÃO DE DEUS

E A

RENOVAÇÃO DO MODERNO LYRISMO

No prefacio do *Prometheu libertado*, escrevia Shelley: «um grande poeta é uma obra prima da natureza, que deve impôr-se e se impõe necessariamente ao estudo de um outro poeta». Ao admirar as manifestações do genio poetico de João de Deus, ao seguir o influxo da sua idealisação na transformação do emphatico lyrismo ultra-romantico, presentia o pensamento de Shelley, porque me provocava o mais alto interesse o estudo d'aquella obra prima sob o aspecto da sua personalidade, do seu meio social, da elaboração esthetica dos seus sentimentos, emfim da synthese moral que lhe constitue o alto caracter. E, quanto mais o poeta se apoderava das minhas emoções pelas estrophes surprehendentes de uma nova idealisação, tanto mais me pertencia para o estudo critico e litterario. Quando se trata de individualidades supremas, todas as minucias tornam-se factos capitaes; porque ás vezes em um pequeno accidente da vida está a determinação de um destino. É sobretudo, a comprehensão de um grande poeta excede as condições da critica litteraria; ha na psychologia complexa do seu sêr mais alguma coisa

do que o temperamento impressionista e o poder de dar expressão eterna ao sentimento, ha a intuição synthetica de um philosopho, ha a missão organisadora ou edificadora de um instituidor, que constituem a essencia da sua obra. Anthero de Quental, que foi dos primeiros a proclamar o genio lyrico de João de Deus, avaliava superiormente esta obra prima da natureza: «Ha tres mestres supremos, tres exemplares acabados do estylo poetico portuguez: Camões, Herculano e João de Deus». E aconselhando o estudo d'elles a um joven poeta, caracterisava-os assim: «Leia-os muito. N'aquella convivencia adquirirá, como artista, muitissimo: o segredo da linguagem simples, forte e naturalmente pittoresca. E ainda isso, com ser tanto, será o menos. Como os grandes poetas são necessariamente grandes espiritos, e sob a fórma sentimental, profundos moralistas, a convivencia com elles alliviará os seus desgostos, transformará os seus soffrimentos em verdades humanas, e ajudal-o-ha a fazer-se homem, que é esse o fim soberano da vida; e arte, sciencia, philosophia seriam vãs, se não fossem meios e instrumentos para esse fim» [1].

O valor moral de Camões aprecia-se ante os conflictos do maior seculo da historia, quando faltava aos mais esclarecidos espiritos o apoio de uma doutrina que substituisse as ficções da theologia; sem renegar a Graça elle sentiu-se apaixonado pela Natureza e foi uma das forças vivas da Renascença. Herculano reconheceu que as sciencias especialisadas se desdobravam em um gongorismo concreto, sem contribuirem para a nova synthese mental, mas regressou do seu deismo vago a um christianismo tradicionalista, abandonando toda a actividade intellectual, depois de desilludido da solução politica da pedantocracia parlamentar, em que tinha tomado parte. João de Deus, pela simplicidade ingenua da sua intelligencia, quando a mocidade era attrahida para as aspirações revolucionarias, que renegava segundo ulteriores conveniencias, escapou a esse estado de insur-

[1] Apud *Nova Alvorada*, n.º 5.

reição mental propagado por um metaphysicismo dissolvente. Eis a razão da superioridade das suas idealisações, espontaneas, naturaes, verdadeiras, bellas, porque não eram suggeridas pela exaltação romantica melancholica, satanica, revolucionaria, ou pessimista, das fórmas incoherentes da Arte moderna.

Como a synthese mental e a synthese social, para que a sociedade humana tende, ainda não estão definidas, tambem a Arte que ha de resultar d'esse novo estado, não se acha conscientemente esboçada. Comte formulou-o com justeza: «a Arte moderna, desde o fim da Idade-média procura vãmente uma direcção geral e um alto destino» [1]. Essa direcção geral é a que resulta de uma concepção philosophica; e esse alto destino é o que coopéra pela concordia dos espiritos para a realisação pratica das concepções na collectividade politica. Desde a dissolução do regimen theologico no fim da Idade-média, ainda não tomou a direcção das consciencias uma philosophia em harmonia com a objectividade das sciencias; e desde a decadencia do regimen feudal e advento do proletariado, ainda a funcção politica não deixou de ser perturbada pelo empirismo conservantista incompativel com as vagas theorias do progresso independente dos costumes. Facilmente se comprehenderá como a Poesia não tem encontrado as condições para a sua plena expansão, como na sociedade hellenica. Como observou Comte: «a Poesia tem a sua posição systematica entre a Philosophia e a Politica, como emanada de uma, e preparando a outra. — A Poesia depende da Philosophia para a construcção dos seus typos, e influe na Politica, quanto ao seu destino» [2].

Desde que se alteraram as bases da ordem catholico-feudal, as condições mentaes e sociaes deixaram de ser o elemento natural e suggestivo da idealisação artistica, e as creações estheticas ou se desnaturaram, ou ficaram abandonadas á propria espontaneidade. Exemplifiquemos: a *Epopêa medieval*, pela de-

[1] *Politique positive*, t. I, pag. 274.
[2] *Ibid.*, t. I, pag. 284 e 285.

cadencia do poder feudal dissolve-se em prosa de novella cavalheiresca sem realidade perante os costumes burguezes, e os escriptores sem publico elaboram epopêas litterarias confundindo os modelos homericos e virgilianos de uma civilisação polytheica. O *Drama medieval,* ante a dissolução catholica, trata os personagens do culto como typos comicos, submettendo a hierarchia religiosa á satyra, e desnudando os costumes burguezes. Á falta de caracteres positivos, o drama moderno ainda não está definido nas litteraturas desenvolvendo-se apenas á custa do Romance. Sómente o *Lyrismo medieval,* idealisando nas canções dos trovadores o thema universal do Amor, é que escapa a essa degenerescencia da marcha das Litteraturas modernas; e em vez de decahir com a cavallaria e com os dogmas theologicos, transforma-se no *dolce stil nuovo* dos italianos do seculo XIV a XVI, e na pureza affectiva dos mysticos hespanhoes do seculo XVI e XVII, até que encontra nos costumes a elevação social da mulher, nas suas tres sublimes encarnações de *filha, esposa* e *mãe.* O Lyrismo amoroso achou uma das cordas mais vivas da sensibilidade humana; e desde que a idealisação da mulher vá além do egoismo do amante e da irisação sexual, o Lyrismo torna-se a voz da humanidade representada no seu mais bello symbolo. Foi com este superior aspecto que se manifestou o Lyrismo de João de Deus, conseguindo sem perda de nenhuma das suas qualidades de artista, conciliar a imaginação com a razão, e dirigir-se, sem plano na sua propria vida, por um elevado sentimento da sociabilidade. Assim como a sua obra, João de Deus exercia em volta de si o perstigio da sympathia; liberto de todos os negativismos, religioso, politico, philosophico ou social, não tinha antagonismos, odios ou incompatibilidades moraes com ninguem: o seu ideal era uma expressão d'esta serenidade moral, d'esta pacificação intima, a que foi levado, já pelo seu temperamento, já pelo meio domestico.

Temos contornado o vulto do grande poeta: o estudo da sua obra lyrica revela-nos tres phases, que se destacam: desde 1855 a 1868, com as *Flôres do campo;* desde 1869 a 1876 com as *Folhas soltas;* e de 1877 a 1888 com as *Despedidas*

do Verão (em parte ineditas ou não colleccionadas) e a *Cartilha maternal.* É uma orientação necessaria para acompanhar a evolução normal de um genio tão complexo, e tão despreoccupado de si proprio, a ponto de carecerem as suas mais bellas poesias de serem collacionadas sobre todas as variantes, como se faz para a restituição de um texto da antiguidade classica.

Em um primeiro esboço biographico de João de Deus, formulámos: «A acção de João de Deus sobre a poesia moderna portugueza precedeu o movimento critico e philosophico dos *Dissidentes* de Coimbra; e sem conhecer a renovação das doutrinas metaphysicas, nem as theorias sociaes, nem o physicismo das sciencias naturaes, nem a indisciplina revolucionaria, sem ter em vista romper com o passado nem proclamar novas affirmações, como é que elle fecundou duplamente a poesia portugueza pela sua obra e pela sua influencia immediata? Isso que a todos arrebata, isso que é bello porque não é exclusivamente individual, essa vibração que fascina e inspira, é uma orientação tradicional que depois de Camões os poetas portuguezes perderam, e que João de Deus por um tino genial soube tornar a achar. Entraram em Portugal as correntes do satanismo byroniano, do pessimismo de Baudelaire, do scepticismo exhausto de Musset e dos grandes gritos de justiça de Victor Hugo; os ruidos passam, esquecem-se, e os versos de João de Deus ouvem-se por cima dos córos tempestuosos na sua limpidez de melodia matinal, imperturbavel como uma voz da natureza. Nenhum d'entre os modernos poetas portuguezes tem, como elle, uma individualidade poetica tão sua e ao mesmo tempo tão nacional». É ao accentuar a renovação do lyrismo por João de Deus, que melhor se definem as phases da poesia portugueza moderna estabelecendo a sua genealogia desde os ultimos lampejos arcádicos transmittidos aos epigones do romantismo até aos parnasianos, que á falta de ideal se absorvem na cultura exclusiva da fórma:

Canon da Poesia moderna portugueza

I

Epigones do Romantismo

a) Restos da influencia da Arcadia.	Filinto.....	Garrett.
	Bocage.....	Castilho.
b) Romantismo religioso ou emanuelico.....	Chateaubriand Lamartine Delavigne Klopstock	Herculano.

II

Os Ultra-romanticos

a) Persistencia do Romantismo religioso, sentimental e ossianesco.....	João de Lemos. Augusto Lima. Corrêa Caldeira. Antonio de Serpa. Xavier Cordeiro. Pereira da Cunha. Soares de Passos.
b) Romantismo liberal (phase das *Odes e Balladas* e *Orientaes* de Victor Hugo) e começo do pessimismo de Musset.....	Alexandre Braga. Mendes Leal. Palmeirim. Bulhão Pato. Camillo Castello Branco.
	Ernesto Marecos. Thomaz Ribeiro. Eduardo Vidal. Julio Diniz. Ernesto Pinto.

III

Dissidentes de Coimbra

Apparecimento do genio espontaneo precursor da Escóla de Coimbra.....	João de Deus.
a) Sob a influencia de Victor Hugo na phase dos *Chatiments*, e de Byron e Baudelaire.....	Anthero de Quental. Guilherme Braga. Gomes Leal. Guilherme de Azevedo. Guerra Junqueiro. Alexandre da Conceição. Fernando Leal, etc.

b) Sob a influencia de Victor Hugo na phase da *Lenda dos Seculos*, e da Philosophia positiva.	Theophilo Braga. Teixeira Bastos. Luiz de Magalhães. Antonio Feijó. Freitas Costa.
c) Parnasianos, cultivando exclusivamente a fórma.	Gonçalves Crespo. Jayme Seguier. Cesario Verde. José de Sousa Monteiro. Joaquim de Araujo. Conde de Sabugosa. Sousa Viterbo. João Penha. Luiz Osorio. Accacio Antunes, etc.

Quando se manifestou o genio poetico de João de Deus, a poesia portugueza obedecia á mesma decadencia geral, que a situação europêa lhe creára; abundavam os metrificadores sem vocação, os versejadores politicos, as mediocridades habeis. A verdadeira regenerescencia só podia provir da aproximação do elemento popular, isto é, da grande classe do proletariado, livre das ambições do poder e das falsas idéas de uma metaphysica pedantocratica, dirigida pela realidade pratica da vida, pela espontanea noção do dever, em que a necessidade do trabalho submette os impetos da personalidade á dependencia da sociabilidade. Com a mais profunda comprehensão da crise da civilisação moderna, Comte previu esta solidariedade entre a grande classe do proletariado e os pensadores positivistas para a organisação da nova synthese social. É d'ella que hão de surgir os grandes artistas, pela espontaneidade e contacto com o espirito popular. João de Deus, nascido em S. Bartholomeu de Messines em 8 de março de 1830, pertencia a uma honesta familia proletaria, onde se trabalhava para comer; seu pae era um pequeno commerciante, e sua mãe a providencia de quatro filhos creados sob um regimen de bondade absoluta. O poeta ainda falla com emoção d'esse vulto que se alevanta nas suas saudades da infancia:

É minha santa mãe, de olhar piedoso,
O mesmo santo olhar, em que inda penso...
O mesmo collo, onde andei suspenso,
Como avesinha em ninho o mais mimoso!

Na Carta em tercetos, intitulada *Maria*, descreve João de Deus com traços ingenuos os tempos da sua mocidade:

Que bello tempo aquelle emquanto pude
Levar como tu levas, todo o dia
N'essa vida chamada ingrata e rude.

Nunca soube o que foi melancholia,
Nunca provei as lagrimas salgadas
Com que a nossa alma as penas allivia;

Andava sim por essas cumiadas
Ao sol, á chuva, muita vez, sósinho,
Vendo os valles, das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,
De pontal em pontal, cortando o matto,
Pélas chapadas, fóra do caminho;...

É que a gente na sua mocidade
Não cabe em si, não pára de contente;
E assim fui eu na flôr da minha idade...

Um dos filhos seguiu a vida do commercio, dotado de uma intelligencia natural que contrastava com a falta de cultura systematica; outro, depois de uma adolescencia irrequieta seguiu os estudos para padre; ha ainda um outro irmão que morreu victima da doença horrivel e prolongada que Xavier de Maistre idealisou no seu bello romance do *Leproso de Aoste*. Esse desgraçado com a consciencia da sua situação, e sem desespero tinha nas suas palavras um espirito de submissão ás leis naturaes que não comprehendia, e em vez de ser consolado era elle o consolador de todas as tristezas que o cercavam.

Alludimos a este facto, porque desde que o poeta nol-o revelou, ficámos comprehendendo a verdade d'essa melancholia

da sua linguagem, a pureza do sentimento que lhe suscitam todas as desgraças, emfim esse realismo das suas descripções, e a indifferença por todas as doutrinas transitorias diante da synthese espontanea da moralidade. A philosophia, que tem por scopo disciplinar as intelligencias para vir a reconstituir os costumes, acha-se logicamente em harmonia com o estado mental e moral do proletariado, liberto das entidades ficticias e nominaes das decahidas doûtrinas, e das ambições egoistas das classes ricas e letradas que disputam o poder. Comte, reconhecendo esta relação, conclue: «A impulsão regeneradora depende sobretudo da intima alliança entre estes dois elementos extremos da ordem final. Apesar da sua diversidade natural, todavia mais apparente do que real, elles possuem na essencia muita affinidade intellectual e moral. Os dois generos de espirito apresentarão de cada vez mais o mesmo instincto da realidade, uma semelhante predilecção pela utilidade e uma igual tendencia para subordinar os pensamentos de detalhe ás vistas de conjuncto. — Quando estas sympathias fundamentaes pudérem accentuar-se bem, sentir-se-ha que todo o operario constitue, sob muitos aspectos, um philosopho espontaneo, como todo o philosopho representa, sob diversas maneiras, um proletario systematico» [1]. Foi este estado mental e moral em que se passou a mocidade de João de Deus, e que se reflectiu sempre em todas as suas manifestações artisticas, que libertaram aquella organisação esthetica da deformação pedantocratica dos dois terriveis meios que atravessou na sua existencia: a Universidade e o Parlamento. Um positivista systematico não se defenderia melhor contra os destemperos da metaphysica doutoral dissolvente, nem da anarchia das ambições dirigentes que se alastram nos debates parlamentares. Aproveitando a lucidez natural revelada na primeira cultura, João de Deus foi mandado para Coimbra em março de 1849, para seguir uma formatura em direito, que lhe abria o caminho da vida pratica como advogado ou como magistrado. Coimbra ainda se resentia da agita-

[1] *Politique positive,* t. I, pag. 129.

ção politica de 1847, em que a nação se insurgiu contra as prepotencias de D. Maria II, chegando a Junta revolucionaria d'alli, presidida pelo marquez de Loulé, a estabelecer uma regencia, a declarar destituida a rainha, e a ameaçal-a com a sorte de Luiz XVI; pela sua parte a rainha não comprehendendo a reclamação nacional chamou sobre Portugal a *intervenção armada* da Hespanha, Inglaterra e França, que a sustentou no throno. Assim ficou moralmente morto este povo, que nunca mais resistiu contra os sophismas e expoliações do constitucionalismo; a intelligencia portugueza atrophiou-se em uma profunda esterilidade, como o presentira Quinet no seu eloquente protesto historico. Na classe academica as aspirações intellectuaes estavam substituidas pela monomania anachronica da valentia; as praxes da troça escolar estavam no seu rigor medieval, os lentes por uma boçalidade quasi geral forneciam as anecdotas para o pabulo do cavaco, e o calão conimbricense da *cábula* e de *andar á lebre* era expressão da vida real. N'esta época de desalento profundo é que se produziu a apathia physica e moral que estragou as gerações academicas que vieram encher as secretarias, ou se deixaram annullar em uma imbecil inactividade provinciana. João de Deus resentiu-se d'este deploravel meio, contra o qual reagiu em alguns dos seus epigrammas e satyras; e como proletario, o bom-senso natural é que inspira tambem essas outras satyras do dinheiro, da aristocracia e da realeza, que se destacam entre as suas inimitaveis canções amorosas. De 1849 a 1855, em que apparece a primeira composição de João de Deus, a sua vida academica passa-se na apathia e descuido completo da propria formatura, que veio a terminar em 1859, ao fim de dez annos *como a guerra de Troya*, que elle proprio tomava para termo de comparação. Sómente depois de 1855 é que começou a ser o João de Deus, das successivas gerações academicas.

Antes de João de Deus revelar a alta capacidade de *idealisação*, creára em volta de si um enthusiasmo suggestivo, provocado pelos extraordinarios poderes de *expressão*, de que era dotado. As suas faculdades de *expressão* manifestavam-se espon-

taneamente pela linguagem pittoresca e eloquente de um conversador incomparavel; pela inspiração musical com que improvisava na banza os mais rendilhados caprichos sobre as melodias populares; pela graça do desenho, com que esboçava as imagens da sua phantasia sobre as margens dos livros da aula, nos albuns dos amigos, nas paredes do seu quarto. Foram estas manifestações que lhe crearam o primeiro circulo de amigos. A *expressão* poetica não lhe repugnava, mas o meio pervertido pelos soláos e xácaras ainda em moda, é que o não suscitava; contrapunha a esse arrebicado convencionalismo, a essa sentimentalidade banal as reminiscencias da poesia do povo com que fôra embalado na infancia, cheias de expressões simples e profundas que synthetisam a existencia humana. Os devaneios melodicos despertaram-lhe este mundo de poesia, que o fortificava saudavelmente contra o exagero ultra-romantico, e o levaram a procurar o aspecto ideal da realidade. Em uma estrophe do poemeto digressivo *A Lata*, expõe esta concepção:

Oh! ha tres vistas com que as coisas vêmos;
Ha tres razões que as coisas determinam;
Uma a dos olhos; outra a que escondemos
N'isso ante que os álamos se inclinam;
Outra, a que dentro no coração temos,
Que os limites do espaço só terminam;
Coube a primeira em sorte á borboleta;
A outra ao homem; a terceira ao poeta [1].

Espontaneamente achava-se João de Deus formulando uma clara systematisação psychologica: do estado de objectividade concreta do animal; da reacção subjectiva da consciencia do homem sobre a realidade; e da transformação da realidade em uma apparencia ideal pela emotividade do poeta.

Vê-se que elle comprehendia a missão synthetica do poeta; talvez por isso ainda em 1855 não revelára a altissima vocação. No emtanto, a sympathia com que o cercava a geração academica era um reconhecimento do seu poder artistico; o *João* era

[1] *Flôres do campo*, pag. 130, 2.ª edição.

o typo lendario, de que se fallava com encanto, de quem se contava as excentricidades de contemplativo. E quando elle fazia retinir no largo da Feira em vespera de feriado a banza gemente, acudiam os grupos, envolviam-no, e iam todos levados para o Penedo da Saudade, para a Fonte do Castanheiro, ao som das melodias populares do *Choradinho*, do *Ladrão, ladrão*, do *Fado da Severa* e *Agua leva o regadinho*, recordando as feições tradicionaes de cada provincia. A viola de arame, dominava-a tanto como o José Doria. Este medico, bella figura de peninsular, assombrava todos com as suas variações na viola sobre o *Fado de Coimbra;* o prestidigitador Hermann, que fôra a Coimbra em 1859, ficou maravilhado com o desconhecido instrumento e com o tocador. Joaquim de Vasconcellos, na enthusiastica biographia de José Doria, descreve esses extraordinarios effeitos: «A canção popular, tristemente monotona, transformava-se em queixa plangente, passava de repente á agitação febril, acalmava, permanecia serena por algum tempo, continuava assim em languido abandono, recrudescia novamente, abrandava e subia ainda do *pianissimo* mais suave, de um suspirar imperceptivel até á furia desenfreada, desencadeando-se por corridas e arpejos phantasticos que iam terminar em um ultimo suspiro. — A canção popular apparecia simples, sem enfeite nem adorno; depois vinha a primeira variante, a segunda, a terceira, quarta, quinta, sexta, decima, vigesima; no fim, já sem numero, em jôrro continuo e inesgotavel» [1]. Depois de José Doria, para que João de Deus fosse ouvido na viola com encanto, é porque elle dispunha de pasmosas faculdades de expressão musical; essas melodias eram sempre acompanhadas da letra tradicional ou improvisada. Assim se operava a iniciação espontanea do genio poetico, apoderando-se da belleza do verso octonario, tão desnaturado pelos ultra-romanticos da escóla de João de Lemos; e da phrase musical apropriava á estrophe as repetições de palavra com que restabelecia os retornellos das antigas fórmas provençalescas. A leitura de Camões revelou-lhe

[1] *Os Musicos portuguezes*, t. I, pag. 88.

toda a poetica da Renascença, derivada dos trovadores, e prolongando-se automaticamente até ás Arcadias do seculo XVIII. João de Deus caíu em uma apathia profunda, em um estado contemplativo, que o fazia inconsequentemente perder os annos do curso juridico; era a chrysalida na evolução mysteriosa da borboleta. O poder de *expressão*, que manifestára na eloquencia descriptiva familiar, no desenho á penna, e na musica, á medida que o seu espirito se desenvolvia syntheticamente, era substituido por um novo poder de *idealisação*, para a qual carecia de uma linguagem ampla para abranger todas as manifestações da existencia. Estudou então a poesia. Comte, collocando á frente da hierarchia esthetica a Poesia, accrescenta: «na essencia, ella é mais popular do que nenhuma outra fórma da arte, primeiramente em virtude d'esta aptidão mais completa, e depois pela natureza dos seus meios de expressão, immediatamente tomados da linguagem usual, o que a torna intelligivel a todos. A versificação é, sem duvida, indispensavel a toda a verdadeira poesia; porém ella não constitue de nenhum modo uma arte especial. Apesar da sua fórma distincta, a linguagem poetica nunca é mais do que um simples aperfeiçoamento do idioma vulgar, de que ella só differe por melhores fórmulas. A sua parte technica reduz-se á prosodia, que cada qual póde facilmente aprender em alguns dias de exercicio. Esta connexidade com a linguagem universal é por tal modo intima, que nunca o genio poetico pôde fallar com successo uma lingua morta ou estrangeira. Além de que a Poesia comporta mais generalidade, espontaneidade e popularidade, a arte por excellencia é tambem superior a todas as outras em quanto á sua commum funcção caracteristica, a *idealisação*. É de todas a que idealisa mais, e ao mesmo tempo a que incita menos» [1]. O abandono da musica, do desenho e da eloquencia pela Poesia, explica-se em João de Deus pela luminosa phrase de Comte: «á medida que as predilecções estheticas preponderam sobretudo para a *idealisação*, sem conceder muita importancia á *expressão*». Pelo estudo das composições de

[1] *Politique positive*, t. I, pag. 291.

João de Deus no seu periodo de Coimbra, acha-se com frequencia o verso imperfeito ou mal rimado, sem comtudo essa negligencia technica da expressão empanar a belleza da idealisação; mas facil lhe foi adquirir a technica da metrificação endecasyllabica e surprehender todos os segredos do lyrismo [1], sem comtudo se amesquinhar na cultura exclusiva da expressão, como os parnasianos. Elle, adquirindo a linguagem da poesia, deu-lhe toda a generalidade, espontaneidade e popularidade, que logo o destacaram de todos os seus contemporaneos, e lhe vulgarisaram os versos por todo o paiz. João de Deus não teve aprendizagem; a elaboração dos seus versos era submettida á idealisação: compunha mentalmente estrophe a estrophe sobre modismos populares, que lhe davam o effeito da espontaneidade, e recitava aos amigos que se apressavam a fixar a composição pela escripta. Ainda hoje João de Deus compõe mentalmente n'uma passividade contemplativa; é assim que se explica a variedade das lições dos seus versos, conforme o texto fixado pelo amigo que os escrevera. Quando mais tarde esses versos, assim apanhados e publicados nos jornaes do paiz, foram colligidos em volumes por iniciativa de outros amigos, aconteceu que a lição preferida não foi sempre a mais bella ou a mais completa, succedendo até incluirem um *amphiguri* que lhe não pertence.

Os primeiros versos de João de Deus, que foram publicados, appareceram na *Revista academica*, com a data de 15 de junho de 1855; têm o titulo *Oração*, com a rubrica *Á excellentissima senhora D. R. C. N.* É um drama pungente o que inspira essas sentidas estrophes; *D. Rachel Candida Nazareth* era uma das mais formosas meninas de Coimbra, no esplendor da idade e da graça; João de Deus viu-a repentinamente declinar, empallidecer, minada pela tysica incipiente. A *Oração* nasceu d'este pezar da ruina que se passava aos olhos de todos; é um grito de piedade, de amor desinteressado e humano:

[1] Na poesia *A uns olhos azues* (*Flôres do campo*, pag. 119), vem correcto o verso: «Como o falso Dagon ante Jehovah», que na primeira redacção, com o titulo *Cae tudo*, vinha imperfeitamente: «Como a estatua de Dagon ante Jehovah!», e para o qual em nota pedia tolerancia.

Olha por ella, tu, dos céos que habitas,
Do mundo o creador!
Ampara o lirio delicado e fragil,
Ampara a tenra flôr!

Do manto que te envolve e d'onde pendem
Sóes sem conto, dos céos,
Ella baixou á terra, estrella tua,
Anjo dos anjos teus.

. . . . . .

Não permittas que a dôr seus labios murche,
Senhor, que és Deus e pae!
Senhor, a cujo halito vacilla
O mundo, e o cedro cae.

Ah, nunca os olhos seus lagrimas turvem
De acerba anciedade,
Nunca, Senhor, por ti! que em sóes te firmas
Dos céos na immensidade.

A gentilissima Rachel pouco resistiu ante a tuberculose implacavel; mas poucos dias depois da sua morte fallecia tambem a desolada mãe; a emoção foi profunda entre a mocidade academica. João de Deus escreveu a sublime elegia intitulada *Rachel,* com a epigraphe *Labitur ex occulis quoque gutta maris,* de Ovidio [1]. Repetia-se em Coimbra com lagrimas; era dedicada a uma irmã que lhe sobrevivia:

Despe o lucto da tua soledade,
E vem junto de mim pomba esquecida
Do orvalho do céo!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher! sou irmão teu.

[1] Na edição das *Flôres do campo* tem o titulo explicativo *A D. Candida Nazareth, por occasião da morte de sua irmã Rachel e poucos dias depois de sua mãe.*

Na edição das *Flôres do campo*, a elegia termina na incomparavel estrophe em que alludc á morte da mãe após a da filha:

> ... mãe e irmã, cinzas cobertas
> De um só *lanço* de terra... oh desventura!
> Oh destino cruel!
> Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
> Guiando-se uma á outra á sepultura,
> E a mãe: Rachel! Rachel!

Na lição esparsa nos jornaes contemporaneos vem uma outra estrophe final, não menos bella, referente á irmã orphã, a quem se dirigira no começo, terminando logicamente:

> Desde então á janella do occidente
> Te vejo, como a bussola em seu norte,
> Fita, pensando... em que?
> Oh não vôes tambem, pomba innocente,
> É grande a eternidade, é certa a morte,
> Espera, vive e crê!

O grande poeta tinha encontrado o seu caminho; sabia dar expressão aos mais delicados sentimentos e ás maiores dôres humanas. Póde-se-lhe applicar a eloquente phrase de Renan, descrevendo as relações do genio com a alma de um povo: «Elle deu uma linguagem e uma voz a estes instinctos mudos, que comprimidos na multidão, sêr essencialmente gago, aspiram a exprimir-se, e que se reconhecem nos seus cantos: — Oh poeta sublime, nós eramos mudos, e tu nos déste uma voz. Nós nos procuravamos, e tu nos revelaste a nós mesmos — » [1]. De 1855 a 1859, em que terminou a formatura de direito, João de Deus nada publicou; a circumstancia de apparecer o prestidigitador Hermann em Coimbra, que dedicára um beneficio para a sociedade *Philantropica Academica*, n'esse anno, obrigou-o á gentileza de consagrar-lhe uma bella ode em nome d'aquella institui-

[1] *L'Avenir de la Science*, pag. 195.

ção. Na edição das *Flôres do campo* traz a epigraphe insignificativa: «*Por occasião de um beneficio a um asylo*», e variantes numerosas; falta-lhe porém a seguinte estrophe das edições avulsas:

Onde ha ramo no mundo em que não pouse
Avesinha do céo? espinho, palma,
Sem um docel azul?
Um peito que n'um peito não repouse?
Dois olhos, entre os quaes não gire uma alma,
Como seu norte e sul?

Porque a omittiria o poeta? porque a esquecera. Factos d'esta ordem são frequentes nas collecções impressas, que o poeta no seu desprendimento não formou nem dirigiu; d'aqui a imprescindivel necessidade de estudar o seu texto para saber julgal-o.

Depois da formatura, João de Deus deixou-se ficar em Coimbra até 1862, d'onde saíu depois de lhe faltarem as gerações academicas por quem era adorado; durante esse tempo apenas publicou em 1860 uma poesia no *Atheneu* (n.º 4, pag. 124), e em 1861 uma traducção da pequena ode de Victor Hugo *Puisque ici bas tout âme,* com o titulo *A ti,* nos jornaes contemporaneos [1], reproduzindo-a da *Estrêa litteraria,* pequena revista encetada por estudantes para acudirem a um condiscipulo pobre; em 1862 ditou a celebre satyra do *Pires de Marmelada,* que um outro poeta, Guimarães Fonseca, que morreu victima da imitação de Musset, ia escrevendo. O lente de theologia, D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello, ex-frade cruzio, reprovára um estudante por se ter apresentado na mesa do exame sem ter rapado o buço; o estudante era companheiro de casa com João de Deus, e o poeta consolou-o ridicularisando o lente boçal, que era conhecido em Coimbra pela alcunha do *Marmelada.* A satyra foi repetida por toda a Academia, e não é possivel lêl-a bem sem um accesso de gargalhadas. A Universidade estava então em um dos seus periodos de maior rebaixa-

[1] Sem titulo nas *Flôres do campo,* pag. 59, 2.ª ed.

mento intellectual; João de Deus, que passou desconhecido dos lentes, synthetisa n'um epigramma:

Toca a capello, vou vêl-o,
E vejo de toda a côr,
Não doutores de capello,
Mas capellos de doutor.

Os capellos vermelhos, verdes, amarellos, brancos, azues, distinguiam entre si as faculdades nos doutoraes, segundo as suas precedencias manuelinas; o poeta via-os de todas as côres, mas não via um sabio, uma notabilidade scientifica. Elle estava livre da perversão metaphysica d'esse velho reducto da Scholastica. Outros epigrammas do seu tempo de Coimbra, como o Soneto intitulado *Gaspar*, atacam o preconceito nobiliarchico incompativel com o desenvolvimento do proletariado moderno. Por um instincto natural volta por vezes ao mesmo assumpto, como no seguinte *Epitaphio:*

Aqui jaz um fidalgo portuguez,
Fidalgo d'uma vez.
Jaz? Não; vive na Historia;
E viverá, que ahi não ha pretérito.
Teve este heroe a gloria...
Sim, o talento, o merito
De ser em mão de rédea em todo o mundo
Uns dizem que o segundo,
Eu digo que o primeiro.
Era um soberbo e optimo cocheiro!

Pouco depois da sahida de João de Deus de Coimbra começou a publicar-se *O Phosphoro,* e em seguida o *Tira-teimas,* onde appareciam as composições ineditas que João Vilhena e Rodrigo Velloso copiaram do ditado do incomparavel poeta; d'esses pequenos jornaes litterarios passaram para os jornaes de todo o paiz, e o seu nome tornava-se repentinamente glorioso. Essas poesias representam a elaboração que se passou na sua mente desde 1855 a 1862, e bem merecem ser estudadas nas variantes fundamentaes em relação ao deploravel texto das *Flôres do campo,* falho de numerosas estrophes, e mais frio nas

correcções do que na concepção inicial. Durante esses sete annos de efflorescencia poetica de Coimbra o lyrismo de João de Deus apresenta dois aspectos: o *satyrico* e o *amoroso*. Um é transitorio, provocado pelo meio, o outro é fundamental e o que prevalece na sua idealisação, e com tanto mais assombro, quanto a poesia amorosa estava desacreditada pelo personalismo de impertinentes anonymos que se lançavam á enxurrada ultra-romantica. A satyra, em João de Deus, era impessoal; era ainda uma fórma da *troça* academica, como vimos pelo *Pires de Marmelada*. Quando os conflictos do meio politico o envolverem, veremos como elle se liberta pela satyra d'essa corrente deleteria, dando-lhe um novo caracter.

Pela sua indole verdadeiramente popular, que lhe revelava as fórmas da canção, e ao mesmo tempo o valor dos themas poeticos tradicionaes, João de Deus tirou da situação angustiosa de pobreza uma manifestação nova de idealisação, na inimitavel satyra do *Dinheiro*. Serviu-se da cantiga do povo:

Coitado de quem não tem
Na bolsa *talim*, *talim* [1].

Sobre esta neuma onomatopaica bordou as mais deliciosas estrophes, que se decoram espontaneamente. Reproduzimos duas d'ellas para se admirar a factura:

O dinheiro é tão bonito:
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça o maldito!
Tem tanto chiste o ladrão!
O fallar? falla de um modo!
Todo elle, aquelle todo...
Ellas acham-no tão guapo!
Velhinha ou moça que o veja,
Por mais esquiva que seja,
Tlim!
Papo.

[1] Esta epigraphe foi supprimida na edição das *Flôres do campo*, pag. 147, prejudicando a belleza da neuma epigrammatica do estribilho. A ultima estrophe tem cinco versos inteiramente differentes do texto usual. Intitulava-se *L'Argent*.

N'essas especies de exames
Que a gente faz em rapaz,
São milagres aos enxames
O que aquelle diabo faz!
Sem *pescar* nem patavina
De grammatica latina,
Quer-se um moço d'alli fóra?
Vai elle, com taes fallinhas,
Taes gaifonas, taes coisinhas...
Tlim!
Ora...

Além da belleza da estructura estrophica, ha o extraordinario effeito pittoresco dos modismos e giria popular, em volta da personificação do *Dinheiro*. Foi assim que idealisaram o dinheiro os troveiros da Idade-média, e essa classe dos estudantes pobres das Universidades, os goliardos, que mantinham uma relação intermediaria do povo com os eruditos latinistas, como se vê de uma poesia latina em fórma dithyrambica, a *Satyra do Dinheiro* e ainda mais tarde nos alexandrinos hespanhoes do Arcipreste de Hita, onde passa aquelle espirito de revolta contra o poder espiritual, tão caracteristico nas litteraturas occidentaes.

Esses versos monorrimos do Arcipreste de Hita são o ecco vivo dos troveiros da Idade-média; mas esse ecco não se perdeu ainda depois das grandes descobertas da America e da India, que augmentaram phantasticamente a riqueza da Europa. Para os poetas satyricos o Dinheiro é o verdadeiro cavalleiro andante, como o pinta Quevedo na sua Letrilla graciosissima:

Poderoso caballero
Es Don dinero.

Quevedo consagrava no seu estribilho o titulo de *Dom Dinheiro*, dos velhos fabliaux francezes [1]; em um dialogo entre a *Ovelha e o Dinheiro*, este falla orgulhosamente dos seus poderes, satyrisando a sociedade:

[1] Jubinal, *Jongleurs et Trouvères*, pag. 93: o fabliau intitulado *Dan Denier*.

Par moi fet l'en chaucie et pont
De fust, de pierres et de grès;
Et de ces fols hommes engrès
Faz-je souez et débonère
Et tels com je vueil à moi plère;
Et noires et blanches nonnains
Faz-je saillir de mains pelains;
Et moines blans et moines ners
Faz-je sovent batre mal ters,
Qui me donent à granz poingnies
Dont il ont de beles brachies,
De dames et de demoiseles
Qui sovent s'en montent sor eles,
Por l'amor de moi; qui me done,
Son voloir à ce est la somme... [1]

O thema do *Dinheiro* era um dos mais queridos da idealisação poetica da Idade-média, sendo elaborado em todas as fórmas litterarias, como se vê pelo *Initium Evangelii secundum Marcas argenti,* com que se apodava a simonia ecclesiastica [2]. No desenvolvimento da historia das litteraturas, á critica pertence determinar os grandes themas estheticos sobre que os genios individuaes se exerceram universalmente. A intuição que levou João de Deus, na situação do *estudante pobre* da Idade-média, a compôr a bellissima canção satyrica do *Dinheiro,* e a encontrar-se com os veios tradicionaes da poesia franceza e hespanhola, é uma das comprovações mais evidentes da organisação synthetica, que o fez reproduzir espontaneamente na evolução do seu lyrismo todas as grandes correntes da lyrica moderna, desde Dante e Petrarcha até Victor Hugo. É este um dos pontos de vista mais seguros para bem apreciar a sua obra.

Estamos ainda na época de Coimbra; a incerteza da vida levava-o para a satyra. A *Lata* começou a ser escripta n'esta situação moral; era uma série de oitavas endecasyllabas contra o celibato clerical, outro thema satyrico da Idade-média, em

[1] Jubinal, *Nouveau recueil de Contes, Dits, Fabliaux,* etc., t. II, pag. 265.

[2] Edelestand Duméril, *Poésies populaires latines antérieurs au XII siècle,* pag. 407.

que as *agapetas* da egreja primitiva eram conservadas sob o nome de *focarias,* para corrigirem a solidão do celibato:

Ignoro a causa porque o sacerdocio
Das mil e uma communhões (não trato
Da verdadeira — que é a nossa) ao ocio
Contemplativo ajunta o celibato!
Não ter na vida carinhoso socio,
Na mágua espelho, no prazer retrato...
É triste! (excepto se em vez d'um ou d'uma...
O frade a muitas o bordão arruma).
Foi esta, ao menos, a resposta dada

A quem de padres entendia tanto —
Que inda os fulgores d'essa luz sagrada
A Brandões mettem pejo e espanto!
« Deixai que o padre tenha esposa amada! »
Gritava em Trento o Arcebispo santo;
Quando um finorio, que é já santo, ao ouvido
Lhe disse: « Muitas... é melhor partido... »

O poemeto da *Lata* chegou a ter sessenta e duas estrophes, e circulou em Coimbra em folha volante. João de Deus, pela sua perfeita organisação de artista, não podia fixar-se na obra transitoria da satyra, e insensivelmente achou-se proclamando um hymno de amor. A *Lata* foi colleccionada nas *Flôres do campo* (pag. 129) como fragmento, desprezando o poeta as primeiras quatorze oitavas, e seguidamente a estancia dezenove, vinte e tres, e quarenta e nove; accrescentou-lhe porém mais seis oitavas, em Evora, proclamando em vez de sarcasmo o amor:

Amor é a palavra, o brado eterno
Solto por Deus ao vêr já feito o mundo,
Que fez tremer os carceres do inferno
E o sol ficou da côr d'um moribundo:
A primavera, estio, outomno, inverno,
Terra, céo, alma pura, bicho immundo
Tudo ahi cabe á larga de tal modo
Que n'essa concha Deus se fecha todo.

(*Continúa*).

Theophilo Braga.

A EVOLUÇÃO DAS IDÉAS

NO

SECULO XIX

I

Na hora alta a que vai este seculo, quando apenas meia duzia de annos nos separam do que deve succeder-se-lhe, é natural que a todos occorra o proceder a um como que balanço do que elle nos lega na ordem das idéas e no conjuncto dos factos.

Nascendo, quando uma revolução de natureza politica e de intuitos philosophicos acabava de agitar o mundo, convulsionando-o em quasi todos os seus fundamentos, e sujeito desde o alvorecer á influencia que exercia ainda uma geração que acabava de operar tão grandes e tão imprevistas coisas, elle póde ser denominado o seculo dos ideologos, e é sob este ponto de vista que cumpre observal-o e definil-o.

Com effeito, apesar do espantoso predominio que a plutocracia acabou por exercer, foram os ideologos os que durante um largo periodo trouxeram suspensas dos seus labios, que a utopia inflammava e que a illusão aquecia, as nações e os individuos.

Ideologo foi o proprio Napoleão I, que aliás se comprazia em combater todos os que enfermavam d'esse para elle pesti-

lento mal, e ideologos foram afinal quantos por qualquer modo intervieram um momento na trama dos acontecimentos que encheram este extenso espaço de tempo.

Mas assim como os encyclopedistas francezes e os reformadores allemães mal presentiam talvez o echo enorme que haveriam de ter no mundo as suas especulações philosophicas e a sua exegese theologica, assim como esse audaz demolidor de thronos estava longe de suppôr que com o seu feitio cesarista e auctoritario ia afinal servindo a revolução e a democracia, assim tambem aquelles que então se riam dos lunaticos e visionarios architectadores de idéas e até estes mesmos, nem sequer imaginavam a possibilidade de serem as suas utopias e chimeras que decisivamente interfeririam no movimento social e modelariam ao seu influxo toda uma geração nascente.

Foi porém isso o que aconteceu, e aquelles que menos imbuidos se julgavam pelos principios que ao seu bom-senso repugnava, lá tinham já no coração e no cerebro a pequenina picada invisivel, demonstrativa da inoculação *do mal,* que alastraria e acabaria por adaptal-os ou por eliminal-os.

Sómente como estas especies de vaccina demandam uma tal ou qual unidade de tempo para exercerem a sua acção, succede que nem sempre a simples analyse visual das multidões basta para a descobrir. E assim se explicam contrasensos apparentemente inexplicaveis.

Veja-se por exemplo a França: em politica a corrente dominante do principio do seculo era democratica, litterariamente a opinião estava ainda com os classicos, e em philosophia vegetava n'um metaphysismo simples, ou decahia para um criterio em extremo negativo, para tudo emfim que não demandasse grandes contensões cerebraes nem emmaranhadas complicações de analyse.

E, exceptuando a Allemanha onde Klopstock e Gœthe pensavam, era isto o que com maiores ou menores variantes se passava em toda a Europa central, nos seus nucleos intellectuaes, bem entendido.

Politicamente porém, toda a primeira metade d'este seculo

enche a historia com as explosões mais ou menos intensas de revoluções locaes, de protestos de demolição contra o existente, acabando essas explosões denunciadoras da existencia de activos germens vulcanicos em ebullição, por interessar mais do que as camadas cultas dos differentes paizes, pois principiavam já a despertar algumas forças novas e desconhecidas, nem devia admirar este phenomeno: pois não era muito que as almas simples dos plebeus imaginassem estar para surgir um mundo novo, quando ainda tempos antes espiritos da envergadura genial de um Gœthe viam no desmoronamento da Bastilha uma outra éra começando para o mundo, e ainda cinco annos mais tarde recordavam « esses dias de dôce esperança em que se sentia o coração expandir-se e bater mais livremente no peito aos primeiros fulgores do novo sol... »

Depois, annos passaram, a epopeia napoleonica desfez-se, parte da vasta construcção revolucionaria de 1889 desfez-se tambem; a Prussia de Stein, de Shanhorst e de Fichte estava já meio erguida dos escombros de Tilsitt, e se percorrera todos os povos — da Hespanha á Russia — um fremito novo de enthusiasmo, e paizes mais ou menos encravados no velho cadoz das monarchias auctoritarias e absorventes, um momento se desprenderam do seu pesadelo de seculos e sonharam o sonho aureo da liberdade e da democracia, tudo isso esmorecera um pouco.

II

Como se dera, porém, esse esmorecimento e por qué se dera?

Por motivos diversos, mas todos elles convergindo para um fim identico.

Em primeiro logar as altas camadas cultas, que a principio haviam sido as naturaes e enthusiastas iniciadoras da revolução nos espiritos, já pelo estudo das novas bases que surgiam para a philosophia, para a religião e até para a sociedade, já pela propaganda que d'ellas faziam e até pelos ensaios locaes a que em parte procederam, tiveram porventura a intuição de que em

breve essas idéas encarnando-se nas consciencias lhes arrancariam a hegemonia que desfructavam e dariam logar a uma nova camada que procuraria elevar-se, e em virtude d'essa força instinctiva de conservação, que é mais poderosa que todas as considerações altruisticas, retrahiram-se quando se não volveram, como em muitos casos, em adversarios intrataveis e tenazes do novo modo de ser que aliás haviam preparado.

Depois a propria camada, que deveria herdar-lhes a influencia e o mando, não estando absolutamente preparada para essa funcção e não tendo apoios firmes no substractum de onde provinha, luctou desigualmente e com intermittencias e nem sempre comprehendeu a alteza do papel que era chamada a desempenhar.

Por ultimo esse substractum, de que atraz fallámos e que representa afinal o plasma vivo e transformavel da humanidade, tinha realmente a seiva e a vida, mas não tinha nem a noção da força nem a noção do direito, e antes parecia uma pesada massa inerte e amorpha, a que um mais ousado ou mais astuto poderia imprimir todas as fórmas e todas as modalidades, o que succedeu. E assim nós vimos ás vezes n'um mesmo momento historico nobreza, burguezia e povo combatendo alternativa ou simultaneamente os principios que a cada uma d'estas classes vinham servir.

Debalde a revolução de 1879 em França tinha chamado ao usufructo da propriedade um maior numero de individuos, debalde na Allemanha a burguezia tentára acordar o povo para a comprehensão dos seus naturaes interesses; debalde na Russia tantos nobres procuravam acordar o espirito da sua corporação para as idéas que vinham do occidente. A todos faltava uma larga e solida base, um firme e potente esteio, e tudo se esboroava e cahia...

Depois a burguezia, que em toda a parte tinha aliás collaborado na obra da renovação social, quando a não iniciára mesmo n'alguma das suas particularidades, a burguezia falseava tambem a sua missão historica, e sahida ainda hontem d'essa multidão desconhecida e anonyma que fórma as nações e que as

decompõe, já então aspirava a competir como emula com os nobres e com os poderosos da vespera, e receiosa por seu turno de que novas forças, que dormitavam, podessem acordar, tratava de illudir no pacto das chamadas monarchias representativas as proprias consequencias dos axiomas que tinha posto ou aceitado.

Quando isto não fazia, então fazia peor, porque se alliava francamente com os que antes chamára seus naturaes inimigos, e d'esse connubio hybrido sahiram todas as leis anti-economicas e anti-sociaes, que hoje uma philosophia mais alta e uma moral mais pura procuram extirpar dos codigos e supprimir dos costumes.

Expliquemo-nos.

III

O problema tem duas faces, uma d'ellas luminosa e bella outra tão cheia de sombras e tão baixa de intuitos que envergonharia a civilisação, se afinal fosse esta a resultante ultima dos esforços de tantos pensadores e das vidas de tantos martyres.

Vejamos a primeira para nos enchermos de nobre conformidade ao termos de encarar a segunda.

Quando a intelligencia administrativa de Napoleão encarnou nas leis de todos os povos que remanejou, muitos dos principios da revolução; quando, para poder nobilitar os seus collaboradores e os seus parentes, deu uma imperial machadada na nobreza historica d'esses povos; quando, para imprimir unidade e harmonia ás suas conquistas, levou para toda a parte a organisação e o espirito francez: succedeu que um certo escol de espiritos, constituindo por assim dizer a aristocracia intellectual dos paizes a que pertenciam, procurou enxertar na velha arvore carcomida das instituições medievas um pouco d'essa seiva que a alma da França ia deixando por onde passava. E d'ahi provieram essas generosas agitações de caracter mais ou menos

revolucionario, mas inspirado nas fontes de uma regrada democracia e de uma bem entendida liberdade que na Allemanha, em Hespanha, em Portugal, e ainda em outros pontos, procuraram despertar ou antes formar o que nós chamariamos hoje a corrente da opinião.

Este periodo realmente luminoso e fecundante, que vai do principio do seculo até quasi meado d'elle, suggeriu realmente grandes e levantadas idéas, originou nobres e proficuas luctas, e alguns germens conseguiu fazer lançar no chão movediço das paixões e dos interesses creados e satisfeitos.

As constituições que por essa quadra se elaboraram, os combates que se feriram e as victorias que se ganharam sobre a cidadella do poder antigo, são prova do arranco enthusiasta e do fogo communicativo dos assaltantes.

Sómente como a tradição é uma grande força, e nós, como disse o philosopho, somos antes governados pelos mortos do que pelos vivos, era inevitavel que a solida e pesada estatica social de então lograsse resistir aos embates da onda nova, e até dentro de pouco conseguisse mesmo modificar, pela força da inercia, o movimento impulsivo dos atacantes.

Isto se deu e a certos respeitos tão completamente que, por exemplo, entre nós alguns dos mais ferozes antagonistas da revolução de 1833 foram os antigos constituintes de 1820!

Assim em toda a parte. E d'aqui proveio que, quando a corrente burgueza estava realmente e totalmente formada ou desperta, poz de lado as aspirações de ordem ideal que um instante a haviam alvoroçado, e voltou-se pacata e prosaicamente para os seus interesses e para os seus negocios.

Foi um bem? Foi um mal? Foram ambas as coisas.

Foi um bem, porque para que toda a antiga organisação podesse ser transformada, preciso era que a força que havia de transformal-a fosse effectivamente uma força e para isso se escudasse em todos os elementos que constituem esta: o poderio, o dinheiro, o mando. Foi um mal, porque desde que ella se interessou no organismo do estado, que aliás não teve a coragem nem a aptidão de remodelar em absoluto, implicitamente come-

çou a servir-se d'elle para se servir a si e envolvendo-se em todos os meandros da administração e da politica, nem fez progredir esta nem conseguiu melhorar aquella.

Observar-se-ha que, no emtanto, a burguezia serviu a civilisação e tornou um facto a liberdade, e não pretendemos negal-o; mas já vamos vêr que precisamente, por que tendo sido revolucionaria nos seus inicios, se fez conservadora a meio caminho, e conservadora sem aliás haver tentado conservar muitas das instituições que o seu camartello destruidor anarchicamente derrubára, é que ella não merece em absoluto as bençãos dos que imparcialmente olhem os acontecimentos e diligenciem julgal-os.

Todavia, e revertendo ao primeiro ponto, o seu primeiro impulso foi um impulso bom e conseguiu incrustar nas leis, nos costumes e nos destinos sociaes, principios da mais alta e da mais bella democracia.

Depois é que os ares se turvaram; Guisot dizia-lhe *enrichissez-vous*, a *livre Inglaterra* prégava-lhe as doutrinas manchesterianas, e um sopro de insania, vindo das baixas camadas e agitando algumas chimeras perigosas, embora trouxessem dentro varias idéas justas, confinou-a no seu espirito de classe, assustou-a nos seus receios, e obrigou-a a retrahir-se na sua missão de solidariedade, de tolerancia e de emancipação.

Então a burguezia pensou exclusivamente em si; o capitalismo, como força ostensiva e determinante, fez a sua entrada no mundo, e embora continuando sempre a desenvolver os seus recursos, a aperfeiçoar a industria, a multiplicar o commercio, a utilisar a sciencia e a cortejar a politica, ella poz de lado a miragem aurea da felicidade geral, largou dos hombros a chlamyde immaculada de servidora da justiça e de protectora de todas as fraquezas, e lançou-se em toda a parte doudamente, furiosamente, absorventemente á procura do milhão, do milhão-rei, do milhão-deus.

N'esse instante perdeu para sempre de vista os seus irmãos mais novos e mais desgraçados, e mascarada com titulos varios deixou no caminho a dôce simplicidade austera, que a fizera grande e que a tornára forte.

Mas, coisa curiosa, quanto mais se afastava do povo, mais apparentava querer servil-o e maiores liberdades reclamava para elle: não se esquecendo, porém, de as sophismar na execução!

E assim chegamos ao ultimo periodo em que nos encontramos agora.

Como porém, quaesquer que sejam as opiniões em contrario, a linha do progresso se vai desenrolando sempre, embora tenha sinuosidades e até desvios no caminho, succede que do meio d'essa mesma burguezia, que parece haver esquecido a sua procedencia e a sua missão, surgiu uma aristocracia intellectual que, como outr'ora a aristocracia de sangue, se fez o porta-estandarte do progresso e da civilisação, e procura, salvando a sociedade, salvar ao mesmo tempo essa civilisação e esse progresso, que, não sendo a obra particularista de uma dada classe, representa o esforço de todas ellas e constitue o bem-estar commum.

Tal é a genese das chamadas escólas socialistas.

Qual vem, porém, a ser o seu papel?

Quanto a nós o seguinte, mostrar como estão desfeitos os ideaes que agitaram a geração que nos precedeu, apontando a causa d'esse esphacelo e os meios de o remediar, d'elles extrahindo o que ainda encerram de vida — que é muito —, e harmonisar o estado com os individuos e vice-versa, visto que as correntes egoistas e materiaes, que predominaram no mundo ha um certo periodo, desviaram um e outros da noção reciproca dos seus deveres e direitos.

IV

Tanto quanto nos fôr possivel, tentaremos provar o que avançamos.

Começaremos por analysar os ideaes que estão desfeitos.

Primeiro. O ideal da ampla liberdade.

Este já hoje não póde illudir senão alguns, poucos ingenuos, que acreditem em absoluto nas tendencias beneficas da es-

pecie, tendencias que de modo algum pretendemos negar por completo, mas que só a civilisação irá radicando e desenvolvendo.

Racionalmente não se admitte, pelo menos por emquanto, ampla liberdade nem para ensinar, nem para commerciar, nem para vender, nem para dispôr.

O estado, isto é, o governo delegado das diversas unidades que compõem aquelle, não póde alienar o direito inauferivel de inspeccionar e verificar a qualidade de instrucção que se dá ás creanças, a natureza dos alimentos que se hão de ingerir, as condições em que se estabelecem as relações de procura e de troca entre os seus cidadãos, a fórma como elles procedem entre si, etc.

Desfeito tambem o ideal tão enaltecido do suffragio universal, como elle pelo menos se comprehendia, quando fez a sua apparição nas discussões sociaes e como ainda hoje o comprehendem muitas camadas.

Com effeito, o suffragio póde e deve universalisar-se, mas só póde e deve ser universal quando o grau de civilisação dos individuos fôr tão alto, que se haja attingido essa anarchia philosophica, isto é, a ausencia de todo e qualquer governo pela absoluta dispensibilidade d'elle.

Antes d'isso não, porque as especialidades, que com tanta força se caracterisam cada vez mais, obstam a que, os que não se sentirem devidamente preparados, possam emittir o seu voto em qualquer assumpto que a ellas diga respeito.

Só um systema jerarchico de bem entendidas divisões no funccionamento da machina social póde ao mesmo tempo interessar n'ella todos os cidadãos, definindo porém a cada um onde começa e onde acaba a sua interferencia individual ou collectiva.

Vote o aldeão no juiz da sua parochia civil; votem as parochias para o administrador do seu concelho; votem os concelhos para o governo do seu districto; votem os districtos para a gerencia da nação; divida-se, subdivida-se o voto, e multiplique-se a operação tantas quantas vezes fôr necessario, de manei-

ra a incluir n'ella todos os cidadãos representando todas as classes, mas que cada um superintenda só n'aquillo que o interessa e de que sabe, delegando em alguem da sua escolha, mas que reconheça mais competente, para que trate dos assumptos que, devendo tambem directa ou indirectamente interessal-o, não possam porém ser resolvidos pela sua sciencia ou capacidade, e assim successivamente.

Bem conhecemos a objecção de que, por exemplo, o aldeão é na familia um educador, na sociedade um cidadão, na nação uma unidade, etc. etc., mas isso não destroe o facto infelizmente demasiado verdadeiro e lamentavel de que esse aldeão, que póde ser dotado, e em geral é, do mais solido bom-senso e da mais completa honestidade, fóra dos assumptos do seu logar, e do seu mester não tem, pelo menos por emquanto, nem competencia, nem auctoridade para julgar e por consequencia para decidir.

Mas, como é attingido pelo imposto, como o obrigarão a servir no exercito, a pagar ao fisco, ao parocho, ao juiz, ao estado em summa, não admira que elle deseje saber como é que o juiz julga, que o exercito funcciona, que o parocho doutrína e que o estado administra; sómente assim como elle vê que para discutir os actos de um militar a catechese de um padre terá um bem fraco valor, e vice-versa, assim tambem elle perceberá que, não tendo a competencia que só os respectivos diplomas de capacidade poderão demonstrar, e quando não os diplomas, actos ou factos que victoriosamente os substituam, não está apto nem para apreciar um tratado internacional, nem para reformar o ensino, nem para legislar em religião, nem para redigir um codigo.

Ahi está, portanto, esboroada a aliás attrahente e fascinadora utopia do suffragio universal, que tem sido e será ainda em muitos casos a corrupção universal.

Vejamos, porém, ainda mais alguns ideaes desfeitos.

Temos o ideal da igualdade, sempre como o comprehendem alguns.

Não ha noção que ande mais pervertida no espirito geral

do que esta noção de igualdade, que no fundo se limita a ser o reconhecimento por parte do estado da equivalencia de direitos quando as capacidades são as mesmas, e a consagração salutar e democratica de se dever considerar tão digno perante a collectividade e tão util no ponto de vista da civilisação o operario que cava a terra e que brita as rochas, como o sabio que investiga um problema ou resolve uma equação. No mais, bem vêem todos que não existe, não póde existir igualdade desde que, segundo Letourneau, que é insuspeito, a propria natureza não é nem democratica, nem igualitaria, pois tudo n'ella é subordinado e hierarchico.

As dessimilhanças começam no campo physiologico e transmittem-se ao dominio psychologico.

É por isso que, embora a democracia seja uma bella e suggestiva idéa, não póde excluir a aristocracia, desde que nós dermos a esta palavra a sua verdadeira significação etymologica: *aristos — o melhor.*

Vamos mais longe: democracia e aristocracia são os dois termos da civilisação, e um não póde excluir o outro, porque precisamente o papel da civilisação é por processos democraticos aristocratisar o espirito, isto é, purifical-o, engrandecel-o, quintessencial-o emfim.

E imaginar que, pelo menos durante muitos annos ainda, é possivel fazer desapparecer as barreiras que a propria vida tão fortemente levantou entre um espirito e outro espirito, é desconhecer a essencia mesmo da natureza e da sociedade.

Ainda quanto a solidariedade e fraternidade haveria muito a dizer, no sentido de provar que, por mais penetrados de altruismo que tenham sido os dôces evangelisadores da bondade e da tolerancia humanas, elles não conseguiram ainda, e quiçá não conseguirão por largo espaço, melhorar este velho e indomito animal egoista e selvagem, que dormita no fundo da nossa especie, e que tantas vezes e tão medonhamente ruge dentro d'ella...

Tem-se feito muito, é certo, e nem myopes podem contestal-o, mas ha virtudes por exemplo que ainda só são d'este se-

culo: a tolerancia e a piedade entre outras, e essas mesmo não estão ainda tão fixadas pela hereditariedade e tão generalisadas pelo progresso que não deixem no escuro tristes e insanaveis lacunas, onde ellas ainda não lograram actuar.

É forçoso concluir, portanto, que, quaesquer que tenham sido os esforços e os desejos dos philosophos e dos publicistas, uma parte das suas formosas e attrahentes utopias continuam ainda no estado de utopias, e d'aquellas mesmas que a larga envergadura de um ou outro estadista conseguiu introduzir nas leis, quantas, volvidos cincoenta annos, se tanto, se vê que ou foram prematuras ou são impraticaveis!...

V

Isto era, porém, uma das faces do problema, a sua face sympathica apesar de tudo; vejamos, porém, a outra. Analysemos.

O que ganhou a grande maioria dos que soffrem com algumas das pretendidas liberdades que lhe offereceram?

É o que cumpre averiguar.

Politicamente conferiu-se-lhe o direito do voto, que aliás não se lhe explicou anteriormente, mas esse direito foi uma realeza irrisoria para essa maioria e um elemento de corrupção nas mãos dos que a exploram.

Socialmente porém, a alludida maioria continuou mais ou menos na mesma situação em que estava d'antes, e se porventura menos perseguida nas suas necessidades materiaes, mais angustiada na sua existencia espiritual.

E aqui surge um outro ideal, que se acha desfeito.

D'antes os proletarios soffriam, eram rudemente expropriados, não tinham direitos politicos, não possuiam quasi existencia juridica, e os poderes dirigentes não contavam com elles senão para, segundo a conhecida expressão, rezarem e pagarem.

Depois a revolução veiu, e nos seus generosos e civilisadores intuitos, procurou emancipar todas as servidões, desde a

servidão do corpo até á servidão da alma, sanar e remediar todas as injustiças, abater todos os privilegios e destruir todas as prepotencias, mas isso foi um curto compasso de espera, um instante de suspensão na marcha d'esse medonho carro de Jaggernatt, que na sua assoladora passagem secular vai esmagando victimas e espostejando corpos...

Passado esse instante de allucinação, ao mesmo tempo sublime e hedionda, em que a onda das supremas coleras e das audazes reclamações se espraiou pelo mundo, este tornou a ser o que era; e, com as divinas gemmas que n'elle se encerram, voltou á superficie a venenosa vasa que d'elle transuda.

Assim, as machinas, aliás representantes de um superior estadio do progresso, que deveriam ter vindo para servil-o, transformaram o homem mais ou menos consciente na multidão inconsciente e innominada, especie de engrenagem complementar, mas automatica, sem individualidade e sem existencia una; as pequenas e caracteristicas industrias locaes e caseiras desappareceram, e com ellas desappareceu tambem esse *quid* artistico e pessoal, que o operario punha na sua obra.

Assim a guerra apparentemente fundamentada ás violencias do poder civil e do poder theocratico, que parece deveria trazer apenas a libertação do espirito, sem de fórma alguma attentar contra a unidade do sêr moral, lançando em todos os cerebros uma meia sciencia mil vezes mais damnosa que a total ignorancia, deu de si esse lamentavel e vergonhoso materialismo sensual que em toda a parte inquinou as multidões, e que depois de lhes haver destruido as crenças lhes enfraqueceu os estimulos psychicos e a mola da vontade, e ameaça atacar a propria cellula primordial — a familia.

Ora se essa corrente demolidora e negativista, que produziu tão medonhos e incalculaveis males, se houvesse limitado apenas a combater e a destruir o que a malvadez ou a ignorancia humana haviam, sob color de orthodoxia, incrustado na moral austera e fecundante do Evangelho, por exemplo, o seu serviço seria imperecivel; desde, porém, que entrou no fôro intimo das consciencias e trouxe cá para fóra, para a luz crúa da ana-

lyse, as mais caras e as mais respeitaveis illusões a que ellas pediam coragem e fé, o resultado foi lançarem milhões e milhões de almas n'esse medonho e imperscrutavel abysmo da cegueira espiritual, n'essa torpe e repugnante insensibilidade poetica, que nivela os sêres humanos com os irracionaes.

E d'aqui mais um ideal desfeito, porque nem a crença n'uma suprema e indefectivel Verdade desappareceu do mundo pelo simples facto de se rirem d'ella meia duzia de scepticos ou de inconscientes, nem a transformação do fundo religioso e mystico, que constituia mais ou menos as antigas camadas, n'uma vaga aspiração indefinida de commodo bem-estar e de fria e secca honestidade, pôde ainda dar ao espirito esse impulso grandioso e nobre, que distinguiu outr'ora tantos povos e tantas civilisações.

É-se já descrente sem ter constituido para substituir essa força, alguma que pelo menos a equivalha, — a força da sciencia ou a força da moral —, e Renan podia, não ha muito, dizer com justificado fundamento, que se envergonhava de ter precisado estudar as linguas do oriente, a exegese, a theologia, a philosophia e a historia, para chegar ao mesmo resultado a que via chegar um *gamin de Paris*.

Comprehende-se a existencia de um alto e immaculado espirito como foi Littré, por exemplo, sem a necessidade do estimulo supremo da fé religiosa, porque uma outra fé não menos substancial e profunda o alimentava na vida.

Explica-se a alma ingenua e crystallina de um sabio como Darwin não precisando de outros superiores alentos senão os que lhe vinham da sua limpida consciencia e da sua poderosa vontade; mas não se comprehende nem se explica que uns desgraçados, que mal sabem sequer a razão de ser das mais simples coisas que os cercam, ponham de lado por insciencia um dos mais fortes estimulos para o caracter e uma das mais potentes alavancas para a existencia.

Aprenderam porém a descrêr, e peor do que isso, a motejar de uma idéa, que nem a sua mentalidade, nem a sua illustração logram attingir sequer, mas com isto julgam estar resol-

vido o problema da finalidade, e posto a claro o porquê das origens...

Pois, como diziamos, ainda esse ideal dos que suppozeram que a intelligencia humana podia existir sem abstracções, é felizmente n'este caso um ideal desfeito, e uma nova corrente de mysticismo, de um mysticismo a que quasi chamariamos scientifico, feito da essencia de todas as religiões e de todas as moraes, começa a desenhar-se ao longe no horisonte da civilisação, e a humanidade, não crendo já nas verdades reveladas, taes como as ensinaram as diversas egrejas consagradas e officiaes, não admittindo nem a educação freiratica, nem a disciplina orthodoxa, nem as imposições canonicas, mas vendo de tudo isso destacar-se entre outras uma sublime e immortal figura — a figura de um louro e amoravel evangelisador da fraternidade e do amor, e uma divina e superior moral — e comprehendendo que é insubsistente uma sociedade sem um alto e commum intuito espiritual, volve anciosa os olhos para o novo *avatar,* que as religiões, e entre ellas por ser a mais completa e a melhor organisada, o catholicismo, hão de atravessar, e sente a necessidade instinctiva de crêr, e de sonhar sobretudo de crêr n'alguma coisa de divinamente bello e impeccavel.

É já a sciencia, em que outr'ora se acastellavam os demolidores, é já ella que achando o fundo inane de muitas das suas hypotheses, dirige ao espaço impenetravel e mysterioso as suas interrogações perturbantes, e lança de novo nos mares do pensamento a dourada galera de um novo sonho, feito com a poesia generosa e dolente, que n'esta hora se evola de todas as grandes almas e de todas as nobres intelligencias contemporaneas.

VI

Mas prosigamos o nosso caminho.

Como viram, são já muitos os ideaes desfeitos, mas ainda é maior o numero.

Olhemos a philosophia. Quando a assombrosa concepção de Kant appareceu no mundo, um momento se suppoz que estava dita a ultima palavra em questões de causas.

Veio depois Hegel, o divino Hegel, o Platão do seculo XIX, como alguns lhe chamaram, e de novo se suppoz que nada mais se podia pedir ao problema das origens e á mechanica do pensamento.

Vieram outros ainda, e finalmente nos meados do seculo em França um grande e alto espirito, Augusto Comte, systematisou n'uma bella synthese o trabalho intellectual do seu seculo, e fundou a Philosophia Positiva.

N'essa obra, que ficará como um dos monumentos do espirito humano, procurava o grande philosopho acabar com as eternas investigações sobre o incogniscivel, e voltando-se para o mundo real creava n'elle a sua vasta officina de estudo e de observação.

Depois, em Inglaterra, um outro cerebro igualmente pujante, o grande Herbert Spencer, extrahia do seu precursor francez o Evolucionismo, e ao impulso d'estes dois grandes espiritos as sciencias renovavam-se, fundava-se a sociologia, e a historia do homem e das sociedades apparecia sob uma luz nova.

Mas a intelligencia, sempre insaciavel e sempre inquiridora, considerando-se aliás illuminada e enriquecida com o precioso e immortal thesouro que sobretudo estes dois privilegiados espiritos lhe trouxeram, não pára nem se julga satisfeita com a explicação, embora tão plausivel e fundamentada, que elles dão a tantos phenomenos de ordem physica ou de contextura psychica, e eil-a já em demanda de novos continentes e, se é possivel, de mais vastos horisontes.

É claro que a influencia profundamente pacificadora, comquanto ao mesmo tempo radicalmente revolucionaria em tantos pontos — por muito paradoxal que pareça a aproximação — d'estes philosophos ficará como uma das mais bellas victorias do Espirito, como um dos mais expansivos momentos da civilisação n'este seculo; e não menos claro é tambem, que uma ou duas

gerações educadas ao influxo d'estas doutrinas imprimirão na marcha d'essa civilisação um determinado cunho; mas, como o trabalho que caracterisa esta é precisamente o de uma renovação constante, a estas horas continúa já a genese de novas e diversas doutrinas, que por sua vez virão lançar o espirito em novas e desconhecidas vias, entre outras a bella e suggestiva hypothese do monismo idealista, a que porventura está destinado um formosissimo periodo na historia do pensamento.

Estão ou hão de ser portanto desfeitos muitos dos ideaes que essas bellas syntheses haviam posto, e sem nos referirmos já ao positivismo de Comte, que manifestamente atravessa uma phase intercadente, vemos que a propria doutrina evolucionista de Spencer, applicada aos phenomenos sociaes, soffre uma visivel defecção.

Spencer é por exemplo partidario acerrimo do individualismo, e na sua obra procura restringir a acção do estado ao de simples distribuidor da justiça e regulador de funcções; a corrente predominante é justamente a de ampliar a esphera do estado restringindo a acção do individuo.

E embora toda a prodigiosa sciencia, toda a immensa erudição do philosopho inglez visem a demonstrar que é caminhar para a ruina da civilisação o deixar que na sociedade predominem certos elementos que procuram fortificar-se com o influxo do estado, o que é innegavel é que a civilisação dá o predominio a esses elementos, e já muitos e gloriosos espiritos vêem n'este facto, não a ruina mas a salvação d'elle.

É bem possivel que haja aqui um mal entendido, e que como já em outra parte diligenciámos demonstrar, a confusão provenha da noção que Spencer nos dá do que é o estado e da maneira como a escóla opposta o interpreta; mas não é menos certo que a contradicção dá-se e que as theorias de Spencer, tão seguras e tão justas quando se applicam ao campo historico e quando nos apresentam em maravilhosas syntheses o desenvolvimento dos sêres e das idéas, dos sentimentos e das sociedades, falham ou pelo menos *antecipam-se* no campo economico-sociologico.

VII

Em arte, em poesia, em litteratura, todos nós sabemos tambem quantos ideaes desfeitos, alguns até antes de haverem attingido a sua plena floração.

O que predomina hoje? E o naturalismo absoluto? É o realismo applicado? É o idealismo symbolico? É o romantismo sensual?

Todos e nenhum. O naturalismo, por exemplo, é realmente o que mais larga base de resistencia offerece e que maiores probabilidades de vida apresenta; mas a sua interpretação e a sua acção mesmo é que tem de variar e modificar-se, e, sem deixar de ser naturalismo, elle terá de integrar em si todas as modalidades diversas da natureza.

Zola, já com o seu enorme poder de intuição previu isto, e os que tenham percorrido a sua obra poderão estudar a evolução que no seu talento e na sua maneira se tem operado.

Os seus ultimos livros, que não são propriamente romances, segundo a expressão habitual, mas trechos flagrantes de vida, agitam problemas da mais alta e da mais absoluta importancia, e pelo largo bafo social e philosophico de que estão impregnados merecem ser meditados por um publico mais serio do que o que de ordinario se entrega ás chamadas leituras recreativas.

Em poesia uma corrente mystica pronunciada penetra em toda a parte todos os poetas que mais ou menos conjunctamente sentem e pensam, mas só os que fallam de alguma das agudas e torturantes dôres que hoje dilaceram a alma contemporanea ou vibram ao impulso de alguma nobre paixão despertada pelo conspecto das injustiças e das desgraças humanas, só esses conseguem ser lidos e amados.

Por isso não contarão sequer na obra poetica d'este seculo alguns d'esses estranhos espiritos que feridos de uma psychopathia especial se perdem n'um nephelibatismo incongruente e pretendem inaugurar uma nova esthetica e um novo rhythmo.

Está, porém, desfeito em todo o caso o ideal dos que suppunham que seria a poesia scientifica a que afinal predominaria no mundo, isto é, a poesia substituindo-se ás monographias ou aos tratados especiaes...

Effectivamente a poesia scientifica predominará, mas não como nol-a queriam inculcar alguns, e sim como um reflector immaculado dos diversos estados de espirito da sociedade e dos individuos, como uma interpretadora das idéas e dos factos, como uma divina etherisação das próprias coisas.

O symbolismo procura dar isto, mas afflora ainda lentamente das profundezas do pensamento actual, e tem muita ganga a perder para poder brilhar.

Quanto a quaesquer outras manifestações da ideologia e da consciencia contemporaneas, que porventura appareçam, viverão segundo a maior ou menor porção de genio ou de talento de que venham revestidas, mas, como estrellas perdidas n'um horisonte sem fim, a luz que de si despedirem, só mal e tarde chegará ás densas camadas que n'este instante se dispõem a occupar a terra e a intervir na civilisação.

E ainda assim para lá chegarem, será preciso que por um vinculo ao menos se prendam á sensibilidade ou á musculatura d'aquelles cuja hora de apparecimento na historia soou ou vai soar, senão, não.

VIII

Tal é, exposto com toda a sinceridade o que nós julgamos serem as tendencias dos tempos em que estamos vivendo ou de que nos vamos aproximando.

Algumas d'essas tendencias — porque não haviamos de confessal-o? — fazem-nos frio na alma e põem-nos uma funda, uma insubmersivel tristeza no coração; outras, porém, despertam-nos uma tão viva e tão luminosa alegria, que em parte compensam a saudade immensa que as primeiras nos deixam dos tem-

pos azues e simples que a dura realidade das coisas e das idéas não permitte que volvam mais.

Não nos deteremos a analysar as que nos melancolisam o pensamento, e estudaremos apenas as que nos alvoroçam e nos enthusiasmam.

Essas são as que imaginamos pronunciarem-se no horisonte de todos os povos com respeito aos largos direitos e ás santas reivindicações dos proletarios e dos fracos, que emfim parece vão ter a sua hora de satisfação e de apotheose na terra, e serão finalmente saciados da sua secular sêde de justiça.

Não se imagine, porém, que nós consideramos proletarios apenas os que hoje constituem o chamado partido operario.

Em primeiro logar é a mais illogica e a mais inscientifica de todas as definições a que considera operarios só os que professam um officio manual ou mechanico, como se todos nós, cada um na especialidade a que se dedicou, não fossemos igualmente e respectivamente operarios. Depois, hoje não são talvez esses, que a si se condecoram com esse invejavel titulo, os mais desvalidos e os mais infelizes, ou pelo menos não são os unicos.

As exigencias crescentes e complexas da civilisação, baralhando e confundindo tudo, e violando muitas vezes sem vantagem as simples leis naturaes, fizeram nascer necessidades, que, apesar de ficticias, actuam sob a fórma da mais dura realidade em milhões de organismos, não lhes facultando elementos para satisfazel-as.

Junte-se a estas todas quantas a propria natureza absolutamente reclama que sejam satisfeitas, e ter-se-ha uma vaga idéa da medonha lucta contemporanea.

Ora em muitos casos o simples operario manual está mais apercebido para esse combate do que qualquer outro, e de ordinario póde furtar-se melhor á dureza de alguns golpes, que com mais certeza irão attingir quem não se encontra tão bem adestrado.

É por isso que hoje as reivindicações sociaes não podem só alongar-se a estes, mas têm igualmente de incluir todos os modestos empregados da pequena industria, do pequeno com-

mercio, da pequena burocracia, os marçanos, os serviçaes, os *inferiores* emfim, que cada um d'estes de per si tem direito a um versiculo n'essa ladainha enorme...

Felizmente que já isto se começa a comprehender em toda a parte, e o que é para desejar é que as impaciencias de alguns discolos, as prevenções de varios intransigentes e os desvarios de muitos apaixonados não compromettam a obra sympathica da sciencia que na sua evangelisação de solidariedade, de amor e de paz outra coisa não deseja senão congraçar entre si todas as classes, integrando-as na comprehensão de um fim superior identico, e dando a cada uma d'ellas individualmente a força da communidade e a racional protecção a que tenham direito.

Este é até o destino da civilisação, cujo ideal reside precisamente em fazer partilhar pelo maior numero as vantagens e melhorias descobertas ou ganhas por um restricto escol de espiritos superiores, e que a principio só utilisam á minoria.

Tornar pois maioria essa minoria, fundir as duas n'uma, eis o *desideratum* ambicionado.

Como, porém, já se reconheceu que não se póde absolutamente abandonar á acção singular e em tantas occasiões encontrada da iniciativa individual, uma tão larga e tão delicada operação, por isso que, se por um lado a consciencia humana se enriquece de noções altruistas, pelo outro os instinctos egoistas que são o fundo mesmo e até a razão de ser da nossa especie collidem com aquellas, e um ou outro momento as supplantam, preciso é disciplinar na unidade do estado tantos e tão oppostos elementos, e fazer intervir este como regulador ou como transmissor das complexas e variadas forças que n'elle actuem.

Disciplina-se o amor na familia, disciplina-se o individuo na sociedade que, como ninguem ignora, não é afinal senão um aggregado de familias, e se tal facto porventura implica a restricção da liberdade pessoal, a isto se responde não só com a definição do que é a propria liberdade que acaba onde começa a alheia, mas com o determinismo de todos os actos humanos, sujeitos a leis inilludiveis e fataes, pois que já hoje ninguem

pensa em rehabilitar a doutrina do livre arbitrio tão justamente batida em brecha e tão diminuida já na sua influencia.

Por isso o chamado socialismo do estado hoje triumpha em toda a linha, pois que a humanidade reconheceu quanto lhe convém acautelar-se de si propria, dos seus desregramentos e das suas allucinações.

Isto, que poderia parecer um paradoxo, comprova-se facilmente desde que individualmente cada um de nós se lembre de quantos actos deixa de praticar, por lh'o vedarem leis que ás vezes foram suggeridas ou elaboradas pela nossa propria vontade.

Áquelles, portanto, que censurarem que tantos seculos de progresso e de adiantamento intellectual levem afinal ao caminho de um como que despotismo disfarçado, de uma especie de cesarismo mais ou menos philosophico, lembraremos apenas que eram exactamente precisos todos esses annos para por fim se perceber e entrar bem no espirito e na comprehensão de todos, que o destino da sciencia é complicando, simplificar, e progredir, retrogradando, quer dizer, harmonisar entre si as differentes e oppostas forças que constituem as sociedades, ampliando aqui, restringindo além, decompondo acolá, n'uma palavra regularisando e dando uniformidade ás coisas e ás idéas, aos costumes e ás leis.

No fundo tudo se resume em chegar pela sciencia ao mesmo ponto de onde viemos, mas em chegar *conscientemente*, e este adverbio é que por si marca a distancia percorrida e traz ao espirito a idéa de qual ella é.

Partir do inconsciente para chegar ao consciente, póde parecer nada e é tudo.

No caminho, porém, a percorrer, como n'aquelle que se percorreu já, têm de ficar, é claro, de envolta com milhares de vidas, milhares de illusões desfeitas ambas, muitas pela fatalidade dos motivos superiores e independentes da vontade, muitas pela nossa ignorancia, pelas nossas paixões e até pelas miragens dissolventes do nosso espirito.

Taes são, por exemplo, quantas dizem respeito á liberdade,

á igualdade e á fraternidade humanas que, como vimos, tão enganosas foram ou são, qualquer que aliás seja o pabulo generoso e dôce de que se tenham alimentado.

Hoje, chegados a esta phase alta da civilisação, na passagem de um seculo para outro, — embora seja convencional esta divisão do tempo que a finalidade historica e as conveniencias da critica estabeleceram para vantagem do nosso estudo e para systematisação dos acontecimentos, pois que a humanidade proseguirá sem solução de continuidade a sua linha ascencional através do tempo e do espaço emquanto o nosso planeta durar — hoje, comprehendeu-se que o problema geral não é só nem de liberdade, nem de igualdade, nem de fraternidade, mas da maneira como estas tres modalidades de um mesmo facto possam convergir para a felicidade e para o bem-estar de todos.

Conhecendo-se que ha a sacrificar excessos n'algum d'estes bellos sentimentos isoladamente fallando, deverão elles ser sacrificados com a mesma frieza com que se amputa uma coisa prejudicial ou inutil para a integridade do todo.

E embora esta doutrina pareça reaccionaria e improgressiva, a verdade é que ella tem por si as ultimas conclusões da sciencia, e que só poderá impugnal-a um estreito espirito de jacobinismo politico ou philosophico, pois que a verdadeira democracia coaduna-se perfeitamente com ella.

Em geral uma grande disciplina interior que vem da seriedade do caracter e do desenvolvimento cerebral faceta sempre o meio social no sentido mais justo e mais bello, e por isso por sua vez se deixa influir e modificar por elle, e só os espiritos irrequietos por temperamento ou anarchisados pela ignorancia, procuram destruil-o por outros processos, que não sejam os de uma penetração lenta e uma catechese consciente.

Em todas as instituições humanas são, é certo, precisos os dissidentes e os hereticos, e a elles deve o progresso serviços inestimaveis, mas a heterodoxia das suas opiniões e a independencia da sua critica, para ferirem fundo e rasgarem largo, precisam de se inspirar n'algum alto ideal cujas raizes estejam na consciencia e na verdade, e sobretudo não devem destruir abru-

ptamente e intempestivamente a corrente da tradição, substractum indispensavel de toda a obra mesmo de renovação ou de reconstrucção.

Foi por não o haverem percebido assim muitos dos exaltados das diversas revoluções sociaes, que têm assignalado a marcha da civilisação, que esta tantas vézes tem tido de retroceder no seu caminho e de reedificar o que o camartello demasiadamente demolidor da inconsciencia havia arrojado ao chão enchendo a sociedade de destroços e o progresso de contradicções!

Para não sahirmos dos tempos modernos basta que nos lembremos de quantas instituições do caracter mais pratico e previdente que poderia desejar-se, não foram tumultuariamente desorganisadas e supprimidas, e que se reconhece agora serem inherentes ao proprio bem-estar social, e indispensaveis ao seu natural funccionamento?

Certamente que a sociedade, como um organismo em perpetuo movimento e em perpetua transformação, tem no interesse mesmo da sua existencia e do seu modo de ser, de constantemente sacrificar, destruindo, muitos dos elementos insitos que a constituem, pois que é d'esse permanente trabalho de destruição e de desassimilação que ha de resultar a propria vida que a anima; mas precisamente da fórma como se fizer a substituição dos germens velhos pelos novos, é que depende a maior ou menor somma de progressos realisados ou a realisar.

Este facto, que tem a sua melhor demonstração no proprio organismo humano, onde a physiologia nos ensina tão experimentalmente o phenomeno da existencia, só póde pois ser negado por cegos de espirito, e por isso nos não deteremos sobre elle. Sómente queremos frisar que, assim como todas as transformações por que passam a figura e a estructura dos individuos se dão sem attentarem contra a sua integridade physio-psychica, assim tambem na sociedade, para que as conquistas da sciencia que visam a modifical-a ou a recompôl-a não a aluam nos seus fundamentos, têm de respeitar a pedra angular d'ella, a sua razão de ser, a sua propria estructura emfim.

Significa isto o culto absorvente do passado e estarão os que assim pensam atacados de nyctalopia intellectual?

Não crêmos que tal julguem aquelles que estudem e que mais ou menos procurem seguir a trajectoria que o espirito humano vai descrevendo.

Tambem não suppomos que se reputem negadores do Progresso os que não aceitam todas as extremas consequencias, ou antes inconsequencias de muitos que se dizem seus sequazes.

Não dizemos com Littré que elle caminhe em linha recta, o que hoje está provado não ser exacto e antes mais propendemos em materia de linhas para a serpentina que demais é, segundo Hogarth, a linha da graça, mas acreditamos religiosamente no aperfeiçoamento indefinido da nossa especie — indefinido e interminavel —, e nem a propria theoria de Spencer, nos phenomenos sociaes, dando a predominancia aos motivos mais fortes, consegue assustar-nos, porquanto para nós esses motivos mais fortes serão os motivos intellectuaes e moraes, quaesquer que sejam as apparentes contradicções que porventura, na deflagração de tantos interesses, de tantas paixões e de tantos preconceitos, um ou outro observador possa descortinar.

Não contestamos a opinião dos que asseveram que não se póde ser nem mais genial do que foi Aristoteles, nem mais justo do que foi Marco Aurelio, mas além de que hoje o capital adquirido é, como nem podia deixar de ser, incomparavelmente mais vasto, porque são mais numerosos os recursos de que a humanidade dispõe, ainda convém não esquecer que exactamente o progresso consiste em levar ao maior numero o que nas sociedades antigas era apanagio de poucos.

E a não ser que se queira negar á natureza a faculdade de procrear nos seus mysteriosos cadinhos espiritos geniaes como esses da antiguidade classica ou dos periodos heroicos, fica pulverisado o unico argumento que poderia ser de valor e que tentasse demonstrar-nos que nunca mais surgiriam entre nós cerebros da pujança herculea d'esses que constituem o patrimonio intellectual da humanidade.

Ora como isto se não prova, pela simples razão de que

ella, a propria natureza, é quem se encarrega de nos fornecer o melhor dos testemunhos, como vem a ser o de continuar dando-nos em cada seculo successores d'essas realezas extinctas, e n'esta mesma hora está talvez apercebendo para a victoria algum privilegiado organismo, segue-se que esses grandes espiritos trabalhando todos com os recursos extraordinarios de que vem dotados e com aquelles que os seus antecessores lhes legaram, não podem deixar de augmentar, como têm augmentado, o peculio de saber e de bondade, de perfeições e de virtudes do homem e da sociedade. E é isto que constitue a civilisação, resultante de todas as parcellas que a successão dos seculos lhe vai juntando, e o progresso, contraprova real d'essa civilisação.

Sendo isto assim, não poderiamos nós fechar o cerebro nem o coração ás influições sagradas d'essa generosa e bemdita illusão, sol do nosso destino e norte de todas as consciencias, illusão que é afinal o pollen fecundante de todas as virtudes *praticas*, que tornam supportavel a vida.

Chamámos-lhe *illusão*, porque de illusões é composta a trama de toda a nossa existencia moral e physica, mas esta não desejamos nós nem esperamos vêl-a desfeita, embora ella por sua vez desfaça muitas outras que raiando pela utopia e pela chimera nunca poderão firmar-se no chão sólido da experiencia e da analyse, apesar de fascinarem os nossos olhares com a lhamma de ouro de que vêm revestidas...

IX

Vamos concluir, mas antes precisamos de synthetisar o que quizemos dizer, e prevenir antecipadamente algumas objecções a varios pontos que n'este trabalho tocamos.

Especialisemos.

Dissemos, por exemplo, que está desfeito o ideal da liberdade ampla, e citámos em apoio a liberdade de ensino, que é mister não confundir com ensino livre.

O nosso intuito é consignar á entidade estado, por meio das suas instituições pedagogicas, a obrigação de instruir, fazendo que elle pelos seus corpos scientificos intervenha na elaboração e adopção dos compendios, na outorga dos diplomas de capacidade, no regimen escolar e na especialisação das aptidões, impedindo com toda a força da lei a exploração da creança por quantos d'ellas queiram abusar, desde a propria familia até ás aggremiações ou individualidades de qualquer ordem.

Assim, n'esta ordem de idéas, rejeitamos — *in limine* — o ensino impropriamente e até impiamente chamado religioso, e que creaturas, que podem ser e são na maioria dos casos excellentes como pessoas, ministram em institutos que, por exemplo, entre nós a longanimidade criminosa das leis tem permittido que alastrem em muitos pontos.

E não se imagine que pensamos assim por concordarmos com alguns espiritos, aliás illustres, que na Allemanha e em outros grandes centros de cultura julgam que a idéa de Deus teve já o seu momento na historia e que a persistencia d'ella hoje é tão contraproducente e esterilisadora como no periodo proprio foi fecundante e suggestiva. Não concordamos, e é para nós convicção inabalavel e funda que pelo contrario essa idéa é e continuará sendo a idéa educadora e moral por excellencia, a unica que póde dar ao caracter e á vontade a cohesão e a consistencia indispensaveis, e infiltrar nos corações e nas intelligencias aquella ampla e piedosa conformidade, aquella dôce e amoravel compaixão para com todas as dôres e para com todos os infortunios que a cada passo assaltam a vida; mas além de que julgamos que ninguem melhor do que a familia póde e deve ser inspiradora natural d'estes levantados principios, que são o eixo da existencia moral, não podemos nem por um momento admittir que esse objectivo se consiga com a instillação, em cerebros infantis, de formulas ôcas e destituidas de toda a elevação, e além d'isso anti-hygienicas, anti-sociaes e, repetimos, anti-religiosas.

Ensino absolutamente leigo nas escólas ou pelo menos tendendo apenas a fazer nascer na intelligencia e na alma das

creanças o respeito, a veneração e o amor por essas eternas bellezas da natureza, por essas inatacaveis verdades da religião, por esses divinos e consoladores principios da moral social, que devem constituir um caracter e educar uma vontade, mas que não exigem para que os fixemos nem jejuns, nem macerações, nem demasiadas e perigosas contensões de espirito, meditando sobre os peccados do mundo e modo de os redimir pelo sacrificio e pela prece.

Á natureza infantil está destinada uma outra e bem diversa doutrina pedagogica, e pretender contrariar-lhe as tendencias naturaes para a expansão, para a vida, para a alegria, pondo-lhe logo no cerebro a obsessão do peccado, o temor do inferno, a necessidade de aplacar um Deus vingador de males que ella ainda de todo ignora, é além de attentar contra as mais sagradas molas da propria vida desconhecer de todo as leis da evolução organica e da genese do pensamento.

Ás creanças só as mães dignas d'este nome sabem e podem ensinar religião, e quando não essas por incompetentes, então espiritos que tenham a dôce tolerancia compassiva e attrahente, que sabe perdoar, porque sabe comprehender.

O mister do professor ou da professora depois é transformar em verdades experimentaes, e radicar com a lição e com o exemplo de bellas coisas, esses germens de aspirações nobres que ella trouxer dentro em si.

Tudo o mais é falsear a um tempo a religião e o ensino, e fazer talvez almas devotas, mas não espiritos religiosos — o que differe muito.

N'este ponto estamos acompanhados com tantos illustres espiritos, alguns até dos mais avançados d'este seculo, que nem sequer nos cançaremos a fundamental-o melhor e mais largamente.

X

Tambem a muitos causará estranheza que, tendo nós tendencias manifestamente democraticas, implicitamente preconise-

mos o principio da restricção do voto, e aceitemos igualmente como doutrina politica o socialismo do estado.

Aclaremos, pois, mais este ponto.

Sim, senhores, somos implicitamente e poderemos mesmo dizer claramente pela restricção do voto, embora advoguemos a universalisação do suffragio.

A razão é simples. Desde que, a não ser por um raro poder de intuspecção natural, só a sciencia e a experiencia podem dar o conhecimento das coisas, repugna, mesmo á nossa democracia, que indistinctamente se considere o voto como o elemento de solução de todas as questões, e não chegamos a perceber como é que um pobre e obscuro trabalhador, que mal attinge onde acaba o seu logar — e notem que não contamos para nada com o saber lêr ou escrever — que, por demais está assente, não constitue instrucção — possa de um momento, e pela simples virtude de um bocadinho de papel que o administrador ou o cacique local lhe põem nas mãos, achar-se habilitado a resolver as mais arduas e as mais intrincadas questões da administração e da politica, comquanto por intermedio de um outro.

Ora se em logar d'isto houver uma larga descentralisação politico-administrativa e esse mesmo aldeão fôr chamado a resolver sobre o que diz respeito aos negocios da sua localidade, aos interesses da sua industria, á maneira de utilisar os redditos dos seus compartes, se n'uma progressão sempre crescente se chegar assim até aos negocios do reino, não vemos porque n'isto soffram os melindres de quem quer que seja, ou porque não será genuinamente democratico o exigir que cada um só trate d'aquillo de que realmente entenda e onde não possam apparecer intermediarios que se anteponham ao juizo dos competentes.

As localisações de conhecimento e de capacidade para decidir sobre determinados assumptos não se nos afigura que attentem contra a integração, n'um todo homogeneo e harmonico, das diversas unidades que se localisaram, e antes temos a convicção cada vez mais arraigada de que a melhor maneira de moralisar o suffragio é restringil-o na generalidade e amplial-o na especialidade.

*

Ainda alguns outros pontos suscitarão reparos por envolverem contradicções apparentes, como seja o facto de nós lamentarmos, se não condemnarmos, a propaganda anti-religiosa como attentatoria da constituição da sociedade e da familia, e de mais adiante dizermos que se pronunciam já os primeiros alvores de um mysticismo a que chamamos scientifico e que se desprende da essencia de todas as religiões e do fundo de todas as almas; mas tambem n'este caso imaginamos não haver contradicção, desde que se attente que para nós o sentimento religioso e até o termo religião são tomados sob um aspecto inteiramente diverso d'aquelle sob que de ordinario os encaram, confundindo-os com o que chamariamos o beatismo, que nada tem que vêr com o instinctivo respeito que acorda em nós uma convicção sincera n'um destino superior e eterno.

Formulas inanes, praxes convencionaes, regras anti-hygienicas não podem constituir nem uma doutrina theologica, nem um instincto moral, por isso tudo o que tenda a destruil-as deve ser considerado como remedio salvador e preventivo.

Destruir, porém, de mistura com essa ganga prejudicial e grosseira o fino minerio crystallino da crença, e sobretudo crivar esta de dicacidades e de motejos que nem se recommendam pela sciencia nem se justificam pela razão, é fazer obra de demolição sem plano e sem fito, e ninguem que procure guiar-se pelos justos dictames de uma sciencia imparcial e de uma critica larga póde tolerar sequer esse insciente e cynico meio de ataque.

Disse Renan que o christianismo tendia cada vez mais a tornar-se individual, e afigura-se-nos que o eminente espirito, que tão injustamente tem sido detrahido pelos cerebros estreitos ou obcecados dos que o não comprehendem ou não querem comprehendel-o, está na verdade, dizendo isto, mas nem o auctor da *Vida de Jesus*, nem crêmos que nenhuma cabeça equilibrada e rasoavel podem suppôr que as religiões, factos superiores da civilisação, por esse motivo desappareçam ou que se deva ridicularisal-as em virtude de um imaginario estado mais alto dos conhecimentos.

Nem no ponto de vista da pura sciencia, um historiador ou um critico munidos de methodo procederiam assim, quanto mais quem não tenha outra auctoridade que não seja a lambusadella mais ou menos extensa de umas pretendidas noções de sabedoria.

Julgamos, pois, ter harmonisado o que pensamos com o que escrevemos, e sobretudo haver demonstrado que combatendo o fetichismo em qualquer seita, de modo algum impugnamos a fé, a fé ardente e convicta n'um principio ou n'um conjuncto de principios que representem para a consciencia e para o coração o seu ideal supremo, a sua força heroica, a sua inspiração eterna.

XI

Resta-nos explicar como é que, tendo nós através d'estas paginas diligenciado enumerar os ideaes e as illusões que se desfizeram, pretendemos por outro lado acreditar no progresso e, o que ainda é mais serio — condecorar-nos com a distincção de democratas, quando aliás combatemos varias affirmações dos apostolos da democracia e até sustentamos a necessidade da coexistencia com esta de uma forte aristocracia intellectual. Tendo, porém, definido já o que entendemos por este termo, que para nós não consagra privilegios de casta nem excepções de nascimento, e havendo definido o que, quanto a nosso parecer, é a igualdade, não achamos que briguem com estas definições os nossos pontos de vista sobre a missão social de uma aristocracia, que póde ser constituida com elementos emanados de todas as camadas e consagrados perante o respeito publico por qualquer nobre qualidade de coração ou por qualquer superior manifestação de intelligencia.

Isto mesmo já hoje succede e cada vez se accentuará mais.

De resto, a natureza tem a sua aristocracia que recruta por

igual em todos os typos em que se subdivide, e ninguem se lembrou nunca de protestar contra ella. Auxiliada pela sciencia e pela arte, já hoje nós todos veneramos os exemplares que produz, e assim continuará sendo.

Não consideramos portanto, nem aviltante, nem anti-democratico, que as gerações vindouras ainda mais sabias, mais ricas e mais justas escolham d'entre os seus membros aquelles que em si condensem no mais subido grau estas qualidades, que espontaneamente lhes confiem a hegemonia suprema e que seja essa *elite* de espiritos a depositaria do poder e da ordem.

Já hoje todos nos curvamos com enthusiasmo perante um ou outro prototypo de bondade, de genio ou de civismo, e quanto maior fôr em cada um de nós a porção de consciencia, mais se alargará o influxo d'esta e com maior facilidade se aceitará o seu primado.

Tal é, pelo menos, a nossa persuasão sincera, e por isso não receiamos pelos ulteriores destinos da nossa especie, porque ella, embora parando aqui, retrocedendo além, tergiversando mais longe, ha de ir subindo, subindo sempre, emquanto a Vida fecundar a terra, e palpitar nos sêres.

É já velho o axioma que nada se perde e tudo se transforma, e embora no campo physiologico á ultima hora um continuador de Darwin, o illustre Weissman, affirme que as acquisições feitas durante a existencia se não transmittem ao plasma nascente, no campo social, pelo menos, os melhoramentos conquistados transmittem-se e fructificam engrossando assim o thesouro commum.

Ora para este thesouro nenhum seculo concorreu como este, porque nenhum outro na historia agitou um tão grande numero de idéas e tentou resolver uma tão vasta cópia de problemas.

Alguns estão postos ainda e já n'elle não serão resolvidos, mas em periodo algum da civilisação se empregou tanta boa vontade para achar-lhes soluções condignas, como tambem nunca um tão penetrante e tão vivo sopro de enthusiasmo por todos os principios generosos e humanitarios percorreu e fez vibrar o organismo do mundo.

O pensamento, como um profundo oceano illimitado, foi alastrando, alastrando em tudo e descobriu ás vistas assombradas de todos myriades de mundos infinitos.

Tudo se revolveu: instituições, costumes, leis, factos, principios, coisas, e se muito se destruiu inutilmente e tumultuariamente, como vimos, muito, muitissimo se melhorou ou se concebeu.

Seculo das grandes dôres e das grandes alegrias, elle é dos que na via tormentosa e aspera do espirito através do preconceito, através da ignorancia, através do despotismo, mais tem feito pelos desprotegidos e pelos condemnados, e maior somma de bens e de verdades tem desparzido nas consciencias e nos cerebros; dos que mais luz hão feito em todas as medonhas noites que sobre o mundo vasto e vario pesam e continuam pesando, dos que na sua lyra de mil cordas tem consolado todas as fraquezas, fulminado todas as prepotencias, repellido todas as tyrannias.

Nenhum como elle guareceu tantas e tão excruciantes feridas, nenhum foi nem mais tolerante, nem mais igualitario, nem mais comprehensivo, e em nenhum como n'este se consociaram a um tempo todos os esplendores da idade grega, todas as grandezas da organisação romana, todas as estranhas e assombrosas coisas do mundo antigo e da Renascença. N'elle se reuniu a flôr de todas as civilisações que, desabrochando de novo ao sol de uma civilisação mais pura, embriaga as almas com o dôce e capitoso aroma que d'ella se evola.

Podem e devem, pois, perdoar-lhe os seus excessos e os seus crimes — que tambem os tem tido, — desculpar-se as suas incoherencias e diminuir-se as suas responsabilidades, em virtude de quanto fez e tem feito pela emancipação intellectual e pela perfectibilidade moral d'esse velho sêr imperfeito, que se chama o Homem.

Entrado agora n'uma phase de pacificação philosophica e de doutrinamento scientifico, elle reedificará o que n'algum momento de odio ou de insensatez impensadamente aluiu, melhorará o que o passado lhe legou e que seja susceptivel de me-

lhoria, destruirá com prudencia e com methodo o que tem fatalmente de desapparecer, e transformará em novos elementos de actividade e de progresso os que o trabalho gastou ou a acção dos homens e das coisas consumiu.

Sobretudo elle saberá destruir, no caminho por onde a civilisação tem de passar, as hervas ruins e damninhas que lá nasçam, e inutilisando por igual as precipitações dos impacientes e os estorvos dos retrogrados, porá bem na luz a estatua immaculada da Justiça e procurará terminar os annos que lhe faltam servindo a Verdade e proclamando o Bem.

Ha ideaes desfeitos e quantos se não pulverisarão ainda! Mas que symbolo querem mais bello do que este Ashaverus, o Progresso, procurando dos escombros das illusões mortas e dos ideaes sepultos extrahir novas illusões e ideaes novos para onde se volva o nosso olhar ancioso?

No fundo o espirito humano é quem architecta estes sonhos de ouro que elle mesmo alimenta com o seu sangue e com a sua vida, mas depois deixa-se guiar por elles, como se se embalasse ao som dos seus proprios cantos.

Como quer, porém, que seja, e sem nos alongarmos em outras explanações, anima-nos a vaga esperança de que os que entrarem no seculo XX, apesar dos surdos ruidos de guerra que se ouvem ao longe e de estar porventura prestes a estalar uma conflagração europeia, terão a suprema ventura de vêr realisadas muitas das mais fascinantes aspirações de hoje, e que assistirão talvez ao espectaculo civilisador e bello do estado, presidindo ao funccionar da machina social, e distribuindo generosamente a protecção e a justiça a quantos d'ella careçam; da sciencia, espalhando em torrentes de luz a felicidade e a alegria; do amor, aquecendo aos seus raios acariciantes e fecundadores os corações dos visionarios; da bondade, emfim, abrindo-se como uma immensa, como uma bemdita flôr siderea, sobre o mundo pacificado e risonho, e dulcificando todas as almas doentes do estranho mal de viver, com o perfume celestial da sua immaculada corolla.

Sofframos, sofframos nós; junquemos o caminho que ainda

houvermos de percorrer com as ruinas das nossas adoradas e seductoras chimeras, tenhamos a serena conformidade de sacrificar á segurança da civilisação e á perpetuidade da nossa especie os exageros de ideologia e de liberdade em que tenhamos cahido, e preparemos para os que nos devem succeder uma abundante colheita de eucharisticos prazeres e de superiores gozos.

A immortalidade do nosso espirito na memoria e no coração dos nossos filhos compra-se por esse preço, mas ninguem ousará regatear, crêmos.

É pensando em nobres idéas e realisando bellas coisas, que um dia poderemos tambem actuar como atomos beneficentes nos destinos da Civilisação e nos progressos da Humanidade.

Affonso Vargas.

CURSO

DE

LINGUA PORTUGUESA ARCHAICA [1]

LIÇÃO INAUGURAL

Meus senhores:

Quando se observa uma lingua num longo decurso da sua evolução, nota-se que ella, de certo ponto para além, offerece um aspecto geral, que differe do d'esse ponto para cá: é a tal aspecto que se chama — *lingua archaica.* Assim nos mais antigos tempos do latim dizia-se *loumen* e *jous* por *lumen* e *jus; optumus* e *maxumus* (ainda nas inscripções posteriores) por *optimus* e *maximus; humo* por *homo* (vestigio ainda em *humanus*); *s* por *r* em certas circumstancias, de que ainda restam na lingua classica as fórmas *honos* (Cicero), *arbos* (Vergilio), etc.; *dacrima* e *dingua,* depois *lacrima* e *lingua;* havia um caso locativo, de que na lingua classica ficou representação em *ruri, domi, postri-die,* etc.; em vez de *illi* dizia-se *olli* (ainda como resto em Vergilio); na 1.ª declinação havia um genetivo em *-as,* conservado até mais tarde em *paterfamilias;* a 3.ª declinação tinha uma desinencia do accusativo plural em *-eis* (=*īs,* ainda em Nepos, etc. *classis* = *classēs*); a 4.ª um genetivo em *-uis* em vez do classico *ūs;* empregavam-se fórmas verbaes particulares, e fa-

[1] Na *Academia de Estudos Livres,* de Lisboa.

ziam-se certas construcções que depois desappareceram do uso normal, e só esporadicamente se encontram, como *parturibat* (Phedro) e *ejus rei ergo* (Livio, — preposição com genetivo). A este proposito ha linguas que divergem mais do que outras nos seus varios periodos. O francês antigo offerece ainda casos, como *li murs* (nominativo sing.), *lo mur* (caso obliquo do sing., — a fórma do substantivo prevaleceu), *li mur* (nom. plur.) e *les murs* (caso obliquo do plur., — fórma que igualmente prevaleceu): o que, com muitas outras particularidades, leva os philologos a considera-lo como lingua em separado. Pelo contrario o italiano (toscano) não tem essas grandes divergencias; quem souber sufficientemente a lingua de hoje, entende Dante sem difficuldade. Já o hespanhol antigo (castelhano) differe mais do moderno do que respectivamente o italiano. Semelhantes differenças existem no português. Eu denomino *português archaico* a lingua que começa a transparecer debaixo das fórmas do latim barbaro do seculo IX e chega até o seculo XVI. Então principia o *periodo moderno.*

As sciencias attingiram na actualidade tamanho desenvolvimento, que não se considera hoje como regularmente instruido quem pelo menos não possuir os rudimentos das sciencias naturaes, da mathematica, da historia, etc. Ora, com relação á glottologia, a cada passo, tanto escrevendo, como fallando, os homens mais eminentes, que não são especialistas do assumpto, commettem inexactidões, e não se pejam de a tratar *ex cathedra.* Como a linguagem é um phenomeno nosso, todos se julgam com direito de a discutir e interpretar. O facto observa-se ainda com mais evidencia no povo, porque raras terras ha, cujo nome se não explique por uma lenda ou por outro meio phantastico: *Penajoia* chama-se assim, porque uma rainha, que passou alli a cavallo, deixou cahir uma joia ao chão, e o animal pôs o *pé na joia.* Nos proprios selvagens ha tendencia para fazer d'estas etymologias. Archivar isto tem importancia para a ethnographia, porque se reunem assim elementos de apreciação do espirito do povo; mas é triste quando os homens de lettras aproveitam taes explicações, e as dão nos seus livros como ver-

dades philologicas. Todos os livros que em Portugal se tem escripto sobre chorographia, e em que se pretende expôr a origem dos nomes dos logares, estão cheios de erros semelhantes. Noutros paises existem igualmente muitos trabalhos no mesmo genero; e já o abuso remonta á antiguidade. Com a glottologia succede o mesmo que com a medicina: não ha ninguem que não ensine receitas aos outros, por isso que a doença é um estado pelo qual se passa frequentemente, e porque a vida, de que a doença constitue uma phase anormal, tambem nos pertence. D'aqui vem o dizerem os hespanhoes que

De medico, poeta y loco
Todos tenemos un poco...

lista, a que podemos juntar *grammatico*. Mas, já que as sciencias prosperam, e estabelecem em bases cada vez mais solidas os seus methodos, necessitamos de as acompanhar, e não devemos só guiar-nos pela nossa opinião subjectiva.

Tendo eu sido convidado pela *Academia de Estudos Livres* pàra aqui dar algumas lições publicas, em fórma de curso seguido, escolhi para assumpto o estudo da nossa lingua archaica, tanto porque elle me é predilecto, como porque tem as seguintes utilidades:

I) Utilidade para o conhecimento geral dos documentos antigos.

Nestes documentos está contida quasi toda a nossa existencia intima medieval: a organização politica e as relações dos diversos poderes sociaes entre si; a vida dos castellos e dos mosteiros; a familia com os seus usos; a casa e o campo com as suas particularidades. Possuimos numerosos documentos d'esta especie, alguns já dados á estampa, outros conservados ineditos nos archivos publicos. No seculo passado houve dois eruditos prestimosos, o frade Viterbo e João Pedro Ribeiro, que d'elles tiraram grande auxilio para a historia e para a philologia, estabelecendo o ultimo ao mesmo tempo as bases criticas da diplo-

matica. No actual seculo Herculano coordenou com taes documentos boa parte da sua monumental *Historia de Portugal;* e ainda recentemente d'elles se está servindo com muito proveito o snr. Gama Barros para a sua *Historia da administração publica em Portugal nos seculos XII a XV,* que é sem duvida neste sentido a obra mais importante que entre nós se tem publicado depois da de Alexandre Herculano.

II) Utilidade para a apreciação da litteratura.

Tomada em sentido muito lato, e pelo seu lado exterior, a palavra *litteratura* abrange tudo quanto se escreve ou tem fórma fixa oral: um testamento, uma procuração, um aviso, um annuncio, um rol, — e ao mesmo tempo os contos, os proverbios, as canções e xacaras que andam na bôca do povo são litteratura; é assim que dizemos *litteratura latino-barbara,* querendo significar os nossos mais antigos documentos, em que se acham muitos especimes da natureza dos que primeiro enumerei, — e dizemos *litteratura popular,* querendo designar os segundos, ainda mesmo antes de passados á escripta. Tomada em sentido menos lato, *litteratura* comprehende apenas as obras em que ha propriamente lucubração do espirito, e são as sciencias, as artes, as bellas-lettras. No sentido estricto porém, que é o seu sentido usual, por *litteratura* entende-se a litteratura amena (poesia, romance, folhetim), a historia e a polygraphia (oratoria, cartas, etc.), — isto é, as *bellas-lettras,* em que ha principalmente preoccupação de fórma e de imaginação. A historia, tal como hoje se concebe, está a passar da terceira classe para a das sciencias.

Em qualquer dos sentidos que se tome a palavra *litteratura,* já dos primeiros cinco seculos da nossa existencia politica como nação herdámos abundantes exemplares, quer em prosa, quer em verso. Não é possivel, nem necessario, fazer aqui agora o inventario d'isso tudo: basta que me refira aos monumentos poeticos contidos nos Cancioneiros chamados da Vaticana, de Colocci-Brancuti e da Ajuda, onde, ao lado da influencia da França (sobretudo provençal), se manifesta uma

corrente popular portuguesa, ainda hoje conservada na tradição oral de Tras-os-Montes, como direi a seu tempo; basta que lembre os *Nobiliarios*, o *Amadis de Gaula*, as traducções e outras obras da livraria dos monges de Alcobaça, archivadas hoje na Bibliotheca Nacional e na Torre do Tombo, e os primeiros ensaios propriamente historicos publicados nos *Portugaliae monumenta*, etc. Esta é a litteratura pelo menos dos seculos XIII e XIV, na parte prosaica da qual predomina, como era natural, o elemento ecclesiastico. Do seculo XV temos o rico Cancioneiro de Garcia de Resende, a encyclopedia de D. Duarte, as novellas da Tavola Redonda e as notaveis *Chronicas* de Fernão Lopes e seus successores, — além de muitos outros trabalhos meudos. No seculo XVI já a lingua offerece em geral os seus caracteres actuaes: ainda assim ha auctores como Gil Vicente que em parte pertencem ao periodo archaico. Nas obras de Gil Vicente a lingua portuguesa apresenta dois aspectos: o aspecto popular na bôca de certas personagens villãs, como pastores, serranos, lavradores; o aspecto litterario na bôca das personagens cultas. É uma distincção capital que importa tomar em consideração ao citar ou lêr o nosso malicioso comico.

Sem alguns conhecimentos philologicos, não poderá ser rigorosamente comprehendida toda essa vasta litteratura, em que ha muitos vocabulos, sons, fórmas e expressões que destoam por comple toda linguagem actual. A falta d'esses conhecimentos tem sido causa de que varias edições de antigos livros, modernamente feitas, contenham verdadeiros contra-sensos. O estudo e meditação da litteratura archaica não compete só aos historiadores e criticos de profissão, compete a toda a gente que quiser ter consciencia da sua nacionalidade: o poeta e o romancista, que ignoram o seu passado litterario e as tradições patrias, para só buscarem alimento espiritual e inspiração nas litteraturas estrangeiras, falseiam a arte; e os individuos que de proposito e caso pensado sorriem dos venerandos velhos que escreveram na idade-média e lançaram os fundamentos e as bases de todo o trabalho futuro, e portanto prepararam o campo litterario que

hoje cultivamos, são perfeitos abortos da natureza, indignos da consideração, porque esta não ha de tributar-se a quem calca aos pés a sociedade, e atira com o desprezo ás gerações de que descende.

III) Utilidade para o ensino grammatical.

Com quanto a grammatica que se ensina na instrucção primaria e secundaria seja pratica, isto é, seja a da lingua litteraria considerada apenas no seu estado actual, todavia o conhecimento da lingua archaica torna-se necessario, porque certos factos da actualidade só se podem explicar bem pela lingua antiga, que é a origem da de hoje. Se se notar ás crianças que havia outr'ora um artigo e pronome *lo* e *la*, correspondentes aos modernos *o, a*, ellas comprehenderão como hoje se diga ainda *pelo, pela, amá-los, vê-las*, etc., em que não ha, como absurdamente ás vezes se escreve, e ainda em parte se ensina nas aulas, simples mudanças euphonicas de *r* em *l*. Sabendo-se que muitos nomes, que hoje acabam em *-ão*, acabavam noutro tempo em *-om*, como *lição liçom, coração coraçom, firmidão fermidom*, e que as segundas pessoas pluraes dos verbos que hoje terminam em *-aes*, etc., terminavam até ao seculo xv-xvi em *-ades*, etc., — não parecerá estranho que ao sing. d'esses nomes em *-ão* correspondam hoje geralmente plur. em *-ões*, e que essas fórmas verbaes acabem no plur. em *-aes* (com *e*). Tambem ás vezes se escreve que *fugace* (fugaz), *atroce* (atroz), *felice* (feliz) são fórmas poeticas com paragoge (!) não sei de quê; que *imigo* é outra fórma poetica com pura syncope de *ni;* e que *impío*, por *ímpio*, tem deslocamento de accento. Tudo isso são inexactidões: *fugace, atroce* e *felice* tanto se usavam na prosa como no verso, e não passam de latinismos introduzidos na lingua litteraria, e que além d'isso têm os superlativos *fugacissimo*, etc.; *imigo* é outra fórma da prosa antiga, palavra formada pelo povo (*inimigo: inemigo: in'migo: ĩmigo*, como se lê nos doc. ant.) e não pelos poetas; *impío* é formado de *pio* e *im* (*in*), dentro já do português, sendo pelo contrario *ímpio* o latim *impĭus* (em hesp. a unica fórma usada é *impío*). Muitos

mais exemplos se poderiam dar de como a grammatica antiga explica a moderna, e tudo isto muito elementarmente, sem latim nem grande apparato philologico, ao alcance das crianças de dez annos, cuja instrucção assim se fortifica, e cuja intelligencia assim se desenvolve, porque mais vale uma razão clara e convincente do que muitas regras sêccas.

IV) Utilidade para a orthographia.

Ha linguas com orthographias muito complicadas, como o inglês e o francês; mas quem as escreve tem normas certas por onde se regula. Nós porém somos um povo quasi sem orthographia: cada um escreve de seu modo, e ainda um mesmo individuo representa ás vezes a mesma palavra por maneiras differentes. Todavia dentro das regras, que são claras e reconhecidas, não se devia errar. Para que escrever *luzitano* com *z*, se a fórma primitiva tem *s*? Para que escrever *Cardozo*, se esta palavra é apenas na origem um nome commum, *cardoso*, que vem de *cardo* com o suffixo *-oso* e não *-ozo* (lat. *-osus*)? Para que escrever *Serzedello*, em vez de *Cerzedello*, se a base d'esta palavra é o lat. *quercetum* com fórma deminutiva? Um *s* e um *c* (*ç*) em português têm differente origem, e por isso não se podem usar á vontade. Os nossos antigos escreviam *Sintra* e *Buçaco*, e é assim que hoje se deve escrever, porque o *s* na primeira palavra e o *ç* na segunda accusam diversa origem, isto é, que o *s* de *Sintra* não provém de *c*, e que o *ç* de *Buçaco* não provém de *s*.

Isto póde parecer ocioso, e muita gente chama-lhe frioleiras; mas ou bem que nós nos havemos de entender ou não: quando ha normas para as coisas, devemos segui-las; proceder á toa é que é disparate. O estudo da lingua antiga auxilia a orthográphia moderna: deve escrever-se *ansioso*, *pessego*, etc., porque era assim que d'antes se escrevia, e porque essas palavras vêm respectivamente do lat. *anxiosus* (isto é, x = cs, — suppondo-se para *ansioso* um primitivo *ânsia*) e *persicus*, em ambas as quaes ha *s*, ao qual a consoante anterior foi assimilada. Para as escrever com *c* é que não ha fun-

damento de especie alguma. — Á Academia das Sciencias pertence regularizar a orthographia portuguesa.

V) Utilidade para firmar o sentimento da nacionalidade.

O primeiro dever do cidadão é amar a sua patria, e defender a integridade do territorio. Isto é uma verdade evidente. Todos os homens são irmãos, por isso todos se devem amar: a humanidade é uma familia, e a terra uma patria commum. Mas, sem que se destruam os laços universaes que resultam da communidade do berço, — por isso que todos os sêres semelhantes tendem por natureza uns para os outros —, e sem que se afrouxem os da communicabilidade social, ha nesta familia ramos secundarios em que os laços da affinidade são successivamente mais estreitos, e o amor se manifesta por isso com mais força. Assim os brancos ligam-se melhor entre si do que com povos de outra côr: aqui temos um d'esses grupos secundarios. Os brancos da mesma ou semelhante civilização estão no mesmo caso em grau maior: por exemplo os povos neo-latinos, e entre estes ainda os do ramo occidental, como mais proximos. Por fim chegamos á noção da *patria* propriamente dita. Naturalmente os portugueses se amarão mais entre si do que por exemplo amarão os franceses, os hespanhoes, os italianos, de todos os quaes differem na lingua, nos caracteres, nos costumes, etc. Para este amor concorre de um lado, como disse, a affinidade natural, pois nos sentimos inclinados para quem possue feições semelhantes ás nossas, ou comnosco habita dentro das mesmas fronteiras, alimentando na alma o mesmo ideal; do outro concorre o interesse pratico da vida, pois do bem alheio depende tambem o nosso. Ora este amor patrio, este sentimento da autonomia nacional, será tanto mais íntimo e duradouro, quanto maior for a consciencia que d'elle haja.

D'entre os diversos elementos que constituem uma nacionalidade, a lingua é um dos de mais valor, porque faz que aquelles que a fallam traduzam por fórma semelhante a communidade do sentimento, o que avigora este. E já na antiguidade assim se

julgava. A palavra *barbaro* o mostra. O estudo theorico de uma lingua assegura-nos melhor na posse d'ella. E como uma lingua não teve sempre a fórma que nos apresenta em dado momento, mas teve outras que explicam esta, fica entendido que o conhecimento das phases antigas da lingua portuguesa, habilitando-nos, como disse ha pouco, para nos inteirarmos melhor da lingua moderna, fortalece *ipso facto* o sentimento nacional.

O amor da patria e da lingua sempre caracterisou os antigos portugueses. O bello idioma luso foi exaltado em prosa e verso. No seculo XVI escreveu João de Barros o *Dialogo em louvor da nossa linguagem,* Ferreira de Vera os *Breves louvores da lingua portuguesa,* Magalhães de Gandavo o *Dialogo em defensam da mesma lingua;* no seculo XVII Severim de Faria e Sousa de Macedo produziram trabalhos no mesmo sentido; no seculo XVIII Filynto Elysio cantou-a num poema! Todos os nossos mais notaveis escriptores se esforçaram por a escrever bem. Hoje, porém, os escriptores novos sorriem da poeira dos seculos, e dizem que *os classicos* cheiram a mofo, como se áquelles que se dedicam a um mester não fosse obrigação sua aperfeiçoarem-se nelle!

O desprezo que actualmente se nota pela lingua é um triste symptoma da decadencia geral do espirito patriotico, e é mais por isso do que por outro motivo que eu o lamento. Além d'esta causa ha ainda outras que concorrem para que a lingua se não estime. Uma d'ellas é a ignorancia. Ao passo que em alguns paises adeantados, como a Allemanha, o ensino da lingua materna se ministra durante uns poucos de annos nas aulas, em Portugal a nossa legislação apenas lhe concede nos lyceus um anno lectivo e parte de outro, isto é, uma escassa meia duzia de meses! Se se accrescentar a isto, de um lado a pouca preparação que os alumnos levam da instrucção primaria, e do outro a má vontade d'elles, vê-se como effectivamente a lingua portuguesa não deve ser bem sabida d'aquelles que escrevem. Digo *má vontade,* porque entre nós não ha habitos de estudo. Para os estudantes as aulas são

uma *massada;* os lentes uns *massadores.* Estuda-se só para se *passar* no exame; e quer-se o exame para se obter um curso que habilite a ter um emprêgo em que se ganhe muito e se não trabalhe nada. Este é o ideal da maioria. Mas ai do povo que não aspira senão á satisfação dos prazeres grosseiros da vida! Outra causa que contribue para a decadencia da nossa lingua litteraria é a lingua francesa, que, pelo seu uso cá, ora insensivelmente, ora de proposito, se vai infiltrando na nossa: insensivelmente, porque ella está sempre presente ao nosso espirito, e em virtude do pouco conhecimento classico da nossa, sobrepõe-se a esta; de proposito, pelo pedantismo dos que julgam que só o que vem de fóra agrada. Uma occasião vi num jornal d'esta cidade a seguinte noticia: «Hontem já era difficil alugar uma carruagem mais limpa, porque quasi todas estavam tomadas para hoje FAZEREM O BOSQUE E A AVENIDA». Fica a gente a scismar na habilidade d'estas carruagens que *fazem avenidas* e *bosques!* E sabem o que no caso presente significava *fazer o bosque?* Significava — ir para o Campo-Grande! Ás vezes dá-se o caso d'um jornal estar em contradicção comsigo mesmo. Li ha tempos no artigo principal de um: «altas questões de interesse publico, de subida importancia para todos os que prezam ACIMA DE TUDO A AUTONOMIA DA PATRIA»; ao mesmo tempo que isto se dizia na primeira columna, logo adeante no noticiario, ao fazer-se a lista das pessoas que tinham andado a passear na Avenida, repetia-se umas poucas de vezes a expressão *madame* e *mademoiselle* com referencia a senhoras portuguesas! O jornalista não comprehendia que desvirtuar a lingua, mascarando-a de estrangeirismos, era attentar contra essa apregoada autonomia da patria, que elle com tanta emphase defendia poucas linhas antes! O uso de *madame* e *mademoiselle* já dura ha uns annos, e parece que se vai generalizando, para o que tambem contribue a vaidade feminina, que assim adquire mais uns ares de exotica, em harmonia com a sentença vergiliana: *varium et mutabile semper femina.* Censurando eu uma vez um jornalista meu amigo que tambem assim escrevia, elle respondeu-me — que isto era gentil. Eu deixei-o, porque não

podia discutir com quem imaginava que havia gentileza em encher de remendos uma lingua rica. Nós já tinhamos no nosso vocabulario a palavra *madama*, que é igualmente de importação francesa; mas, pois que se applica com frequencia em sentido um tanto depreciativo, não agrada commummente aos ouvidos. Como porém com o tempo, em virtude das leis da lingua, *madame* virá, se se mantiver, a transformar-se outra vez em *madama*, ahi estamos nós cahidos em contradicção, ou então ha de a alta aristocracia ficar igualada á classe burguesa. — Não obstante esta invasão constante da lingua francesa na portuguesa, parece comtudo intuitivo que, se somos portugueses, e se Portugal tem uma lingua litteraria sua, devemos fallar e escrever português! E nós, que mostramos tanta propensão para copiar tudo o que vem de fóra, só não imitamos os estrangeiros no respeito que elles tributam ás respectivas linguas nacionaes. Neste desleixo, Lisboa sobresae, como capital que é. Vai a gente por essas ruas, e não só nos artefactos, como nos titulos, imagina ás vezes que está num bairro de Paris: são as *bijouterias*, as *confecções*, os *restaurants*, os *atèliers*, os *salões* (!) *de barbear*. De modo que ao cahos da orthographia junta-se tambem o do vocabulario e do phraseado.

Se todavia quisermos ser povo autonomo, temos de pugnar pela integridade dos diversos elementos da nacionalidade, que se não reduz só ao territorio: temos de dar impulso e caracter ás artes e ás industrias; e de contribuir para que nos nossos habitos, litteratura e lingua não offereçamos um quadro hybrido, mas sim offereçamos um genuinamente português. Sem isto nem a integridade do territorio, nem a paz, nem a riqueza publica servem de nada. Precisamos de harmonizar tudo. E se na nossa vida historica ha algum momento de provação em que se torne necessario reatar e segurar fortemente todos os vinculos da nação, é sem dúvida este. Em vez de federações phantasticas, com povos estranhos, contenhamo-nos nós aggregados moralmente, conscios de um mesmo grande ideal! — Mas não vem agora ao meu intento dizer mais no assumpto.

VI) Utilidade para desarreigar a opinião de que a lingua archaica é rude e irregular.

Esta opinião anda não só na mente de quasi todos, mas tem-se escripto innumeras vezes, e até em compendios escolares. Por exemplo, num que conta pelo menos doze edições, lê-se que a antiga lingua portuguesa «é barbara, irregular, inintelligivel ás vezes e com rudez de pensamentos», e que a versificação da época é «dura e sem nenhum conhecimento da arte». Com relação á segunda affirmação, bastava o auctor do livro dar-se ao trabalho de contar os versos e as syllabas de qualquer poesia antiga, para vêr a falsidade da sua proposição; é além d'isso hoje conhecido um tratado de poetica luso-provençal, certamente anterior ao seculo xv, o qual foi descoberto com o Cancioneiro Colocci-Brancuti, de que ha pouco fallei. Aquellas tão temerarias affirmativas não pertencem ainda assim ao auctor do compendio: são já referidas em segunda mão!

Noutro compendio escolar, que pelo menos conta oito edições, lê-se tambem: que a lingua primitiva de Portugal é o resultado de uma mistura das linguas celtica, phenicia, grega, romana, gothica, arabe, etc., chamando-se *romance* «porque n'ella sobresahia o romano corrompido»! E accrescenta-se que continuou «rude e incerta nas fórmas» até que no seculo xv tomou «um caracter particular, que a distingue das outras linguas». Parece que o auctor admitte que até ao seculo xv a lingua portuguesa não tinha existencia propria!

E obras, assim anti-scientificas, percorrem umas poucas de gerações escolares, sem governos nem professores as varrerem por uma vez da testada das aulas!

A extraordinaria opinião de que a lingua portuguesa archaica é rude e barbara refuta-se *a priori* e *a posteriori*. A refutação *a posteriori* da-la-hei no decurso das minhas lições. A refutação *a priori* da-la-hei agora aqui. O estudo scientifico que se tem feito de muitas e variadas linguas mostra que todas ellas são regulares na sua evolução; e a simples reflexão nos diz que qualquer lingua, já que serve para traduzir o pensa-

mento do povo que a falla, é perfeita e boa. Tanto merito tem a este proposito o grego de Homero como o quimbundo da Africa. Na propria lingua do povo, que ás pessoas superficiaes se afigura como caprichosa e irregular, descobre a analyse mais ligeira, regras constantes e certas. A linguagem é um producto do homem e que obedece ás mesmas leis a que obedece a natureza e as sociedades: como ha de pois ser errada? Logo, a lingua portuguesa archaica, por isso que é lingua, está nas mesmas condições que as mais. O chamar-se-lhe rude e barbara resulta de que, como offerece fórmas anteriores ás de hoje, e outras que differem das que nós usamos, embora semelhantes ás vezes a ellas, nos parece ser a nossa lingua em labios de quem a não falla bem. Se um português antigo pudesse resuscitar, e ouvir-nos fallar, a lingua de hoje produzir-lhe-hia um effeito analogo a esse, e diria que ella era o mesmo que nós dizemos que é a lingua portuguesa na bôca dos pretos.

(Continúa).

J. Leite de Vasconcellos.

IDÉAS E FACTOS

REVISTA DA IMPRENSA ESTRANGEIRA

Summario: *O vegetarismo,* pelo dr. Bonnejoy — *Bismarck,* por Emilio Castellar — *A politica franceza,* por Gabriel Monol.

O vegetarismo, pelo dr. Bonnejoy

(*Le végétarisme et le régime végétarien rationnel,* par le dr. Bonnejoy, Paris, J. B. Baillière et Fils, 1891)

«Pelo Novo Testamento não vêmos Jesus escolher, para symbolos do seu corpo e do seu sangue, o cordeiro pascal, que todavia estava na mesa da Ceia: mas prefere o pão e o vinho, productos vegetaes. A intenção vegetariana é ainda evidente na suppressão do sacrificio sanguinolento e na sua substituição pelo symbolo da missa. Jesus diz a seu Pae, na oração dominical do sermão da montanha: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje». Jesus foi, como tantos outros da historia, um vegetariano victima das paixões necrophagicas dos judeus, seus contemporaneos».

«Ovidio fez uma profissão de fé declaradamente vegetariana, que poz na bôca de Pythagoras. Era censurar abertamente os costumes necrophagicos da côrte, e por isso o feriu a desgraça. Mas, como muitas vezes acontece entre aquella gente, em todo o tempo dada á falsidade e a todos os vicios do necrophagismo, não foi sem duvida a verdadeira razão a que Augusto allegou; e, hoje ainda, conservam-se obscuros os verdadeiros motivos do exilio do poeta da *Arte de amar*. Nem o infeliz Ovidio se explica a esse respeito, accusa-se de imprudencia, de indiscrição, etc. Seja como fôr, Augusto nunca lhe perdoou, tomando como uma satyra impertinente dos costumes necrophagicos seus e da sua côrte as objurgações do poeta contra o crime horrivel do assassinio alimentar».

Quem abrisse ao acaso o livro do dr. Bonnejoy e lêsse os periodos que deixo transcriptos, mal poderia conter o riso; e, sem mais exame, não duvidaria passar ao auctor attestado de maniaco, pelo menos. Effectivamente, a nossa imaginação não poderá representar-nos, sem traços accentuadamente comicos, os judeus glutões condemnando Jesus Christo porque pedia pão em logar de lhes offerecer um bife. Mas quem, desconfiando de tão precipitado conceito, tiver a curiosidade e a

paciencia de lêr o livro inteiro e extremar o que alli anda confundido, o fanatismo, o exaggero, a observação sensata, justa e provada, concluirá reconhecendo que o regimen dietetico levanta em nossos dias problemas do maior alcance. As paginas que vamos dar aos leitores da Revista de Portugal serão o bastante para justificar este modo de vêr.

Significação da palavra vegetarismo. — Gleïzès tinha apresentado a sua doutrina sob o nome inconveniente de *Regimen das hervas*. Os inglezes, que foram os primeiros a tiral-a do esquecimento e da indifferença que a tinham acolhido na sua propria patria, não adoptaram este nome, e a elles se deve a palavra mais euphonica de *vegetarismo*, alongada mais tarde pelos allemães em *vegetarianismo*.

Este vocabulo foi todavia objecto de criticas. Não ha ninguem superficial que não imagine que a sua raiz está na palavra *vegetal;* e não é assim. Nem tão pouco está na palavra ingleza *vegetable*, que tem a mesma significação.

A verdadeira raiz da palavra *vegetarismo* é o adjectivo inglez *vegete*, vigoroso, vivo, activo; o qual é etymologicamente derivado do adjectivo latino *vegetus*, e do verbo *vegetare*, empregado por Horacio, por Seneca, por Plinio e pelos poetas da decadencia com a significação de: fortificar, animar, fazer crescer, dar movimento. Um *vegetariano* é, segundo a etymologia, um homem de saude robusta; o *vegetarismo* é o regimen que a dá; e *regimen vegetariano* significa na realidade, *regimen fortificante* e não *regimen vegetal*, como geralmente se crê.

Caracteres do vegetarismo. — Ha muitas especies de vegetarismo, porque todas têm um fundo commum que é a proscripção absoluta, na alimentação normal do homem, da carne de cadaver alimentar morto ou não morto, crúa ou cozida, sob qualquer fórma que se apresente. Quem a admittir, com o pretexto de moderação, anti-exclusivismo, religião ou qualquer outro, não tem evidentemente o direito de se chamar vegetariano; quando muito póde chamar-se semi-vegetariano ou necrophago mitigado.

Além do vegetarismo e do vegetalismo, que o leitor já não confunde, ha os vegetarianos por philosophia, religião, seita,

sentimento, amor dos animaes, aversão ao sangue, etc., mas nenhum grupo escolheu a razão scientifica como base das suas convicções vegetarianas. E isto que fórma o caracter da minha doutrina e que a distingue das suas congeneres. Mas, como a sciencia e a razão estão d'accordo com os outros mobís no sentido vegetariano, o vegetarismo nacional, como pratica e dietetica, concorda com as demais doutrinas na proscripção absoluta da carne dos cadaveres destinados á alimentação dos necrophagos.

Até hoje, o vegetarismo não foi ainda formulado em proposições claras, base scientifica da discussão. Os livros de ensino na materia limitam-se a uma série de considerações ou de preceitos excellentes mas pouco definidos. Gleïzès, por exemplo, espraia-se em deducções philosophicas, sentimentaes ou religiosas, etc.; mas em vão um neophyto procuraria n'ellas uma direcção pratica ou um axioma para fixar a sua convicção e dirigil-a. Procurei preencher esta lacuna; os meus tres axiomas são calculados de fórma a conter ao mesmo tempo a technica, a razão de ser e a pratica actual do vegetarismo. São por isso o resumo do meu livro, a parte principal; o resto é em certo modo accessorio.

Axiomas do vegetarismo. — I. A força reconstituinte geral do alimento reside onde a natureza poz a vida com o poder de desenvolver-se, e, por assim dizer, no estado virtual ou de chrysalida, isto é, nos cereaes, nas sementes, em certas raizes, tuberculos ou flôres, nos fructos, nos ovos, nos leites e seus derivados.

Mas a «vianda» ou carne do cadaver alimentar, crúa ou cozida, e as suas diversas preparações, não representa senão uma especie de *caput mortuum*, tendo já esgotado o seu cyclo nutritivo, mais ou menos cheio de toxinas, ptomainas, microbios e suas secreções, ou residuos de desassimilação, e, portanto, improprio para a boa alimentação; porque a morte, ou os seus productos, não poderiam conservar normalmente a saude e a vida.

II. O alimento, o ar, as bebidas, e em geral tudo o que se

introduz no corpo deve apresentar: pureza absoluta, frescura e ausencia completa de falsificações, mudanças de natureza, manipulações fraudulentas, adulterações, etc., por mais pequenas que pareçam ser.

III. Como corollario dos axiomas precedentes e meios de applicação pratica, é necessario que, o mais possivel, cada um fabrique ou produza em sua casa estes alimentos ou estas bebidas, para chegar a obter os resultados ou condições acima enumerados, e conservar o equilibrio da saude.

Estes axiomas contêm ao mesmo tempo o enunciado, a demonstração resumida, a maneira de ser e as condições ou preceitos de applicação do vegetarismo racional; todo o homem intelligente, seguindo-as á letra, póde, se quizer submetter-se-lhes estrictamente, fazer vegetarismo nas melhores condições.

A DENTADURA HUMANA E O VEGETARISMO. — Uma consideração, que não pude incluir nos meus axiomas, em que tive de limitar-me ao facto principal, e que prova que a natureza combate o necrophagismo exclusivo no homem, é a sua dentadura.

Os nossos dentes não são d'um carnivoro, ninguem terá a idéa de comparar-nos aos felinos, por exemplo, cuja queixada é provida de dentes ponteagudos para dilacerar as carnes; a nossa é a dos macacos anthropomorphos, que são essencialmente frugivoros.

Esta opinião é brilhantemente sustentada na Inglaterra pelos doutores vegetarianos: Lacy Evans, ha alguns annos; e mais recentemente o doutor anglo-americano E. Densmore, n'um volume publicado em Londres.

Este ultimo, como o precedente, pensa que os fructos são o nosso alimento normal e originario, e n'um curioso quadro compara a anatomia e a dentadura dos carnivoros, dos macacos anthropoides, do homem e dos animaes onnivoros.

É, com effeito, a nossa regra normal da alimentação, mas, diz-se, o homem é *onnivoro*. Quer dizer que por um beneficio da natureza, de resto commum a todos os animaes sem excepção, podemos temporariamente comer carne, assim como podemos sujeitar-nos momentaneamente a muitas outras substancias,

ao barro, segundo dizem os viajantes, ás hervas e raizes que habitualmente não são alimentares, segundo referem os historiadores das fomes e das guerras.

Quem não conhece o pão da farinha de ossos consumido pelos parisienses do cerco de Henrique IV? Alimentam-se os bois herbivoros com o pó de sangue de boi, os felinos carnivoros com pão, cenouras e outras raizes, e os macacos com carne; dir-se-ha por isso que perderam os seus caracteres primarios?! Veremos adiante exemplos da influencia que sobre elles exerce esta alimentação desviada da sua natureza primitiva, e que são um dos melhores argumentos em favor do vegetarismo.

A primeira das condições para viver sem doença é ter dentes sãos e intactos. Ora nota-se que são precisamente os necrophagos os que os têm peiores; é n'elles que mais cedo apparece a carie e que mais rapidamente se perdem. O contacto contínuo dos dentes dos frugivoros com a carne ou seus derivados que consomem, não lhes é favoravel. Se os dentes dos carnivoros não se estragam no contacto com a carne, é isso uma demonstração bem clara e bem evidente de que a natureza fez da frugivoridade ou do vegetarismo a alimentação normal do homem em todos os climas. Em contraposição, vê-se que os vegetarianos de nascença e que sempre pozeram em pratica esta salutar doutrina têm uma dentadura bella e intacta, que conservam até avançada idade.

O FERRO E O PHOSPHORO NO ALIMENTO VEGETARIANO. — Á medida que se estuda e que se profunda a questão do vegetarismo, ficamos admirados da quantidade de provas em seu favor, que se descobrem na sciencia, nas religiões e na philosophia.

A chimica vem tambem trazer o seu tributo ao vegetarismo. Os phosphatos, por exemplo, encontram-se, no estado *assimilavel,* principalmente no milho e nos outros cereaes, em dobrada quantidade da que contém a alimentação animal; o que faz da sua farinha, e particularmente da de milho e de aveia, o primeiro succedaneo do leite da mãe. Mas o que merece notar-

se, é a riqueza em oxydo de ferro da dietetica vegetariana comparativamente com a do alimento necrophagico.

O cavalleiro Mussa, professor no instituto technico de Aquila (provincia de Napoles), em 1877 leu á Academia de Vicenza um curioso estudo intitulado *Le sustinenze vegetabili,* em que se encontra o quadro, que vamos citar, das quantidades comparadas de oxydo de ferro contidas em diversos alimentos.

Resulta do seu exame ficarmos confundidos com o erro prodigioso dos industriaes, pharmaceuticos e mesmo homens de sciencia, que vendem productos necrophagicos diversos, ou prescrevem aos anemicos, com serenidade e convicção, a carne para uma cura problematica. O vulgo inventou uma grosseira physiologia que se traduz por este proverbio necrophagico — «a carne cria carne» —, grande cavallo de batalha dos kreophagos, que a consideram cegamente como a mais alta expressão da verdade e da justiça! e todavia, no estomago, os elementos nutritivos são decompostos, formam outras combinações, e a carne não se absorve no estado natural. Os medicos que partilham este erro parecem crêr n'essa physiologia phantasista, como os que bebem sangue nos matadouros estão persuadidos de que readquirem os globulos que lhes faltam.

Eis aqui o quadro comparativo do cavalleiro Mussa:

Oxydo de ferro nas cinzas:	
De trigo	0,68
De centeio	1,91
De hervilhas	1,00
De lentilhas	2,00
De sangue de boi	0,71
De sangue de porco	0,78
De carne de vacca	0,09
De carne de vitella	0,02

O auctor tira d'estes numeros esta justa conclusão: A côr rosada das faces e dos labios adquire-se muito mais facilmente alimentando-nos com vegetaes do que com carne do açougue.

Quadros semelhantes mostram tambem que o alimento ve-

getal é aproximadamente duas vezes mais rico em phosphoro, e por conseguinte em phosphatos, que o alimento animal.

O VEGETARISMO E A ECONOMIA. — Os auctores que têm preconisado o vegetarismo observam todos que a despeza de alimentação dos vegetarianos é muito menor que a dos necrophagos. Greg diz: Uma dada superficie de terra semeada de trigo produzirá uma alimentação dez vezes mais abundante que o mesmo espaço de pastagens destinadas á creação de animaes para o açougue, e Noyle prova que podemos, pelo mesmo preço, comprar cinco vezes mais materias nutritivas vegetarianas que iguaes materias animaes. O dr. Kingsford diz: « Uma superficie de terra consagrada á cultura dos cereaes, dos fructos e legumes, fornece uma provisão capaz de sustentar uma população aproximadamente doze vezes mais consideravel que a mesma superficie aproveitada para a producção de carne do açougue. Um regimen vegetariano, comprehendendo o queijo, a manteiga, o leite, custa, para cada pessoa, tres ou quatro vezes menos que o regimen mixto de carne ou de legumes, usado em França quasi por toda a parte ».

INFLUENCIA DA CARNE SOBRE OS ANIMAES. — O facto da maldade e da ferocidade dos animaes carnivoros comparadas com a docilidade e a doçura dos herbivoros, mesmo os mais fortes, é já uma grande presumpção em favor do vegetarismo e da sua feliz influencia sobre as paixões de toda a natureza. Mas os factos seguintes referidos por Liebig, e que são menos conhecidos, de carnivoros tornados inoffensivos por uma alimentação animal, e de herbivoros tornados maus e sanguinarios pela alimentação kreophagica, levam-nos necessariamente á convicção n'aquelle sentido. Um urso, preso no museu anatomico de Giessen, mostrava-se obediente e manso emquanto o sustentavam a pão, mel ou grão. Um dia, quizeram experimentar n'elle o effeito d'um regimen exclusivamente necrophagico. Tornava-se mau e perigoso. Voltaram ao regimen vegetariano e reappareceu a mansidão primitiva.

Sabe-se que os porcos sustentados com carne se tornam maus e que os cães de guarda, para se tornarem ferozes, de-

vem ser alimentados com carne, e com carne crúa de preferencia.

No homem, o raciocinio, a educação, a civilisação, as virtudes innatas ou adquiridas combatem os funestos effeitos do regimen exaggerado das carnes; mas todavia não deixa de ficar comprehendido na regra geral. O dr. Dundas Thompson falla dos extraordinarios effeitos d'uma refeição de carne, observados por um viajante entre alguns indigenas indios, vegetarianos por habito e de nascimento. Comeram com voracidade, e, uma ou duas horas depois, mudaram completamente a expressão das suas physionomias; os gestos desordenados, as palavras incoherentes, a gaguez, a excitação dos seus intentos mostraram uma embriaguez kreophagica evidente, que provava bem que esta refeição tinha produzido sobre elles o mesmo effeito que uma copiosa absorpção de alcool.

Só a enumeração dos homens e dos povos que na India, na Judéa, na Persia, no Egypto, na Grecia, na Alexandria, em Ephaso, em Roma, na Idade-Média, na Egreja, na Allemanha, na Russia e nos Estados-Unidos, em todos os tempos e em todo o mundo adoptaram e defenderam o vegetarismo, occupa mais de duas paginas no livro do dr. Bonnejoy e os documentos transcriptos mais de cem. Por isso teremos de contentar-nos com umas breves citações tiradas d'esse vasto compendio.

Discurso de Pythagoras segundo o poema de Ovidio. — Havia em Crotona um homem da ilha de Samos, que se banira da sua patria pelo odio que tinha aos tyrannos... Mantinha um estreito commercio com os deuses... Communicava os seus conhecimentos a uma multidão de discipulos que o admiravam n'um grande silencio...

Foi o primeiro que condemnou o uso de comer a carne dos animaes: doutrina sublime e tão pouco apreciada, cuja paternidade devemos attribuir-lhe.

Deixai, mortaes, dizia, deixai de servir-vos de abominaveis manjares; os campos apresentam-vos abundantes seáras; as arvores estão carregadas dos mais bellos fructos, e das vinhas pendem uvas para vosso uso. Tendes legumes d'um gosto agra-

davel, entre os quaes ha alguns excellentes quando são cozidos. Não vos são prohibidos o leite e o mel: emfim a terra prodigalisa-vos as suas riquezas e dá alimentos de toda a especie, sem que haja necessidade, para sustentar-vos, de recorrer ao assassinio e á carnificina.

Só cabe aos animaes o comer carne; e nem todos se alimentam d'ella. Os cavallos, os bois, as ovelhas não vivem senão de hervas; apenas os animaes ferozes, os tigres, os leões, os ursos e os lobos fazem da carne o seu alimento ordinario.

Que crime horrivel fazer entrar nas nossas entranhas as dos sêres animados, engordar o nosso corpo com a sua substancia e com o seu sangue! É pois necessario para conservar a vida d'um animal destruir a d'um outro? É necessario que no meio de tantos bens que a terra, a melhor de todas as mães, prodigalisa aos homens com tanta profusão, tenham ainda de recorrer ao morticinio para alimentar-se, á maneira dos cyclopes, e que não possam satisfazer a sua fome senão degolando animaes?

Não era assim que se fazia nos tempos felizes, que chamamos a idade de ouro: contente com as plantas e com os fructos que a terra produz, o homem não manchava a sua bôca com o sangue dos animaes. As aves voavam sem medo no meio dos ares... O universo tranquillo não conhecia laços nem armadilhas, tudo estava em paz.

Qualquer que seja que, para desgostar os homens dos alimentos innocentes com que se sustentavam, introduziu o costume de comer a carne dos animaes, abriu ao mesmo tempo a porta a toda a especie de crimes; porque foi sem duvida pela carnificina, que se fez d'estes animaes, que o ferro começou a ser ensanguentado. É permittido, na verdade, tirar a vida aos animaes que nos atacam, mas não convinha nutrir-nos com a sua carne. Todavia foram ainda mais longe; quizeram sacrifical-os aos deuses...

Que crime tinheis commettido, innocentes ovelhas, pacificos rebanhos, que daes aos homens um nectar delicioso, que vos despis do vello para cobrir-nos, e que emfim lhes sois mais

uteis quando vos deixam viver que quando vos matam? Que mal vos fez o boi, animal manso, incapaz de prejudicar-vos, e que só é feito para o trabalho?

É preciso ser ingrato, desnaturado, e inteiramente indigno dos bens que a terra nos dá, quando vamos tirar da charrua este animal tranquillo, o melhor de todos os nossos operarios, para leval-o ao altar e ferir de morte esta cabeça que tantas vezes gemeu sob o jugo, e que, por um trabalho penoso e duro, tantas vezes renovou as nossas seáras.

Não bastava aos homens commetter tão grandes crimes, precisavam ainda tornar cumplices os deuses, julgando que o sacrificio d'um animal tão util podia ser-lhes agradavel... Conduz-se assim a victima ao altar; lá recitam-lhe orações que ella não ouve; põem-lhe entre os cornos, que anteriormente tiveram o cuidado de dourar, um bolo feito do proprio grão que ella cultivou, e crava-se-lhe no seio a lamina sagrada...

Arrancam-lhe immediatamente as entranhas palpitantes, para consultal-as, e lêr n'ellas os segredos dos deuses. Ensinai-me, homens insaciaveis, d'onde vem esta avidez que não póde cevar-se senão nas carnes prohibidas? Renunciai a um costume tão criminoso; segui os conselhos que vos dou, e sabei que, quando comeis a carne do boi que acabaes de degolar, comeis o que lavrou o vosso campo. Pois que um Deus me inspira, só fallo conforme a sua vontade...

As nossas almas são sempre as mesmas, posto que tomem differentes fórmas segundo os corpos que animam. Que a Piedade não seja sacrificada á vossa gula, e para fartar-vos não expulseis dos seus corpos as almas dos vossos paes, nem vos alimenteis com o seu sangue... Como temos uma alma que depois da nossa morte póde passar para o corpo dos animaes, deixemol-os gozar tranquillamente a vida, e não perturbemos, matando-os, o repouso dos nossos paes, dos nossos irmãos, dos nossos parentes ou emfim dos homens, quaesquer que possam ser: não nos exponhamos a banquetes tão horriveis como os de Thyeste.

É acostumar-se a espalhar o sangue humano degolar animaes innocentes e ouvir sem piedade os seus tristes gemidos...

Que funesta aprendizagem! Deixai o boi lavrar tranquillamente a terra, e que a sua morte seja a consequencia natural da velhice. Contentemo-nos com o vello das ovelhas, para livrar-nos das injurias do ar, e com o leite das cabras para sustentar-nos: parti os vossos laços e rêdes, não enganeis mais a credula ave.

Cartas de Seneca. — Pois que já sabeis com que ardor entrei no estudo da philosophia durante a minha mocidade, não vos occulto a admiração que me inspiraram os preceitos de Pythagoras. Socion, e depois d'elle Sexto, resolveram ambos abster-se da carne dos animaes. Fizeram-no por differentes razões, mas igualmente nobres. Socion pensa que o homem póde satisfazer-se largamente sem derramar o sangue dos animaes.

Uma vez tornado habitual o assassinio alimentar, para a satisfação do appetite, segundo se diz, a brutalidade entrará ao mesmo tempo nos nossos costumes. Além d'isso accrescenta que esta variedade de alimentação, não sendo natural ao homem prejudica por conseguinte a saude. E quando mesmo vos privo da carne, diz, sómente vos privo do alimento dos leões e dos abutres. Convencido por taes argumentos, eu mesmo deixei o uso da carne dos animaes e, ao fim d'um anno, os meus novos habitos tinham-se tornado para mim, não só faceis, mas deliciosos; e parecia-me mesmo que a minha capacidade intellectual se tornava maior.

Outr'ora, não havia necessidade de tão grande numero de medicos e de instrumentos de cirurgia, nem de drogas tão numerosas. Muitas doenças foram creadas pelo nosso modo de viver. Notai que quantidade enorme de existencias um só estomago absorve, trabalhando assim para devastar a terra.

Homilias de S. João Chrysostomo. — Não ha pezar nem inquietações que façam ao espirito tão grande mal como o excesso das carnes faz ao corpo. Porque estes excessos acabam por gerar doenças, insomnias e outros males da cabeça, dos ouvidos e do estomago. Estes excessos e estas delicias perdem todas as partes do corpo, e o seu veneno espalha-se pela cabeça, pelas mãos e pelos pés.

Porque estas delicias adiantam a velhice, enfraquecem os sentidos, abafam a razão, cegam a alma mais esclarecida, tornam o corpo cobarde e effeminado, enchendo-o d'um montão de immundicies. Estas delicias são para o corpo o que uma carga excessivamente pesada é para um navio que vai ao fundo, levado pela grandeza d'esse peso. Porque trabalhaes para engordar tanto o vosso corpo? Quereis fazer d'elle uma victima boa para a immolação, ou pedaços de carne para servir nas mesas? Não se póde perdoar a engorda das aves, porque sendo tão gordas prejudicam a saude.

Mas os que se sustentam com estes animaes cevados enchem-se de gorduras como elles, e por esta repleção alimentam uma fonte de doenças. Porque nada é mais contrario ao corpo que este excesso de alimento. Tudo o que vai além da necessidade é um veneno. Uma prova d'isso está em que o ventre, quando sobrecarregado de carnes, vinga-se de nós por uma infinidade de males que nos faz soffrer. Começa por punir os pés que nos levaram a esses festins desregrados, ataca depois as mãos que o carregaram com tantas carnes superfluas: a uns e outros aperta com dôres agudas. Deus permittiu estes maus effeitos para um fim admiravel, para que, se não nos prendermos por dever, se não fôrmos sobrios por virtude, ao menos o sejamos pela força e pelo receio dos males, que são a consequencia forçada da intemperança.

A mulher, DE MICHELET. — Tem-se feito uma revolução: deixamos o sobrio regimen francez, e cada vez mais adoptamos a cozinha sanguinolenta e pesada dos nossos visinhos, apropriada talvez ao seu clima, mas não ao nosso. O peor é que infligimos este regimen ás nossas creanças. Que estranho espectaculo vêr a mãe dar á sua filha, que ainda hontem amamentava, esta grosseira alimentação de carnes em sangue, e os excitantes perigosos: o vinho, a exaltação; o café! E espanta-se de vêl-a violenta, caprichosa, apaixonada. É ella mesma que tem a culpa d'isso.

O que ella não vê, e é bem mais grave, é que n'esta raça franceza tão precoce, o acordar dos sentidos é directamente provocado por este regimen.

Longe de fortificar, agita, enfraquece, enerva... Para a mulher e para a creança, é uma graça, uma graça de amor, ser principalmente frugivora, evitar as carnes fetidas e preferir-lhes alimentos innocentes que não causam a morte a ninguem, um sustento suave que lisongeia tanto o olfacto como o paladar.

Penso que as raparigas devem ter uma alimentação de creanças, que continúa o regimen lacteo, dôce, tranquillo e pouco excitante; que, se comerem á vossa mesa, estejam habituadas a não tocar nos vossos alimentos que são um veneno para ellas.

Dujardin-Beaumetz, nas conferencias do hospital Cochin. — Vemos o inglez, alimentando-se de carne, quando habita o seu paiz, adoecer quando habita a zona torrida como na India. Ahi é forçado a tornar-se vegetariano.

É certo que, segundo os climas, o homem póde encontrar, n'uma alimentação puramente vegetal, todos os elementos de força necessaria, e é um erro julgar que as carnes são um alimento absolutamente indispensavel para a producção da força.

Não é aos animaes puramente herbivoros, o cavallo e o boi, que pedimos a maior somma de trabalho muscular? E os homens da India, da China, do Tonckim, sustentando-se exclusivamente de arroz, podem produzir um trabalho igual e mesmo superior aos operarios dos paizes do norte que se alimentam de carne.

De resto, póde affirmar-se que o maior numero dos habitantes do globo fazem uso, por necessidade ou por religião, da alimentação vegetariana, mas, quando consideramos os climas frios e os climas temperados, a introducção da carne no regimen do operario augmenta a producção do seu trabalho.

Um dos reformadores da religião de Brahma, que vivia seiscentos annos antes da nossa éra, Buddha Gaoutama ou Chakiamoni, condemna absolutamente o uso na alimentação de tudo o que viveu. O mesmo acontece na China onde vemos o budhismo, introduzido no sexagesimo-quarto anno da nossa éra, proscrever a alimentação com carnes.

Esta proscripção vemol-a renovada pelos grandes philoso-

phos e pelos grandes reformadores, que parecem todos convencidos dos graves inconvenientes que resultam dos excessos de alimentação e particularmente dos excessos das carnes; muitas vezes encontrareis estas mesmas doutrinas vegetarianas em quasi todos os philosophos antigos, Seneca, Plutarcho, etc. E da mesma fórma nos Padres da Egreja, em que podemos apontar uma serie de citações mostrando que o regimen ascetico foi seguido por um grande numero d'esses Padres. S. Chrysostomo, S. Jeronymo e outros elogiam a temperança, e em particular o vegetarismo.

Em tempos mais proximos de nós, devo citar especialmente um decano da nossa faculdade, Hecquet. Hecquet, que era um dos mais calorosos partidarios da sangria, pois que serviu de typo a Lesage para o seu *Doutor Sangrado,* era tambem muito partidario do regimen vegetariano. Cuvier, Monthyon, de la Métherie, Byron, Ménard, etc., teriam sido vegetarianos.

Não temos a occupar-nos aqui do vegetarismo, sob o aspecto social e religioso, e, se é da vossa vontade, passamos ao lado pathologico e therapeutico da questão.

Em geral, o homem rico ou ocioso come excessivamente. Conhecemos o papel consideravel que representam as leucomainas e as ptomainas nos phenomenos de auto-intoxicação, que se vêem tão frequentemente. Todo o mundo parece d'accordo em ligar a esta auto-intoxicação o embaraço gastrico, as congestões do figado, e principalmente a maior parte dos phenomenos que se desenvolvem na neurasthenia gastrica. Da mesma fórma na insufficiencia renal, e hoje devemos perguntar se, por este lado, o regimen vegetariano não é muito superior ao regimen da carne. Parece-me que em todos estes casos pathologicos, em que deve reduzir-se ao minimo o numero das toxinas introduzidas na economia, o regimen vegetariano impõe-se.

Precisamos primeiro explicar este ponto importante, a saber: que o regimen vegetariano póde ser sufficiente para a alimentação. Este facto é incontestavel, pois, mesmo sob o nosso clima, vemos nos campos povoações pobres conservarem a força e a saude com este regimen exclusivo. De resto, lá estão as ana-

lyses para mostrar-nos que o homem póde encontrar exclusivamente nos vegetaes a quantidade de azote que lhe é necessaria.

Com effeito, a maior parte dos vegetaes feculentos e leguminosos contém uma certa quantidade de azote. Mas quero fallar-vos particularmente dos novos feculentos, como a soja, a fromentina e a legumina, superiores na percentagem de azote ás proprias carnes.

A soja é esta hervilha do Japão (*Glycinia hispida*) hoje muito cultivada em certos paizes da Europa e particularmente na Hungria desde 1875. Esta hervilha, que contém muitissimo pouca fecula, encerra pelo contrario uma grande quantidade de materias azotadas.

Eis aqui a percentagem dos principios alimentares contidos n'esta hervilha:

Materias proteicas.....	36,67 %
Materias gordas.....	17,60 »
Materias amylaceas.....	6,40 »

A carne de vacca não contém, comparativamente, senão 22,74 de materias proteicas, 2,30 de materias gordas e zero amylaceas.

Assim, pois, temos na soja uma hervilha mais nutritiva que a carne, e que, para um grande paiz, como é o Japão, sob differentes fórmas, de molho, de queijo, de farinha, e mesmo d'um verdadeiro leite artificial, serve para sustento da população. Comprehende-se todo o proveito que o regimen vegetariano poderia tirar de semelhante alimento.

Direi em conclusão e resumo que o regimen vegetariano, applicado nos nossos climas, constitue uma medicação muito importante, que se impõe em grande numero de casos.

Muito teriamos que transcrever do livro do dr. Bonnejoy, se fossemos a notar quanto nas suas paginas merece exame. Mas terminamos aqui, na convicção de que o leitor não precisa de mais esclarecimentos para comprehender os fundamentos e consequencias das doutrinas vegetarianas.

Essas doutrinas não são novas, são mesmo muito antigas, e d'isso dão teste-

munho a historia passada de todos os povos e o seu viver presente em muitas regiões do globo. Só a litteratura ingleza sobre a materia formaria uma bibliotheca; tem doze publicações periodicas vegetarianas sustentadas por associações com innumeros socios, que fazem em todo o mundo uma propaganda activa. Até na Australia ha restaurantes vegetarianos! Londres tem trinta e dois, Manchester sete, e em toda a Inglaterra ha mais de sessenta.

É isso uma simples mania de excentricos ou envolve qualquer problema importante e serio? Mesmo pondo de lado todas as considerações moraes e religiosas que sempre lhe andaram ligadas, ainda nos fica muito que considerar e discutir n'esta questão. Tres coisas parecem fóra de duvida: primeira que o regimen vegetariano é absolutamente sufficiente para as necessidades do organismo humano, segunda que é um valioso meio therapeutico, e finalmente que é a mais economica das dietas. *As conferencias* de Dujardin-Beaumetz, que tem fama de ser um mestre consagrado nas questões de hygiene alimentar, põem fóra do debate o lado physiologico do problema, emquanto por outro lado as vantagens economicas do regimen vegetariano são d'uma tão clara evidencia, que dispensa analyse.

É preciso ter bem presente que o regimen vegetariano inclue os ovos, o leite e seus derivados. Ora, um escriptor suisso, Eduardo Lullin, n'um artigo que em 1891 foi publicado na *Bibliothèque Universelle*, de Lausanne, mostra que d'um quadro comparativo feito no instituto Pasteur, soccorrendo-se dos numeros dados por Payen sobre a composição dos alimentos e do seu preço no mercado de Paris em janeiro de 1887, deprehende-se que o leite é o alimento em que o azote fica mais barato. N'esse quadro, o preço do kilogramma de azote é de quarenta francos quando vem do leite, de trinta quando se tira do queijo Gruyère, de cem na carne de carneiro, de cento e dez na carne de vacca e de cento e cincoenta nos ovos. Nem são precisos numeros; uma breve reflexão mostra-nos que necessariamente o preço do alimento ha de estar em proporção com as transformações por que passou, e por conseguinte quanto mais rudimentar fôr o estado em que o utilisemos, mais barato nos fica. É realmente uma excessiva multiplicação de trabalho que para fabricar os musculos humanos se fabrique primeiro os musculos de qualquer outro animal, quo se desfaçam immediatamente, para concluirmos pela producção de qualquer coisa absolutamente identica ao que precedentemente destruimos. Pelo lado economico o regimen necrophagico não se sustenta; só decididas vantagens physiologicas poderão justifical-o.

Mas que nos diz a physiologia n'este ponto? Nada positivo e seguro. Pelo contrario, as doutrinas modernas de fermentos e microbios abriram horisontes tão largos ao saber e ao estudo, que nos deixam convencidos da profundeza da propria ignorancia. Para não irmos mais longe, attentemos n'um só exemplo tirado das palavras de Dujardin-Beaumetz, que acima deixamos citadas: — Esses casos de auto-intoxicação até que ponto são derivados do regimen necrophagico? Que fermentos e venenos encerram os residuos da alimentação d'esse genero, como se accumulam no organismo, como influo na vida? Fica sempre aberto um campo infindo

ás hypotheses de toda a natureza, se consideramos a questão nos estreitos limites da sciencia; emquanto a historia, sem mais justificações que não sejam as do simples facto realisado, mostra-nos os povos vegetarianos vivendo e prosperando como os mais affeiçoados ao açougue. Os nossos campos podem dar-nos exemplos preciosos das provas d'este ultimo genero: o lavrador e o pescador são vegetarianos. O que elles comem de carne ou de peixe é uma quantidade minima que não póde entrar como elemento apreciavel na alimentação.

Supponho, pois, que esta questão do regimen dietetico está muito longe do seu termo. E é importante: pela influencia que tem na prosperidade e porque nos mostra bem, como a sciencia é limitada. Aos muitos *krachs* que vão assignalando o fim do seculo XIX, *krachs* financeiros, politicos, moraes, philosophicos, de toda a natureza, comprehendendo todos os ramos da actividade humana, não me parece impossivel que venha juntar-se o *krach* scientifico; e os doutores do nosso tempo deixarão grande pasto ao riso dos doutores do seculo XX.

Bismarck, por Emilio Castellar

(*The Arena*)

Um pensador da sua força, um estadista do seu saber, um homem da sua grandeza devia lembrar-se do que os physiologistas demonstraram relativamente á hereditariedade, e devia ter conhecido que era o seu dever, e o da nação e dos allemães, pôr-se em guarda contra qualquer capricho de atavismo que poderia ferir o seu proprio poder. Um rei da Baviera cantando operas de Wagner entre lagos e rochas; um irmão do rei da Baviera assemelhando-se ao Sigismundo de Calderon pela epilepsia e pela loucura; o principe Rodolpho mostrando que a dupla enfermidade inherente á linhagem paterna de Carlos o Temerario e á linha materna de Joanna a Doida continúa nos austriacos; um rei da Prussia fechado no seu quarto como n'uma prisão, e obrigado pela fatalidade a abdicar do throno dos avós durante a sua vida em favor do proximo herdeiro, devem mostrar, como mostraram, qual é o resultado de affrontar as maldições do oraculo.

Mas o chanceller, na estreiteza da sua vista, encheu a cabeça do joven imperador Guilherme de idéas absolutistas; esti-

mulou-o e excitou-o a mostrar-se impaciente com o seu infeliz pae; e quando, assim educado, o tutor abriu a bôca para satisfazer o seu appetite, elle devorou o chanceller, como um animal feroz devora o guarda. A quem póde elle censurar senão a si proprio? Os imperadores costumam ser ferozes com os seus favoritos quando estão aborrecidos d'elles. Como Nero matou Seneca, como João II enforcou D. Alvaro de Luna, como Philippe II perseguiu Antonio Perez até que elle morreu, como Philippe III decapitou D. Rodrigo Calderon, Guilherme II decapitou moralmente Bismarck sem outro motivo que não fosse o seu imperial capricho. *Sic volo, sic jubeo.* Aventurar-se-ha agora o chanceller a apresentar-se no parlamento, porque foi demittido do palacio real como um lacaio? Nas sessões do parlamento ha de assemelhar-se á gallinha depennada e cacarejando, que os sophistas lançaram nas palestras de Socrates. No parlamento, em que outr'ora entrava de esporas e sabre, capacete no braço e couraça ao peito, entrará agora como um timido rapaz d'uma escóla de caridade, e aquella assembléa, que elle em outro tempo castigava com mão forte como rapazes de escóla, escarnecida e caricaturada em sarcasmos muitas vezes brutaes, calcal-o-ha como os lilliputianos de Gulliver, e a historia ha de sepultal-o, não como um despota em pórphiro egypcio, mas como um bobo. A sociedade, como a natureza, devora tudo aquillo de que já não precisa. A morte de Guilherme I, o Cesar; a morte de Roon, o organisador; a morte de Moltke, o estrategista, todas lhe diziam que desapparecia e se extinguia a especie de homens a que elle pertencia. A sciencia moderna ensina que as especies extinctas não reapparecem. Bossuet dizia que o Eterno destruiu o instrumento da sua obra providencial, porque era já inutil. Fique pois Bismarck retirado e espere, sem impaciencias nevroticas, o julgamento final de Deus e da historia.

O que ha de mais curioso nas palavras de Castellar são os prejuizos republicanos, talvez inconscientes, mas que nem por isso transparecem menos nitidamente. Este Bismarck, victima d'um rei, que o engoliu como uma serpente que elle proprio tivesse acalentado no seu seio, teria um vivo espelho na desgraça do imperador do Brazil banido pelo povo a que elle consagrou toda a sua vida, que

cobriu de beneficios e a que deu todo o prestigio que sempre podem dar os soberanos nobres e dignos: ao capricho dos reis, Castellar poderia oppôr os caprichos da populaça das republicas, não menos incertos e loucos que os primeiros. Mas esse segundo quadro escapa-lhe. Tanto póde a preoccupação idealista do paraiso republicano.

A politica franceza, por Gabriel Monod

A situação da republica franceza é um estudo cada vez mais interessante na politica geral da Europa. Nenhum paiz foi tão longe como a França na applicação dos principios chamados liberaes, que serviram de pretexto, e muitas vezes tambem de verdadeiro motivo, ás revoluções que têm agitado a vida dos povos em todo o seculo XIX; são d'isso testemunho bem claro a sua fórma de governo, a intervenção do parlamento em todos os actos do poder executivo e uma constante tendencia a consultar o voto popular em tudo o que importa á administração publica. É, portanto, do maior interesse a observação d'essa grande experiencia politica, e por isso hoje fazemos uns breves extractos do artigo que sobre este assumpto foi ultimamente publicado por G. Monod na *Contemporary Review*. Além de que o auctor é um observador intelligente e desapaixonado, em cujas palavras podemos confiar, se é que póde confiar-se em alguem quanto a previsões politicas que os factos capricham sempre em alterar e desmentir, *The Contemporary Review* é uma das revistas europeias que melhor póde guiar-nos nos esclarecimentos das questões politicas. Goza d'essa fama; e os nomes dos seus collaboradores justificam-na.

Depois das eleições de 1889 e do collapso do boulangismo, o traço mais saliente da situação politica em França foi a sua estabilidade — uma estabilidade que contrasta vivamente com as incessantes mudanças ministeriaes, que começavam a ser consideradas como inseparaveis do governo parlamentar. Esta ausencia de movimentos politicos é um facto digno de notar-se, cuja causa convém procurar.

Deve em primeiro logar attribuir-se ao chefe do governo, Carnot. A maneira correcta, serena e digna por que tem cumprido o seu mandato, mantendo-se estrictamente dentro dos seus poderes constitucionaes, exerceu a mais feliz influencia no espirito publico e especialmente no espirito parlamentar. Depois merece elogio, concorrendo no mesmo fim, o tacto e a pruden-

cia maravilhosa de Freycinet, que soube alcançar um grande prestigio na gerencia dos negocios da guerra, dando-lhes aquella continuidade cuja necessidade era reconhecida ha tanto tempo, e tendo simultaneamente a habilidade de se conservar nas boas graças de todos os partidos; nenhum o reconhece como chefe, nenhum confia n'elle absolutamente, mas todos desejam aproveital-o, e tem para todos esperanças e promessas. O seu gabinete contém moderados como Ribot e Develle, opportunistas como Rouvier, Roche e Fallières, radicaes como Bourgeois e Guyot, e, acima de todos, um homem d'um valor excepcional, — Constans. Finalmente, a camara e a situação parlamentar encerram factores permanentes de estabilidade, que prolongam a existencia do ministerio Freycinet e neutralisam as tendencias divergentes que ha dentro d'elle. Esses elementos são a grande importancia da questão economica e diplomatica no momento presente, em detrimento de todas as questões de politica meramente interna. Um dos principaes resultados da quéda do boulangismo foi desorganisar e desarmar por algum tempo todos os partidos que se comprometteram com elle — os radicaes extremos, os bonapartistas e os realistas. Os bonapartistas carecem d'um cesar capaz e popular; os monarchicos, destruida pela astucia de Leão XIII a sua intima união com o clericalismo, perderam o apoio que maior força lhes dava, e os radicaes não têm nem chefes nem programmas, pois M. de Mun, Clémanceau, Constans e Cassagnac são todos socialistas, mas cada um a seu modo. O facto é que presentemente em França todas as questões de politica interna estão em calmaria, e esta situação produziu no parlamento uma especie de boa vontade universal, que dá ao ministerio uma concessão de vida indefinida.

Mas emquanto as questões ministeriaes e administrativas passaram assim para o segundo plano, a politica internacional e as finanças tomaram uma importancia quasi exclusiva.

Durante vinte e um annos a França esteve só na Europa. Póde todavia dizer-se que, desde o congresso de Berlim em 1878, reassumiu o seu papel n'aquella detestavel discordia que corria com o nome de concerto europeu; mas foi um membro insigni-

ficante da orchestra, nunca um dos primeiros violinos. A sua posição foi o resultado da sua derrota; mas os inimigos da republica attribuiam o isolamento á fórma do governo, dizendo que uma monarchia só tem a escolher as allianças. A historia do seculo XIX não sustenta esta theoria. Excepto em dois breves intervallos, com Luiz Philippe e Napoleão III, quando houve um accordo cordial entre a França e a Inglaterra, a França tem estado isolada desde 1830. Em 1840 toda a Europa estava contra ella. Em 1870 ninguem levantou um dedo para evitar o seu destino; pelo contrario, todos tinham alguma coisa a ganhar com a sua fraqueza. A Russia aproveitou a opportunidade para apagar as consequencias do tratado de Paris, a Italia para se apossar de Roma, a Inglaterra para desenvolver o seu commercio, e a Austria para fazer novas combinações com o imperio allemão. Desde 1889 a França foi sempre suspeita; nunca teve uma alliança solida ou uma amizade duradoura. Mas hoje precisa alliados: primeiro para contrabalançar a triplice alliança e depois para responder aos que julgam que os governos monarchicos são naturalmente adversos á republica. Esta é a explicação dos transportes de alegria com que em França foram ouvidas as noticias da recepção da nossa esquadra em Cronstadt. Para os espiritos pensadores, o effeito d'estas demonstrações russophilas e da mania russa por tudo o que é francez, não é inteiramente tranquillisador. Esta ardente e rapida amizade não é resultado d'uma verdadeira identidade de principios ou de politica, de interesses materiaes ou intellectuaes, mas simplesmente uma antipathia e um receio commum; esta paixão da democracia franceza por um czar, e da populaça russa por uma democracia republicana podem converter-se n'uma tal exacerbação das paixões populares que nos levem a uma guerra europeia que os respectivos governos não desejam nem previam. Pela nossa parte já n'estas paginas indicamos como os interesses da Allemanha e da França deveriam leval-as a procurar mutuamente a amizade. A França nada tem a ganhar na alliança com a Russia, ainda que, com o seu auxilio, consiga vencer a Allemanha. Mas deve por outro lado reconhecer-se que toda a recon-

ciliação entre a França e a Allemanha é impossivel emquanto esta conservar em seu dominio a Alsacia e Lorena; e a França entretanto vê-se n'uma posição em que tem de aceitar as allianças que se lhe offerecem.

Qual será o resultado d'esta nova situação nas probabilidades de guerra ou de paz? É difficil prevêl-o. Por um lado, a França, consciente da sua melhor posição na Europa, sentirá com menos impaciencia a diminuição de força que lhe causou a perda da Alsacia e Lorena; mas, por outro lado, o proprio sentimento da sua força e da dos seus alliados, póde leval-a a adoptar um tom arrogante e a fazer demonstrações imprudentes. Os seus inimigos tornar-se-hão sem duvida mais circumspectos em vista do novo agrupamento das potencias europeias, mas póde acontecer que chegue um momento em que, julgando-se seriamente ameaçados, procurem na guerra as vantagens que a paz já não póde assegurar-lhes. Um desarmamento geral é cada vez menos provavel: e como é possivel conservar a paz com armamentos formidaveis, especialmente quando todas as nações, excepto a Russia, chegaram ao limite extremo do esforço possivel, emquanto a Russia póde ir armando-se e fortificando-se por um tempo quasi indefinido á custa de todo o resto? Como se póde esperar que o imperador Guilherme, d'um caracter impaciente e irritavel, veja de anno a anno a diminuição gradual da preponderancia da Allemanha, pelo mero crescimento da força dos seus visinhos e pela inevitavel relaxação dos laços artificiaes da triplice alliança?

É certo que depois de grandes fluctuações originadas em diversas causas e incidentes, fluctuações que ora aproximavam ora afastavam o restabelecimento de relações não totalmente inimigas entre a Allemanha e a França, a suppressão dos passaportes na Alsacia conseguiu rehaver para o imperador muitas das sympathias que elle tinha alienado e produziu sensivel afrouxamento nos sentimentos hostis da França.

Qualquer coisa semelhante aconteceu entre a França e a Italia. A queda de Crispi e sua substituição no governo pelo marquez de Rudini despertaram de ambos os lados dos Alpes

as naturaes sympathias que existem entre as duas nações, e todos começaram a esperar o restabelecimento das antigas relações cordiaes. Só ha tres obstaculos: a triplice alliança, a politica commercial da França que prejudica cruelmente a Italia, e finalmente as recentes demonstrações dos catholicos francezes em favor do papa, que convenceram os italianos de que muitos francezes desejavam a restauração do poder temporal. Este ultimo obstaculo foi, porém, minorado pela inauguração do monumento a Garibaldi em Nice, que deu ensejo a que o governo francez e os republicanos em geral repudiassem a idéa d'uma restauração do poder temporal. Assim, para a Italia como para a Allemanha, se as coisas não estão satisfatorias como no fim de 1890, estão todavia bem melhores que no fim de 1888.

A segunda parte do artigo de G. Monod trata da questão economica e particularmente das novas pautas das alfandegas. É uma analyse muito bem feita e muito interessante das differentes causas e dos diversos sentimentos que determinaram em França a reacção proteccionista. Como lição politica, essa analyse tem valor: ensina como os mesmos effeitos derivam de causas diversas, conforme as diversas condições dos povos, e como portanto precisamos fugir de confiar em principios abstractos.

J. L.

REVISTA SCIENTIFICA

A INICIATIVA INDIVIDUAL NA ARCHEOLOGIA

Reeditava outro dia um publicista illustre a banal phrase que diz ser o desenvolvimento mental d'um povo, do mesmo passo que o progresso moral, aferido pela somma de actividades espontaneas na concepção, na organisação e na iniciativa que de longe vêm brotando isoladamente e que, ao diante, pela influencia educativa e de persuasão, bem como pelo numero, determinam naturalmente a marcha orientadora da nação. De tal sorte este facto é patente que, nos paizes onde a percentagem dos homens de expressão sobreleva os de concepção, ou melhor, onde a loquacidade domina a meditação e o pensamento, o atrazo é d'uma evidencia flagrante e o progresso apenas comporta o que de fóra é transportavel. Estão no caso os portuguezes, entre os quaes nunca existiu um numero sufficiente e competente de trabalhadores que lograsse impôr-se, destacando para todos os dominios da actividade espiritos de estudo, de tenacidade e de propaganda, os quaes, por uma derivada e natural hegemonia, dictassem ao paiz as regras do seu modo de existir e de avançar. D'est'arte a funcção puramente administrativa do poder central degrada-se e converte-se em exclusiva funcção tutelar, manifestando-se pelo modo que

estamos vendo, isto é, com a segura convicção de que não encontra obstaculo solido a empecer ou a derruir. E este um symptoma dos peores. Desde que a vontade popular é uma ficção, e uma massa collectiva pensante não previu a consequencia funesta dos seus erros para lhe contrapôr um resolutivo efficaz, confessando abertamente a sua assignalada impotencia pelo endosso que está fazendo, aos homens dos seus males, d'uma administração para que não acha remedio, esse povo, se não se extingue, é licito que o façam morrer.

Se, por um lado, nunca existiu entre nós um grupo vasto de homens que fizesse ininterrupta e solidamente o registro e o criterio da decadencia nacional, não é menos certo que este povo pouco disposto estava a attendel-o, como se verifica quando se repara na inutilidade dos esforços isolados de varios que, sem verbo mas com idéas, o tem tentado fazer em espheras por certo diversas e restrictas. Essa influencia foi quasi nulla, e, diria mesmo, negativa, de tal modo tem expandido e proliferado o bandidismo patrio. Isto é um povo que vive pela euphonia; tanto mais garantias offerece o depositario dos destinos da nação quanto a facundia oratoria fôr melhor soante. Se as corporações administrativas ou tutulares o não fizerem, este publico não cobre uma loteria para um museu, não se cotisa para um laboratorio, não testa para explorações; delegou em quem se sabe, tanto basta. E ao cabo do drama, em que foi simultaneamente auctor, comparsa e victima, logra uma opinião — que foi roubado — mas ainda com o mais catholico, deprimente e ultrajante sentimento — a resignação!

O habito d'uma miseria progressiva, a indolencia e a vacuidade, taes são os precedentes d'este caso lindo de pathologia social de mau caracter, accrescido d'um esgotamento que vem mais de traz, d'aquelle tempo em que as conquistas dos portuguezes formaram o arcabouço para o catechismo de pirataria mais selecto. N'este estado a incompatibilidade d'um governo representativo com tal povo é manifesta. A historia pregressa d'este já está feita; foi um paiz a que, por polidez e euphemismo, se chamou conquistador. A intervenção de venaes na admi-

nistração publica não é um atavismo de momento, que surge e passa: é uma hereditariedade que persiste e se desenvolve perante a passiva inercia nacional. Portanto a cura, se a tivesse, dever-se-hia buscar a um despotismo illimitado mas honesto, até que se verificasse uma capacidade de administração com origem e cunho collectivistas, talqualmente se marca para o menor um termo de tutela além do qual se presume seja por si governavel.

Devéras tem-se vivido n'esta terra um periodo de longa *enfantillage* no que toca á comprehensão lucida e firme dos mais rudimentares elementos de progresso intellectivo, de emprehendimentos com futuro, de decoro nacional. Pasma-se com a geral ignorancia de toda a gente, principalmente a das academias e a das camadas ditas superiores; pasma-se com a carencia d'uma novidade no dominio das idéas; pasma-se com a esterilidade já irritante das escólas; pasma-se com a inutilidade, ao menos, de tanto livro francez importado; pasma-se, por fim, porque todos n'esta terra, em pequeninos, têm lá para qualquer coisa a sua queda. Observe-se que, perguntados um a um, é este o parecer individual e unanime de toda a gente, feita a prévia e propria exclusão; de sorte que o mutismo assignalado enxerta-se, na parlapatice, com frequencia.

É de vêr ainda que o cerebro nacional, quando apto excepcionalmente n'uma tendencia melhor ou peor revelada em obra util, alheia-se estranhamente a tudo mais, dando-se o caso commum d'um professor, nos sahir, socialmente, um imbecil. Este incontestavel e verificavel *deficit* mental, que se denuncía no homem das sciencias positivas, por exemplo, pela ausencia d'um sentimento artistico elementar, d'uma comprehensão intuitiva de processos litterarios, de não-senso moral, de instincto organisador, de tacto administrativo, de polidez, de virtudes, até, altruistas e humanas, tem contribuido profundamente para a crise intellectual portugueza, tão desconnexos, tão separados, tão egoistas são os subsidios que esses homens de desbragado particularismo fornecem de longe a longe em proprio interesse. Fóra da acção acanhada da sua esphera, o desdem votado aos

estudos alheios nivela-se pela plebeia e geral estolidez, descambando sempre e nefastamente nas desastrosas e incontaveis leis do ensino, d'ordinario productos hybridos de incompetentes e de reformadores-especialistas.

Ninguem pensa ou deseja, certamente, que o burocrata, o professor, o homem de letras, o seu visinho, seja em archeologia um erudito; mas de todos é licito esperar que geralmente se saiba o periodo historico que marca um monumento, o cyclo artistico que accusa, o typo architectonico em que se filía. Estas, analogas e numerosas curiosidades adquirem-se summariamente, sem correlação ou dependencia de mistér; mas como entre nós se não é solicitado a adquiril-as, o trabalho individual e espontaneo é desconhecido, ou depreciado, ou atacado, occultamente, com rudeza. Vamos vêr como estas asserções se justificam.

A archeologia do Algarve e do Minho e a do concelho da Figueira, obra respectivamente de Estacio da Veiga, de Martins Sarmento e de Santos Rocha, foi estudada e descripta com a individuação que não logrou a dos outros logares, mercê do acaso feliz que fez nascer nas tres regiões esses tres homens para quem o paiz reserva o melhor do seu desdem ingrato. Aparte um pequeno subsidio para auxilio de custo das memorias que o primeiro alcançou, a educação e preparação scientificas, o inquerito, a pesquiza, a reunião e a catalogação dos documentos, correu inteiramente por conta de cada um dos investigadores, contraste singular com o rol de egoismos e torpezas que vem sendo desnudadas, e que portanto convém pôr em relevo. A obra de Estacio da Veiga, recentemente extincto, póde ser considerada sob tres aspectos: a de recolta, a theorica e a de propaganda. A primeira, por se haver realisado n'esta terra, deve dizer-se prodigiosa, sem precedentes, e, certamente, sem continuadores. Independente da sua primeira carta archeologica do Algarve representando as épocas pre-romana, romana, wisigothica e arabe, e na qual são assignaladas varias centenas de povoações, de portos, de fortificações, de estradas,

de sepulturas, de cemiterios, de minas, de fundições e de monumentos architectonicos, epigraphicos e sepulchraes, temos o esboço da carta prehistorica formada á custa d'uma vastissima documentação: machados, percutores, raspadores, escopros, estyletes, placas ornamentadas, alfinetes, pingentes, contas, collares, cintos, enfeites, amuletos, graes, agulhas, punhaes, facas, frechas, adagas, lanças, idolos, inscripções, ceramica, etc. etc. Contam-se por milhares os objectos colligidos na mais longa, laboriosa e paciente exploração que se ha feito entre nós; e quatro grossos volumes attestam duradouramente esta excepcional organisação de trabalhador.

Sobre tão larga colleccionação, o archeologo algarvio architectou hypotheses e theorias inconsistentes, ou muito contestaveis quando afastadas de casos particulares e isolados. Ultimamente mesmo o exaggero do seu criterio ethnologico excedia os limites da prudencia systematica com que naturalmente se premune quem se dedica a estudos tão férteis em lacunas como em relações apparentemente contradictorias [1].

As interpretações pittorescas ou flagrantemente descabidas do infatigavel collector, ás quaes não eram estranhas suggestões alheias que já fizeram ruido pelo exotismo e pela impu-

[1] Pouco tempo antes de morrer, Estacio da Veiga proseguia, talvez mais insistentemente do que nunca, n'este verdadeiro apostolado. Alguns extractos das suas ultimas cartas darão uma idéa precisa dos seus pontos de vista, no que tinham, para elle, de fundamental e ainda mais da persistencia e tenacidade que punha em conseguir impôl-os.

« No ultimo capitulo do vol. IV, achará v. outro assumpto que se me afigura dever causar desabrida irritação aos sectarios da escóla orientalista; pois estes pretendem (Lenormand, Maspero, etc.) que todos os alphabetos que têm havido e ha em toda a superficie do globo, são derivados do systema graphico pheniciano, e eu julgo mostrar que todos, começando pelo pheniciano, são deduzidos do systema graphico peninsular, já constituido na ultima idade da pedra. V. e o Ricardo Severo examinarão este assumpto, e certamente não deixarão de notar que trato de reivindicar para a nossa peninsula todas aquellas glorias que lhe hão sido usurpadas pelos fanaticos do monogenismo oriental ».

Em outra: « Peço a attenção de v. para o capitulo VII do vol. IV, em que trato das remotissimas origens graphicas peninsulares, geralmente attribuidas aos

dencia, em nada prejudicam, todavia, o valor da sua obra culminante, que é a organisação d'um museu archeologico regional, amplo e educativo como nenhum outro no paiz.

Pois bem; qual foi o seu destino? Cedido espontaneamente, ou mediante a pequena remuneração destinada a concorrer para a publicação das memorias descriptivas, o Estado possue-o ha bastantes annos armazenado monstruosamente n'umas lojas da Bibliotheca Nacional. Não está aberto ao publico em virtude da falta d'uma installação provisoria sequer, e ainda por ninguem ter destacado das repartições onde medram ociosidades, um amanuense e um guarda que conservem e abram a porta. Se alguem desejar saber apenas o que existe e como está amontoado, nunca o tente; seria uma odysseia para alcançar a permissão e o mais imprevisto e amargurado dos dissabores depois da visita.

Estacio da Veiga procurou todos os ensejos para alcançar uma accommodação que não só tornasse publicas e uteis estas collecções de tão variado interesse, mas ainda lhes garantisse a estabilidade. No prefacio do ultimo volume que deixou, traça largamente um programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal, certamente confuso, deficiente e por vezes impraticavel, mas que accusa uma incontestavel e apai-

phenicios, por não serem conhecidas as estações archeologicas da peninsula que as comprovam com os seus incontestaveis monumentos epigraphicos. Já vê v. que é esta uma doutrina opposta á da seita escolar do orientalismo: ouso, porém, lealmente expendel-a, por me parecer que não se deva por mais tempo consentir que a nossa peninsula e a Europa continuem a ser artificiosamente espoliadas das prioridades que hão manifestado relativamente ás mais remotas manifestações asiaticas. Reconhecida a verdade scientifica dos factos e consequentemente adoptada esta doutrina, não será difficil constituir-se uma corporação de *Occidentalistas,* que tome a seu cargo pôr termo a tantos desvarios».

Ainda em outra: «Agora trato tambem, no vol. v, de provar que as raças brancas superiores, dolichocephala e brachycephala, bem como as suas variantes, são positivamente antochtones do occidente da Europa, e que d'aqui é que passaram a occupar o amplo tracto da Asia occidental, que ainda hoje é habitada por gente branca e que alli implantaram todas as caracteristicas da sua ampla civilisação».

*

xonada boa vontade e traduz mais um esforço em favor do *desideratum*, cuja solução vinha defendendo desde 1878.

O resumo d'esse programma era assim exposto no ultimo numero da *Revista* da *Sociedade Carlos Ribeiro:*

« Dever-se-hia, primeiro do que tudo, inventariar rigorosamente todos os nossos monumentos archeologicos, distribuindo-os methodicamente em cartas regionaes, decalcadas sobre a mesma formula regulamentar, para a composição final de um mappa harmonico e uniforme da archeologia nacional. Uma direcção geral de archeologia e bellas-artes, annexa ao ministerio, legislaria no sentido de harmonisar praticamente estes serviços, executados sob a vigia de dois inspectores, a cargo de quem ficaria a conservação e reparação dos monumentos, assim como a fiscalisação dos museus. Completo o trabalho de collecionação de documentos, estes ficariam distribuidos em seis museus, correspondentes ás circumscripções em que se suppõe dividido o reino, systema que o snr. E. da Veiga prefere ao de um só museu central de archeologia. Os exploradores de cada circumscripção seriam obrigados a colligir, parallelamente aos materiaes de estudos archeologicos e historicos, todos os documentos de caracter ethnologico que iriam compôr, com outros subsidios affins, um museu central de anthropologia. Ahi fundar-se-hiam laboratorios e um curso especial de anthropologia, a cargo do director do museu, ao mesmo tempo que se introduzia no Lyceu de Lisboa uma cadeira de archeologia, distribuida, dois annos depois, aos outros lyceus do reino ».

Os resultados da sua penultima tentativa exara-os Estacio da Veiga nos seguintes periodos d'uma carta particular: « O meu programma, como v. verá, foi provocado pelas vãs promessas que presidiram á instituição do ministerio de instrucção publica e bellas-artes, em que o auctor simulava querer aqui rejuvenescer o mais luminoso ideal da esthetica hellenica, sem ao mesmo tempo indicar os seus projectos respectivos ao tão absolutamente necessario reconhecimento scientifico das antiguidades paleoethnologicas e historicas do territorio nacional. Emfim, v. e os seus collegas na Sociedade Carlos Ribeiro, tomando co-

nhecimento d'este assumpto, em que haveria trabalho util e distincto para os mais sisudos archeologos do paiz, dirão a seu tempo se vale a pena resuscital-o do esquecimento em que o prostrou um ministerio que allegava não ter verba especial para taes trabalhos, mas que logo achou amplos recursos para arrendar casa por 4:800$000 reis por anno e para a enriquecer com obras e mobilias sumptuosas, cuja importancia bastaria para se levantar a carta archeologica geral do reino, para serem fundados os museus que propuz (Faro, Evora, Lisboa, Coimbra, Porto e Braga ou Guimarães) e ainda mais um que muito conviria haver em Villa-Real».

Por ultimo, em officio dirigido em janeiro de 1891 ao ministro da instrucção publica e do qual a sociedade scientifica a que o extincto archeologo se refere recebeu cópia, insistia Estacio da Veiga, ainda uma vez e a ultima, pela organisação definitiva do museu do Algarve. D'esse extenso documento, que não é do conhecimento do publico, transladamos a parte indispensavel para a elucidação do assumpto.

«Cumpre-me informar v. exc.ª que o museu archeologico do Algarve tal como eu o organisei e apresentei ao congresso de anthropologia e de archeologia prehistoricas, em 1880, e ao publico d'esta capital durante os dez mezes que esteve aberto, não era nem poderá ser o que ha nove annos está sendo, achando-se sem o espaço que lhe competia e sem collocação condigna para a ordenação methodica dos seus padrões archeologicos. Transferido em 1881 para um espaço apertadissimo não previamente preparado e subtrahido assim ao estudo publico, foi preciso devolver importantes collecções depositadas no museu e arrecadar outras, que de modo algum foi possivel collocar nas tres fileiras de grosseiras mesas, em que mui impropriamente figuram algumas de varias épocas.

«O museu por mim colligido e organisado para comprovar directamente a carta archeologica geral do Algarve com referencia ás antiguidades que indicava, descobertas n'aquella provincia até 1878, já não póde actualmente acompanhar os grandes desenvolvimentos que posteriormente occorreram e me obri-

garam a symbolisar em duas cartas já publicadas. Não está portanto em circumstancias de ser apresentado a visitantes entendedores, em razão das suas numerosas lacunas, sem grave offensa para os meus serviços e para a dignidade scientifica do paiz. Essas lacunas, porém, podem ser promptamente preenchidas, porque durante os ultimos nove annos, tendo constantemente em vista esta necessidade especial, consegui reunir todos os precisos elementos, formando com elles valiosas collecções. Estas novas collecções, auxiliadas por outras particulares já promettidas e pelos importantes monumentos que ainda podem fornecer muitos concelhos do districto de Faro, juntando-se a varios padrões da mesma procedencia, deslocados n'outros logares, dariam em resultado um amplo museu rigorosamente archeologico, sem que com elle podesse competir museu algum do reino.

« Só eu, porém, poderia reunir estes elementos, porque mais ninguem os conhece no seu conjuncto, e só eu poderia proceder á reorganisação geral da sua totalidade, visto que nenhum outro individuo os póde classificar e collocar em seus respectivos logares por ignorar os jazigos e condições do seu apparecimento. Para tudo isto se levar a effeito, não ha difficuldades praticas nem avultada despeza a temer; e para o museu, depois de reorganisado, se conservar aberto, bastaria uma verba annual assás modesta, indo eu dirigil-o com a simples gratificação que recebo pela obra das antiguidades monumentaes do Algarve, e indo para alli com o vencimento que tem no quadro dos serventes do museu de bellas-artes, o mesmo empregado que me acompanhou na organisação em 1880 e que de então até hoje tem sido encarregado da limpeza do mesmo. Com mais um escripturario, que ao mesmo tempo servisse de conservador e me supprisse nos meus impedimentos, o qual poderia vencer verba não superior a 300$000 reis, e além d'isto, destinando-se para a limpeza e despezas miudas outra verba annual de 120$000 reis, nada mais haveria a dispender.

« Com referencia ás despezas de reorganisação, ha sómente duas verbas pouco avultadas, que não tornariam a repetir-se : uma

é a do preparo do espaço para o museu ficar alojado e ter permanencia independente de qualquer administração estranha, e a outra é a que necessariamente haveria a fazer com o acondicionamento das collecções já organisadas e dos monumentos disponiveis ainda existentes no Algarve, porque sendo facilmente feita a sua remessa pela via ferrea do sul, pertencente á administração do estado, poupar-se-hia a despeza do transporte de Faro para Lisboa.

« Perder esta occasião em que ainda posso pôr por obra um tão melindroso trabalho, equivaleria a querer inutilisar e destruir o que tão avultadas sommas tem custado, pois se nova doença me impossibilitar de concluir o museu (*o que aconteceu effectivamente alguns mezes depois*), póde v. exc.ª ter a certeza de que pessoa alguma conseguirá desempenhar este serviço; porque ignoradas as condições de jazigo dos diversos objectos, a sua distribuição por épocas e a ordenação dos grupos correspondentes a cada uma em conformidade com as cartas e a minha obra descriptiva, não é possivel realisar-se [1]. Tudo ficará perdido ou laborando na mais desastrosa confusão ».

Nada se conseguiu até agora. O museu, se não ficou inteiramente perdido, está pelo menos vedado aos interessados, ainda mesmo que o facultem ás visitas, de tal sorte se encontra a installação. E aqui têm os senhores a inutilidade d'um trabalho individual de trinta annos, com todo um cortejo de dissabores, de canceiras e de excessos. Como colheita e acquisição de materiaes preciosos e ineditos não ha outra, entre nós, que a exceda; foi um trabalho que, se não vingou pelo infundamentado da interpretação em pontos varios, concorreu poderosamente para o enriquecimento do mobiliario de civilisações cuja historia se acabará de reconstituir se um dia a graça e a mercê governamentaes fizerem descer até lá um despacho piedoso.

[1] Comprehende-se, n'este periodo, que Estacio da Veiga desejaria principalmente dispôr as collecções na conformidade das suas hypotheses apresentadas nas *Antiguidades monumentaes do Algarve*, e a cuja inconsistencia nos referimos precedentemente.

As cidades fortificadas do Minho, conhecidas pela simples designação de cividades ou citanias, estavam ainda a esta hora por estudar e descrever se não fôra outra valiosa e audaz iniciativa, exclusivamente pessoal e, bem entendido, sem recursos officiaes ou de collectividade. Essas famosas acropoles de Sabroso e Briteiros, que desde o periodo neolithico foram habitações do homem e que, pela abundancia das armas, adornos, utensilios e ceramica, constituem um dos mais prestantes subsidios para o estudo das povoações pre-romanas, desenterraram-se á custa de bons contos de reis. Só estas duas estão plenamente conhecidas, sem um descuido de minucias, embora a exploração de muitas outras (Tarrozo, Bagunte, esta ultima começada a estudar por Fonseca Cardoso e Ricardo Severo, mas abandonada por falta de recursos, etc.), permittisse talvez solver duvidas e desfazer lacunas, além de enriquecer o mobiliario prehistorico e contribuir efficazmente para o levantamento da carta archeologia da provincia.

Esse trabalho, que é muito, e o dispendio, que entre nós é mais, deve-o o paiz ao snr. Martins Sarmento, rara e excepcional individualidade, com talento, com saber e com fortuna, tudo isto posto fidalgamente em favor d'um emprehendimento que o estado não iniciaria e ainda menos o publico, como se está vendo, por exemplo, com as grutas de Vimioso, falladas mas quasi ignoradas.

O extraordinario archeologo do Minho não parou na sua actividade com a pesquiza das estações referidas; além dos seus trabalhos de erudição, além do relatorio da exploração archeologica na Serra da Estrella, existem d'elle numerosas noticias ácerca de castros e objectos dispersos, e principalmente sobre varias antas e antellas do littoral minhoto. Os materiaes colligidos durante viagens incessantes não estão, felizmente, como os do desventurado Estacio da Veiga, ao arbitrio caprichoso ou solerte de quem, para nossa ventura, nos governa; tudo está disposto e convenientemente catalogado, mercê do desvêlo pessoal do investigador e ainda da *Sociedade Martins Sar-*

mento, a cujos progressos não é alheio, certamente, o concurso triplamente valioso do homem cujo nome adoptou.

Esta obra do famoso explorador já o paiz recompensou pelo modo e artes com que se estimulam prendas de authenticidade e importancia problematicas: uma portaria de louvor em 1876! Como incentivo, nada ha mais burlesco nem mais torpe! A *Sociedade* de Guimarães vingou e progrediu por lá estar Martins Sarmento; e por mais despachos que baixem, a archeologia jámais se fará com acquiescencias platonicas, de estima ou de favor, mas sim com vontade e com dinheiro.

Provaremos.

Em 1849 inaugurou-se, em Setubal, a *Sociedade Archeologica Lusitana,* tendo por intuito promover a exploração e o estudo das ruinas de Cetobriga, hoje Troia, povoação talvez de origem phenicia, mas na qual o dominio romano era accusado com uma não vulgar opulencia de vestigios. As reliquias da velha cidade eram tão notaveis que, pela historia adiante, já vinham fallando d'ellas André de Rezende, Agostinho de Santa Maria, o padre Raphael Bluteau, o cardeal Saraiva e outros mais. Inaugurou-se a instituição sob o patronato de D. Fernando, a quem os bons homens chamaram, no relatorio, *a estrella radiante e luminosa* que os guiava, e á sessão de abertura presidiu o 1.º duque de Palmella, já velho e gasto, parece, mas zeloso e ainda viril para auxiliar este intento. O estado adheriu da sua banda, não com moeda, certamente, mas com insignificantes ajudas que, com boas palavras, se valorisam, como sabem, por bom preço. Iniciaram-se as escavações pondo-se a descoberto uma área de 65 palmos de norte a sul e 160 de nascente a poente, encontrando-se nas ruinas umas 2:007 moedas romanas, estatuas, columnas, capiteis, cippos, amphoras, lampadas sepulchraes, vasos lacrimatorios, estyletes, agulhas, alfinetes, pregos, mós, tijolos dentados, quarteados e circulares, telhas, telhões, etc. etc. Seguidamente e proseguindo descobriram-se umas thermas com banheiras de argamassa signina guarnecidas a marmore e sobre um pavimento de mosaico tão bello que, alguns centimetros, são hoje um bello

e raro pedaço decorativo; com isto, vasos, amphoras e medalhas.

Mas a esta altura, tendo-se alcançado apenas, conforme o relatorio, pesquizar e apalpar o terreno, a direcção surprehendeu no cofre 60$000 reis para despezas. Impossivel continuar as investigações encetadas, a não ser o auxilio estranho — do governo, do districto ou do publico.

Ora d'este ultimo diz um dos relatorios: «A direcção, reconhecendo desde logo o gigantesco da empreza, um dos primeiros passos que deu foi dirigir-se a uma grande parte das CAPACIDADES, ILLUSTRAÇÕES e FORTUNAS d'este paiz pedindo-lhes o seu auxilio para o progresso d'uma sociedade que, nascendo d'um pensamento grande, de grande fundo carecia para se poder sustentar e caminhar ao seu fim; mas, salvas honrosas excepções (*da praxe*), essas notabilidades mostraram a sua pouca sympathia pela sciencia archeologica, isto é, tornaram-se indifferentes, senão surdas ás nossas rogativas».

O districto, sendo-lhe pedida auctorisação que permittisse á camara a cedencia d'um velho edificio em ruinas para installação do museu onde os associados archivariam os documentos recoltados e generosamente os punham *sujeitos á alta inspecção do governo* (Estatutos), respondeu affirmativamente, mas sob a condição de que a sociedade sahiria immediatamente do predio «e sem direito a indemnisação alguma por quaesquer bemfeitorias que houvesse feito, no momento em que um outro estabelecimento de maior utilidade (!) para alli fosse mandado». Isto é, com as palavras do mesmo relatorio: «o conselho de districto concedia á sociedade a faculdade de poder levantar do estado de ruinas em que jaz, o extincto convento da Boa Hora, para, quando prompto ou reparado á custa de não poucos sacrificios da sua parte, d'elle ser expulsa a pretexto de que um outro estabelecimento de maior utilidade alli devia ser collocado!»

Relativamente ao poder central conta o mesmo documento: «Um governo sabio e illustrado, sem o dispendio d'um real, e sem ir de modo algum sobrecarregar o nosso definhado thesouro, bem poderia muito contribuir, se d'isso tivesse desejos, para a

conservação e prosperidade d'este instituto: um córte de madeiras em algum dos pinheiros nacionaes, um pequeno contingente de operarios dado pela repartição das obras publicas, algumas duzias de braços dos forçados das galés, e a applicação de muitos e diversos instrumentos e utensilios que por ahi temos pelos nossos arsenaes, tudo isto, dizemos, mui poderosamente poderia contribuir para o progresso e completo triumpho d'esta sociedade, sem o menor sacrificio da parte do nosso thesouro, com immenso proveito do estudo archeologico, e por conseguinte com grande vantagem para as sciencias e artes d'este paiz».

Batida em toda a linha, como vêem! Para que a associação progredisse não bastaram o patronato de el-rei, a presidencia do fidalgo e a inclusão, na lista dos associados, do nome da snr.ª duqueza; teve audacia, vontade, perseverança e sacrificio, mas faltou-lhe o auxilio do paiz, official e privado. O proprio snr. Teixeira de Aragão, archeologo e numismata do paço, escreveu então: «Entregue unicamente aos seus pequenos recursos, abandonada da protecção do governo, que, sem dispendio dos cofres do thesouro, a podia e devia auxiliar, luctou com grandes difficuldades, emquanto pôde, e, apesar de ser protegida por sua magestade el-rei D. Fernando, e presidida pelo 1.º duque de Palmella, parou com as explorações por falta de dinheiro, o que equivaleu a acabar».

Na ordem chronologica Santos Rocha é o ultimo dos archeologos que intentou igualmente, por sua conta e iniciativa, a descripção e interpretação dos vestigios da época neolithica no concelho em que reside. Os trabalhos são recentes — um de 1888, outro de ha dias — e os motivos que o decidiram dos mais estranhos para cá: receio que se perdesse inteiramente para a sciencia, tanto material esparso e já profanamente revolto. Soubera que a alguns kilometros da Figueira existia uma mammoínha que fizera ruido e celebridade nos povos do arredor, não só por se haver encontrado n'ella varias lascas de silex e peças osteologicas, mas ainda por affirmarem a existencia de thesou-

ros occultos, verdadeira cubiça e desespero de curiosos que lá tinham ido á busca da riqueza, cautelosamente precedidos d'um padre que lera os exorcismos para plena extincção das mouras encantadas e sua malefica influencia. Até ahi Santos Rocha occupára a sua actividade indagadora e intelligente em trabalhos de erudição e curiosidade historicas, em viagens de antiquario dilettanti pelas cidades da peninsula onde os arabes imprimiram mais caracteristicamente a sua arte, e no fôro, o seu officio. A informação que tivera desviou-o, por um intuito exclusivamente patriotico e scientifico, dos estudos em mão e levou-o a visitar o megalitho afamado; em presença d'um verdadeiro tumulus, já remexido pela avidez indigena, o nosso futuro archeologo cuida em lhe *obstar á completa destruição* e inicia a exploração do monumento funerario. Verifica que se trata realmente d'uma mammoínha, estuda-a na sua fórma, orientação e dimensões, escava, e, no entulho, encontra varios ossos humanos bastante fragmentados, entre os quaes uma tibia platycnemica, um pedaço de louça, uma goiva, uma ponta de flecha e lascas de silex. Duas lages calcareas da propria mammoínha e os objectos indicados, eis os derradeiros vestigios do megalitho da Cumieira e, do mesmo passo, o ponto inicial das investigações archeologicas ulteriores, na região.

Effectivamente, este estudo accidental originou posteriormente a descoberta e exploração dos megalithos do Cabeço dos Moinhos, da Serra de Brenha e das Carniçosas, bem como o encontro e descripção de varios objectos dispersos pelas cercanias da Cumieira, em Quiaios, Cabanas, Tavarede, Alhadas e Fontella. Os megalithos forneceram fragmentos de craneos, de claviculas, de costellas, de vertebras, de humeros, de femures, de illiacos, de tibias, de cubitos e de maxillares, dentes, alguns ossos de animaes, amuletos, objectos votivos ou adornos, fragmentos variados e interessantes de ceramica, instrumentos de osso, machados de pedra, pontas de dardo, laminas e facas de silex, raspadores, etc. Os objectos de acaso são machados e pequenas hachas de pedra polida, facas de silex e goivas. Á parte descriptiva dos materiaes resumidamente apontados segue-se a

interpretação ethnographica, da qual se infere que nas estações preeitadas eoexistiram dois typos humanos, um provavelmente semelhante ao homem do Cro-Magnon, outro mais proximo do aetual, ambos sedentarios, habitando choças, oceupando-se exelusivamente da alimentação e da defeza contra os rigores das estações, adoptando instrumentos e utensilios rudimentares tirados da pedra, do osso e do barro, unicas materias primas em uso, erendo já talvez na immortalidade, possuindo instituições soeiaes elementares e uma arte igualmente primitiva. Isto, larga e intelligentemente deseripto e eommentado, constitue o objecto da sua primeira memoria ácerea das *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira,* que o paiz deve á fortuna da euriosidade d'este homem.

N'este caminho, e opulenta a região em monumentos exhistoricos, Santos Roeha decidiu proseguir no inventario, dispendendo, como Martins Sarmento, algumas vintenas de libras, fadigas e uma eanceira digna de melhor paiz. N'uma Revista da *Sociedade Carlos Ribeiro,* instituição scientifica moribunda pelos mesmos motivos com que arrazaram a de que atraz se fallou e que tem merecido de Santos Rocha a dedieação mais aetiva e fidalga, publicou o illustre archeologo varias noticias paleoethnologicas cheias de importancia e de interesse. O seu ultimo volume, porém, segunda parte da memoria notieiada e n'este momento distribuida, gratuitamente, é claro, exige outra referenieia espeeial.

Trata-se, naturalmente, da prosecução dos trabalhos eneetados, descrevendo-se varios instrumentos de pedra recolhidos na Cumieira, em Outeiro de Lima e em Paião, e bem assim as ruinas de Porto Saboroso, as sepulturas de Asseiceira e a estação humana da Varzea de Lirio. Os subsidios d'esta nova exploração são incontroversamente mais eonfirmativos e numerosos. Imagine-se que a estação de Varzea de Lirio é, nem mais nem menos, uma officina de armas e outros objectos prehistoricos: cerea de sessenta maehados de serpentina, de fibrolithe, de diorite, de phyllite e de quartzo, uma centena de nueleos, numerosissimas laseas, umas sem fórma determinada, outras com os

caracteres de percussão, outras em ponta de setta, varias centenas de laminas de faca, vinte e tantas serras simples ou duplas, raspadores ponteagudos, rectilineos, concavos, convexos, convexo-rectos e convexo-concavos, ponções, pontas de setta, destroços de ceramica, etc. etc. Essa colheita, cuja enumeração completa seria demasiado longa, foi ainda a que se alcançou depois de incessantes remeximentos no solo, quer motivados pelos trabalhos de lavra, quer pela curiosidade ignorante; á superficie, mesmo, poucos indicios existiam já; e só a abertura de vallas em todas as direcções e de fossos profundados até ao solo virgem, é que levaram ao definitivo reconhecimento da estação e acquisição do respectivo mobiliario.

Esta verdadeira opulencia veio confirmar as asserções já postas ácerca da natureza das estações da região e elucidar pontos dubios sobre os costumes d'estes povos primitivos. Ficou, por exemplo, authenticado um relativo desenvolvimento industrial com o apparecimento de instrumentos perfurantes e de raspar e, porventura, com utensilios de moagem e de cava; a preferencia de certas rochas para a confecção de armas e outros objectos revela tão pouco um desenvolvimento artistico que as primeiras pesquizas não haviam accusado. Por ultimo, as hypotheses ácerca dos processos de inhumação, do mobiliario votivo e d'outras praticas funebres, as instituições, as crenças e os usos, occupam uma boa parte do trabalho.

E aqui está, n'um rapido summario, a obra espontanea e desinteressada de Santos Rocha.

Faça-se pois o confronto d'ella, tomando conta do sacrificio pecuniario e de repouso, com a da maior parte dos que officialmente são incumbidos de esclarecer o reino, e certifique-se cada um de que, realmente, o paiz está remunerando indevidamente muitas ociosidades estereis e immoraes — estereis pela abstenção e silencio, immoraes pelo exemplo.

Aos tres investigadores a que nos referimos ha a accrescentar muitos outros cujas memorias mais locaes não têm menor signi-

ficação e alcance. As varias contribuições de Borges de Figueiredo, Fonseca Cardoso, Gabriel Pereira, Henriques Pinheiro, J. da Silva, José Caldas, Leite de Vasconcellos, Ricardo Severo e outros que não occorrem no momento, são valiosas sob todos os pontos de vista anteriormente enunciados; e os proprios estudos de Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Paula Oliveira, reputações scientificas já solidamente firmadas, embora hajam sido a natural derivativa de certos trabalhos de incumbencia official, têm muito de iniciativa pessoal e mais ainda d'um exaggerado cumprimento de deveres profissionaes. Por todos estes motivos se tem conseguido saber um tanto das civilisações primitivas que passaram pelo paiz e poupado o aniquilamento de numerosos monumentos espalhados por esse territorio.

Não foram apenas o desamparo dos governos e das corporações administrativas, a mudez das escólas e o desdem publico que occasionaram a destruição de muitas antiguidades nacionaes: a ignorancia e a superstição do povo rural, á falta de vigilancia protectiva, concorrem diariamente para o desapparecimento total de preciosidades que ficam portanto sem relato. Assim, uma lapide epigraphica que existia em Castro de Avellans está hoje servindo de remate n'um mausoléo de Bragança, com a inscripção inteiramente apagada. O povo da localidade, quando soube do roubo, fez desordem; mas o camarista, auctor do vandalismo, «chamou uma escolta de soldados e fez respeitar a sua auctoridade e a sua rapina». (M. Sarmento). Um lavrador de Santo Thyrso reuniu a pouco e pouco trinta e quatro palstaves; difficilmente os mostra e não cede nenhum, crendo que tem n'elles a fortuna dos herdeiros. Os machados de pedra são sofregamente guardados, pela superstição de que preservam as casas do raio; as necropoles que nos campos embargam, com alguns palmos, o terreno, são demolidas; as minas abandonadas e nas quaes vestigios de antigas explorações metalliferas indicam o grande movimento de metallurgia primitivas, vão sendo destruidas e arrazadas; muitos objectos prehistoricos com brilho metallico têm sido fundidos para se lhes *sepa-*

rar o ouro. Nas proximidades de Villa do Conde alguem gastou tudo quanto possuia para arrazar inteiramente um castro onde suppunha que existia um thesouro; o abbade de Rates mandou atirar para uma cova, que não se sabe hoje onde fica, quatro esqueletos perfeitos que appareceram em outras tantas sepulturas romanas; na cividade de Bagunte — como, de resto, em muitas outras — um certo mercadejava com as lages de granito.

O jornalismo commette por seu turno e muitas vezes semelhantes desvarios. Ha annos o snr. Henriques Pinheiro iniciou o reconhecimento archeologico d'um logar proximo de Castro d'Avellans, por delegação da Sociedade Martins Sarmento. O *Jornal do Commercio*, de Lisboa, noticiando, lembrou ao governo que tomasse conta da exploração (?!) para d'est'arte evitar que os particulares e as sociedades se apossassem dos materiaes e *os vendessem aos estrangeiros!* A *Provincia*, do Porto, reeditou a calumnia, a asneira e a brutalidade! Desnecessario dizer que o professor Pinheiro abandonou logo a exploração e o governo jámais se importou com tal.

Ora por innumeros factos como os que ficam relatados, se ha tentado, antes de Estacio da Veiga, chamar a attenção do estado para a organisação d'uma commissão destinada a estudar, vigiar e proteger as antiguidades nacionaes. Alguns passos se deram até para o esboço d'um projecto aconselhado, julgo, pelas regiões officiaes; mas nada se conseguiu n'este proposito, embora o paiz esteja sempre prompto em transplantar, de fóra, tanta inutilidade e fancaria.

Da Suissa temos um exemplo recente; o decreto federal de 30 de junho de 1886 organisa uma commissão archeologica permanente com o subsidio annual de 50:000 francos. Antes, porém, a confederação subsidiava já o museu archeologico de Berne, o museu rhetico de Grison, o *Antiquarium* de Argovia, o museu epigraphico de Genebra e um grande numero de medalheiros e collecções de sociedades sabias e cantonaes, como as de Zurich, Soleure, Bâle, Saint-Gall, Thurgovia, Lausanne, Lôcle, etc.

Todas as capitaes de provincia da Austria têm museus ar-

cheologicos. O governo austriaco, além d'uma *Commissão archeologica central,* subsidia commissões locaes, viagens e collecções regionaes, e tem, annexa a cada academia, uma secção de prehistoria, de ethnographia e de anthropologia.

A Italia possue varias commissões nacionaes incumbidas da vigilancia e estudo, e protege corporações municipaes com attribuições similares.

Na Allemanha, a administração geral dos museus de Berlim distribuia, ha poucos annos e largamente, um aviso onde se tornava publico que a referida corporação comprava todos os objectos prehistoricos que se lhe offerecessem, pagando juntamente o valor estimativo e real.

Em França, como na Allemanha e na Inglaterra, as commissões departamentaes e as sociedades de caracter particular são numerosas. O governo francez instituiu o *Comité des travaux historiques et scientifiques,* encarregado da vigilancia dos monumentos historicos e megalithicos, das escavações, das estampagens, dos decalques, do inventario dos archivos e de tudo o mais que se ligue com a historia nacional. É sob a direcção d'este *Comité* que se publicam, ha um grande numero de annos, os celebres *Documents inédits relatifs à l'histoire de France,* além dos boletins especiaes que separadamente dá á luz cada uma das secções; uma outra commissão occupa-se das *Recherches artistiques.* Para as missões subvencionadas periodicamente pelo estado, nas quaes se dispendem annualmente 143:000 francos, existe tambem uma commissão especial; e é conhecida sobejamente a celebre missão do Cairo, instituição permanente destinada ao estudo da archeologia egypcia e oriental, cujos trabalhos se publicam sob o titulo de *Mémoires de la mission archéologique du Caire,* ainda além dos *Bulletins de l'Institut Égyptien.* O governo de França dispõe mais d'uma verba annual avultada, não só para fazer representar dignamente o paiz nos congressos e outras solemnidades scientificas, mas tambem para subsidio de algumas missões sem caracter permanente, como a do snr. Émile Cartailhac em Portugal.

Parece que estamos na verdade em todas as affirmações

pessimistas precedentemente exaradas. A incuria da administração e do publico, tendo promovido desastres e perdas já irreparaveis, vem afinal contribuir para que fiquem irresoluveis muitos problemas e questões que estão de ha muito exigindo solução. Grande parte do que se conhece deve-se á iniciativa pessoal, limitadissima, por certo; e pelo que vai correndo, prevê-se que isto continuará assim por muito tempo, restando-nos pois e afinal mais um documento para o desolante inventario intellectivo da nacionalidade portugueza ou o quer que seja.

Rocha Peixoto.

POLITICA INTERNA

Muito poucos dias depois de termos escripto a nossa chronica de janeiro ultimo, a crise politica, ha tanto tempo annunciada, chegou ao periodo agudo. Immediatamente á interpellação feita no parlamento, no dia 11, pelo deputado snr. Luciano Monteiro sobre as questões da Companhia dos caminhos de ferro de norte e leste, a 12, o presidente do conselho de ministros communicou á camara dos deputados que o ministro da fazenda havia pedido a demissão e que el-rei a tinha aceitado. Mallogradas as tentativas de recomposição e mallogradas igualmente as tentativas de organisação de um novo ministerio presidido pelo snr. conde de Valbom, foi chamado para esse fim o snr. Dias Ferreira que a 16 apresentou a el-rei o actual ministerio constituido d'esta fórma: Presidencia e reino — Dias Ferreira; obras publicas — Visconde de Chancelleiros; guerra — General Jorge Candido; fazenda — Oliveira Martins; justiça — D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaida; marinha — Ferreira do Amaral; e estrangeiros — Costa Lobo. Ficou pois resolvida a crise e não é de esperar que venha a reabrir-se tão cedo. Examinemos um momento os graves acontecimentos que assignalaram os seus derradeiros tempos.

Com certeza, a historia do parlamento portuguez não re-

gista mais vergonhoso documento do que aquelle que o ultimo gabinete do snr. João Chrysostomo estampou nas costas do snr. Marianno de Carvalho, quando elle sahia do ministerio da fazenda. É indelevel; se fosse marcado a ferro, não poderia offerecer garantias de maior duração nem deveria doer tanto á dura pelle em que foi gravado.

Diziam assim as explicações que o presidente do conselho de ministros leu ao parlamento: «Em conselho de ministros, o snr. conselheiro Marianno Cyrillo de Carvalho declarou haver feito á Companhia real dos caminhos de ferro alguns adiantamentos em importancia total não inferior a 13 milhões de francos, sem conhecimento dos seus collegas no ministerio e sob sua exclusiva responsabilidade, que dando só agora conhecimento aos seus collegas d'estes factos, que tinham de ser consignados no relatorio da fazenda, desejava saber se o conselho de ministros queria tomar d'elles a responsabilidade. O conselho de ministros entendeu não poder tomar a responsabilidade d'aquelles factos, pelo que o snr. conselheiro Marianno de Carvalho pediu a sua demissão de ministro da fazenda, etc.» O resto pouco importa, resume-se em pouco: o ministerio, não podendo recompôr-se, demittiu-se.

Nunca se viu tamanho impudor, um abuso de confiança d'esta grandeza, um ministro da corôa, em situação gravissima, descobrir meio de simultaneamente atraiçoar e comprometter os collegas, o rei e o paiz! Houve em todo o reino um vivo movimento de pasmo; as façanhas do ministro iam muito além d'aquillo que se podia esperar. Ninguem duvidava de que elle tinha aceitado o governo para salvar, á custa de favores do estado, os seus amigos, banqueiros fallidos e bandidos agiotas; mas não se suppunha que o abuso tivesse ido tão longe. Não houve aldeia em que deixasse de se perguntar se não existia lei que punisse tão grande crime; pasmava-se tanto da ousadia do ministro infiel, como do regimen legal em que taes aventureiros podem andar livremente, a coberto da acção da justiça.

Aggravava-se ainda a situação do ministro, porque, ao mes-

mo tempo que era corrido das secretarias de estado, por ter praticado actos que os collegas publicamente repudiavam, mostrava-se nos tribunaes quanto favor mereciam aquelles que com tão carinhoso desvelo elle tinha tomado sob a sua protecção. Vinham á luz do dia e da policia os famosos escandalos da Companhia real dos caminhos de ferro e do Banco Lusitano. Em vista de queixas recebidas pelo descaminho dos fundos da caixa de aposentações do caminho de ferro, o governo determinou que alli fosse um commissario de policia verificar se o facto era verdadeiro. O commissario delegado para esse fim, fazendo abrir o cofre das aposentações e procedendo á verificação dos valores que elle continha, viu que faltavam titulos de 4 $^1/_2$ por cento ao portador, na importancia de 156:000$000 reis, e que estavam representados por um conhecimento d'um deposito correspondente a essa somma feito no Banco Lusitano. Continuando as indagações, soube o commissario que esse conhecimento era falso e os titulos tinham sido empenhados no Monte-Pio Geral. Estes principios serviram de base á acção judicial; o que em seguida se tem descoberto e averiguado, mantem-se debaixo de certa reserva, havendo razões para crêr que teremos ainda novas revelações de muitos e maiores abusos na gerencia da Companhia real e do Banco Lusitano. Durante alguns dias foram presos successivamente varios directores d'aquellas associações, soltos depois por mandado judicial sob fiança, arbitrada em centenares de contos.

O ministro a declarar no parlamento que tinha feito á Companhia real o adiantamento de muitos centenares de contos e o commissario de policia á procura dos directores d'essa companhia, accusados de terem disposto da fazenda alheia — eis o resumo da situação em que estava o snr. Marianno de Carvalho ahi pelo meado de janeiro. Desacreditado como estadista, tendo empenhado a nação em milhares de contos e demonstrada a mentira do seu famoso elixir de salvação, via-se agora alliado a gente de probidade duvidosa e tão intimamente... Havia de lembrar-se do proverbio — Dize-me com quem vives... — e pensaria que elle, Marianno Cyrillo de Carvalho, cuja ho-

nestidade era tão respeitada em todo o paiz, cujo tino era tão admirado na rua dos Capellistas e até mesmo lá para o bairro de Alfama, este homem de tantas virtudes e merecimentos passaria ámanhã na Avenida, e poderiam dizer que elle era o amigo intimo, muito intimo, d'esses bandidos que estavam no Limoeiro por vergonhosas culpas. Uma terrivel angustia havia de cortar-lhe o coração, e succumbindo perante a crueldade do povo incrédulo, n'um derradeiro protesto de amor iria a Santa Apolonia lançar-se debaixo das rodas d'uma locomotiva, significando por este modo que dava o ultimo alento pela sua querida companhia.

Era bonito, tinha uma curiosa mistura de romantico e de estoico, e o ministro havia de pensar muito no suicidio. Mas esse homem que tantas vezes se sacrificou pelo paiz, segundo elle mesmo confessa, continuando na mesma faina de sacrificios, para não offender os sentimentos materialistas do seu tempo, para que não julgassem que os gozos d'esta miseravel existencia terrestre deixaram de ser qualquer coisa appetecivel, consentiu em conservar a propria existencia, ainda mesmo com o risco de viver com a reputação d'um homem infame. É mais do que coragem, é heroismo. Porque emfim, repetimos, o risco é grande; quando um homem foi o amigo intimo de bandidos celebres, o povo, instinctivamente cruel, é capaz de julgal-o pelas suas relações.

Vive: e, nas suas diligencias por alcançar as palmas do martyrio, foi ao parlamento dar a explicação dos seus actos. Dizem os jornaes que o snr. Marianno de Carvalho principiára o seu discurso visivelmente commovido, e é preciso reconhecer que o caso não era para menos. Não se póde confessar o que elle confessou, guardando inteira serenidade de animo. Não queremos dizer que o ministro se envergonhasse; outros corariam, é verdade, mas elle está bem livre d'isso, não porque lhe falte pudor, sentimento commum aos corações bem formados, mas porque o seu ardor de sacrificio pela patria sobreleva a esses singelos sentimentos que guiam os miseros e vulgares mortaes. Não se commoveu pois por vergonha, mas

naturalmente porque entre os deputados poderia haver quem prejudicasse o seu acto de contrição com essas brutalidades que a camara infelizmente tem presenciado mais do que uma vez.

Ouçamol-o. Diz que são verdadeiras as declarações feitas pelo presidente do conselho, mas que não mandou entregar nenhumas quantias á Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, mandou pagal-as a credores da mesma companhia. Quando entrou para ministro da fazenda, encontrou encargos do thesouro no estrangeiro, a que era necessario occorrer, na importancia total de 15:669 contos de reis e que os recursos disponiveis eram apenas de 600 contos de reis. Que a situação economica interna não era melhor, e que, dada esta e a situação politica resultante da revolta de 31 de janeiro, tudo estava em perigo, até a independencia nacional. Fôra n'estas circumstancias que partira para Paris, onde conseguira alcançar recursos para acudir ás primeiras urgencias do thesouro, mas para poder levantar essas quantias teve de sujeitar-se a condições que repugnavam ao seu coração de portuguez. Parecera-lhe ser necessario sujeitar-se a ellas, porque, se o coupon de julho da Companhia real não fosse pago, não teria o thesouro com que pagar o coupon do estado. Por meio de combinações com casas bancarias pôde obter o necessario para pagar os encargos aos credores da Companhia real. Começaram então as suas hesitações, mas obrigaram-no a ceder á força das circumstancias. É certo que em julho poderia ter apresentado em conselho de ministros a situação tal qual era, mas o resultado seria uma perigosa crise ministerial. Não occulta que passou dias angustiosos; entre a hypothese de sacrificar o homem ou o paiz, entendeu melhor sacrificar o homem, mas salvar o paiz. Tres vezes esteve para dar-se a bancarrota, que elle pôde evitar, a primeira em junho, a segunda em outubro, a terceira ainda em janeiro.

Como se vê, as explicações do snr. Marianno de Carvalho são notabilissimas pela ousadia e pelo grau de imbecilidade que suppõe na camara e no paiz. Não justificam a sua

deslealdade com os collegas, não justificam os seus adiantamentos a uma companhia fallida, e nem sequer dizem quaes foram as combinações que fez em Paris; deixam o seu proceder na mesma obscuridade em que estava antes do discurso, e este facto torna mais pesadas as suas culpas, pois se as combinações de Paris e os motivos dos adiantamentos podessem confessar-se e legitimar o proceder do ministro, por certo elle se apressaria a contal-os minuciosamente. Não podia ter melhor defeza. Mas n'esse ponto passou rapidamente; e, como os seus abusos não tinham explicação senão no firme proposito de favorecer amigos á custa da nação aviltada por tanta deshonestidade, com um cynismo rematado, firmemente, quiz escudar-se n'esta quixotesca affirmação — tres vezes salvei o paiz da bancarrota, sacrifiquei-me e fui victima da patria! — Sómente cahiu no vicio commum de todos os habeis, queremos dizer, julgou os outros muito mais imbecis do que realmente são. Não illudiu ninguem, todos conheceram a trama da sua miseravel defeza, e nas ruas e nos salões, na botica da aldeia e debaixo da Arcada, o ministro era geralmente estygmatisado com marcas de infamia.

Grande lição! Era necessario que o paiz a tivesse! Era necessario que o paiz visse, nas afflictivas circumstancias economicas em que se encontra, onde leva a politica de transacção com todos os sentimentos baixos e com todas as aspirações d'um estreito egoismo, essa politica de corrupção que systematicamente procura apoio na satisfação dos mais nocivos e ruins appetites; e era necessario tambem que os homens publicos vissem como terminam a sua carreira os que na politica se apartaram d'um elevado criterio moral. Vão descendo de abjecção em abjecção, até perderem a consciencia nitida dos proprios actos e, aferindo os outros pelo proprio caracter, até suppôrem que tudo se póde praticar impunemente, que tudo se lava com duas palavras de astucia, tão transparente como vulgar. Estamos certos de que na historia politica do nosso paiz, quando ella pudér ser vista sem paixão, estes ultimos dias do ministerio do snr. João Chrysostomo hão de ficar memoraveis:

a declaração do presidente do conselho, expondo ao parlamento os motivos da demissão do ministerio, a tentativa de defeza do ministro da fazenda, em peloticas perante a nação pobre e afflicta, saboreando a propria miseria de que nem já tinha consciencia e escarnecendo do povo que atraiçoára, e cá fóra, pela rua, a caça aos agiotas criminosos e aos banqueiros fallidos, tudo isso representa com uma viva intensidade o ponto culminante da politica de corrupção. Todas essas circumstancias convergiram para nos darem n'um só instante e n'um conjuncto dramatico um espectaculo instructivo.

Iam mal as coisas para o snr. Lopo Vaz, que na chronica do ultimo mez deixámos intrigando com seraphica mansidão e paciencia evangelica para alcançar uma situação politica de que fosse inteiramente senhor. A sua politica de accordos, de transacções, de favores, de protecção, de campanario, de despachos, de demissões e transferencias, de corrupção, n'uma palavra, a sua politica modelada na tradição fontista dava agora muito má conta de si e tinha na opinião publica uma tal aversão, que não era prudente affrontal-a. Ha tempos de coruja e tempos de falcão, dizia o principe; o snr. Lopo Vaz entendeu que eram chegados os tempos de coruja e recolheu-se, por certo com boas esperanças de que os tempos de falcão hão de voltar. Não é homem perdido; o seu caracter convem a um grande numero e por isso nunca lhe hão de faltar caudatarios.

Outra politica se reclamava no momento actual, politica de franqueza, de economia, de decisão e de justiça, e para essa não era o snr. Lopo Vaz o mais apto, nem tão pouco nenhum dos partidos, compromettidos todos por iguaes erros, desmoralisados pela indisciplina, desacreditados no paiz pela dissipação e pelo nepotismo. Era chegada a vez do snr. Dias Ferreira, unico que durante longos annos, com uma infatigavel constancia, condemnava no parlamento o favoritismo em vóga e votava contra o augmento de despeza; accrescendo que no momento actual juntava aos seus proprios merecimentos os merecimentos alheios, pois ha muito se tinha como seguro que n'um gabinete Dias Ferreira seria ministro da fazenda o snr. Oliveira Mar-

tins, incontestavelmente o homem de maior talento da geração contemporanea. Historiador, economista e jornalista, d'uma fecundidade assombrosa, d'um vigor e d'uma vastidão de pensamento igual aos dos melhores espiritos d'esta época, o snr. Oliveira Martins em politica não é apenas uma esperança, como insidiosamente dizem os seus adversarios; pelo contrario, nunca houve quem entrasse no parlamento portuguez com maiores cabedaes. O seu projecto de lei do fomento rural, que apresentou logo que teve logar na camara, é, na opinião d'um dos nossos homens publicos mais intelligentes, a lei mais notavel que tem produzido o regimen constitucional entre nós depois dos decretos de Mousinho da Silveira e do codigo civil.

Percebendo claramente a sua situação, conhecendo as necessidades do paiz e sabendo quanto é desejada uma politica de franqueza, o novo ministerio mostrou conformar-se com as inspirações da opinião publica no programma com que se apresentou ás camaras. Disse o novo presidente do conselho que lhe parecia que as circumstancias do paiz e as manifestações da vontade popular iam apparecendo por fórma que se tornaria necessario um governo que, em logar de sahir directamente das maiorias parlamentares, fosse uma especie de concordia ou de conciliação com a situação do paiz. Queixando-se o paiz de que a nossa situação é grave, e attribuindo, com razão ou sem ella, á má administração as difficuldades em que temos vivido, parecia-lhe que o ministerio devia ser quanto possivel alheio á parte d'essas assembléas politicas que têm responsabilidades na marcha dos negocios publicos.

Neutralidade politica, economias, equilibrio orçamental como base da nossa regeneração e todos os demais artigos do programma, não são mais do que o corollario do pensamento que deixamos apontado. Desde o momento em que o governo quer inspirar-se na vontade popular, tem de trocar o nepotismo pela justiça, e o desregramento economico pelo equilibrio orçamental e pela sensatez no emprego dos dinheiros publicos.

Como inicio de cumprimento do programma ministerial, foi presente á camara dos deputados uma proposta de lei precedi-

da d'um relatorio do ministro da fazenda, que é o mais elucidativo documento ultimamente publicado sobre o estado das finanças nacionaes.

Começa o snr. Oliveira Martins por declarar que, quando as coisas chegam ao periodo angustiosamente agudo em que as vemos, seria mais do que um erro, seria um crime procurar esconder aos olhos do paiz toda a extensão das nossas amarguras. O *deficit* de 1890-1891 é calculado em 11.550:380$893 reis, a despeza para 1891-1892 em 46.742:000$000 reis e o *deficit* para essa mesma gerencia em 10.000:000$000 reis, e isto em meio da crise geral, a braços com o desfalque enorme trazido á economia nacional pela baixa do cambio do Brazil, n'um momento em que a repetição de expedientes de thesouraria póde dizer-se que esgotou os meios de alcançar recursos immediatos, provada a impossibilidade absoluta de attender ás exigencias dos encargos externos, principalmente por meio de novos expedientes financeiros.

« É necessario penintenciarmo-nos dos erros passados e emendarmo-nos para sempre, se com effeito queremos honrar a historia heroica de sete seculos que nos legaram os nossos maiores, para a deixarmos aos nossos descendentes engrandecida com uma pagina, sem duvida dolorosissima, mas por igual nobilitante. As argucias da politica, os artificios da habilidade, desapparecem agora perante a crueza de um perigo que só póde ser dominado pela absoluta franqueza e por uma compenetração e intimidade completas da corôa, das camaras, do povo e do governo, unidos todos no proposito da salvação da patria portugueza ».

Procurando justificar a proposta que vai fazer, estabelece os seus precedentes historicos:

« Depois da dura guerra civil de 1846-1847, a lei de 26 de agosto de 1848 impoz aos vencimentos superiores a 300$000 reis e inferiores a 600$000 reis a deducção de 20 por cento; e a de 25 por cento a todos os vencimentos superiores a 600$000 reis. Mais tarde, a lei de 26 de julho de 1852 aggravou ainda a situação do funccionalismo, incluindo todos os vencimentos,

desde os minimos, no regimen da deducção, que ficou assim estabelecido:

Até 300$000 reis	5 por cento
Até 600$000 reis	25 »
Mais de 600$000 reis	30 »

« Como se verá, as percentagens então reclamadas excediam bastante as que hoje se pedem; e devemos lembrar-nos que á custa dos sacrificios a que se submetteram resignadamente os servidores do estado e os portadores da divida nacional, foi possivel repôr as finanças publicas n'uma situação de que infelizmente abusamos por modo excessivo e indiscreto.

« Abolidas as deducções da lei de 26 de julho de 1852, ainda em 1869, com o decreto de 26 de janeiro, se lançaram deducções novas, tambem progressivamente estabelecidas. Eis-aqui a tabella d'esse decreto:

Ordenados superiores a 600$000 reis	15 por cento
Inferiores a 600$000 reis até 400$000 reis	10 »
Inferiores a 400$000 reis até 200$000 reis	5 »
Inferiores a 200$000 reis	2 $^1/_2$ »

« Já se vê, portanto, que o sacrificio reclamado hoje encontra precedentes na propria historia da segunda metade do seculo, pois das épocas anteriores é inutil expôr n'este logar a série dolorosa das deducções e capitalisações de atrazados.

« E o mesmo que succede com relação ao funccionalismo, succede com respeito aos credores do estado.

« A lei de 26 de agosto de 1848 impoz com 25 por cento os juros de toda a divida, interna e externa; e o decreto de 26 de julho de 1852 manteve a mesma percentagem até á remodelação da divida publica dos typos hoje existentes. Do que

succedera antes de 1848 não é necessario tambem recordar-nos, pois está no conhecimento geral a dolorosa historia das suspensões de pagamentos e das capitalisações que acompanharam a época agitada das nossas guerras civis ».

Terminado o relatorio, que sentimos não poder transcrever, pois é documento que merece ser archivado pela verdade e nitidez com que expõe a situação do thesouro publico no momento presente, passa o ministro a apresentar a proposta de lei, actualmente pendente da discussão nas camaras e cujas disposições principaes são as seguintes:

« Os ordenados, soldos e outros vencimentos por serviço activo e inactivo, cuja somma annual fôr superior a 300$000 reis, ficam sujeitos ás taxas seguintes:

De 300$000 reis até 500$000 reis	5 por cento
De 300$000 reis até 800$000 reis	10 »
De 800$000 reis até 1:200$000 reis	15 »
Além de 1:200$000 reis	20 »

« A taxa do imposto complementar de 6 por cento, creado pela lei de 30 de julho de 1890, é elevada sobre as contribuições predial, pessoal, sumptuaria, de renda de casas e industrial pela fórma seguinte:

Para as collectas superiores a 10$000 reis	10 por cento
Idem a 100$000 reis	12 »
Idem a 200$000 reis	14 »
Idem a 300$000 reis	16 »
Idem a 400$000 reis	18 »
Idem a 500$000 reis	20 »

« Fica o governo auctorisado a negociar com os portadores

de titulos de divida publica externa um convenio de conversão pelo qual, garantindo-lhes o pagamento do juro em ouro, e unificando os titulos n'um typo novo, ou mantendo os typos actuaes, os mesmos portadores transformem até ao maximo de metade do capital, ou aceitem pagamento de até metade dos seus juros, em cedulas do thesouro, com ou sem juro, amortisaveis com ou sem premios, pela verba annual que para esse effeito fôr destinada e pelo modo que fôr estabelecido.

« Para assegurar aos credores, nacionaes como estrangeiros, o pagamento integral e regular dos juros e amortisação, o governo poderá consignar a esse fim, dos rendimentos nacionaes, aquelles que entender necessarios e preferiveis, sem todavia alterar a fórma ordinaria de percepção dos mesmos rendimentos, mas sim restaurando, pelo modo conveniente, o antigo regimen de dotação da divida ».

Programma ministerial e propostas de fazenda foram acolhidos por todo o paiz com certo jubilo. Estavamos cançados de ministros e de ministerios sempre suspeitos de ligações intimas com syndicatos e capitalistas, e invariavelmente afferrados ao favoritismo como unica arma politica. Os escandalos provados em negociações de emprestimos, subsidios a companhias e negocios congeneres, tinham sido taes, que em tudo e para todos, nas transacções mais simples e com os homens mais dignos, se sonhavam favores a syndicatos e interesses menos legitimos alcançados em prejuizo do estado; era uma epidemia, todo aquelle que fosse ministro havia de sujeitar-se a vêr malsinados os seus actos e publicamente lançada a suspeita de que os seus decretos eram imposições de capitalistas. E isto emquanto ninguem se fiava na justiça da sua causa e nos merecimentos da sua pessoa para conseguir o quer que fosse dos poderes do estado; *empenhos* e só empenhos era o que se procurava. Quem desejasse um emprego publico ou uma concessão para qualquer empreza, não tinha a provar em concurso o seu estudo, applicação e mais qualidades necessarias ou as vantagens e legalidade do que requeria; as leis e os interesses do estado eram letra morta, pedia-se um favor e mostrava-se quan-

tas dezenas de votos se punham á disposição do deputado governamental na primeira eleição, se o favor pedido e recebido não representava o premio de serviços eleitoraes já prestados. Revoltava-se contra tal systema o espirito popular, e acclamou o novo ministerio, na esperança de melhores dias para as suas justas reclamações de lealdade ao bem do paiz e de integridade na gerencia dos negocios publicos.

Applaudiu ainda o ministerio, porque simultaneamente viu n'elle tambem a esperança de terminar a incerteza economica que trazia sobresaltado o paiz. Com o orçamento desequilibrado e sem credito para novos emprestimos, viamos succederem-se os dias sem podermos dizer qual seria a situação de ámanhã. — Reduzam-se os juros da divida publica, reduzam-se os ordenados dos empregados publicos, liquidem-se as contas da nossa ruina, mas digam-nos ao certo com que ficamos — era o que por toda a parte se ouvia n'um desejo e n'uma anciedade commum. Foi isso o que o ministerio prometteu, e é o que agora procura cumprir com as suas propostas de fazenda, louvadas em todo o paiz, vendo n'ellas o fim d'uma incerteza que o trazia n'uma permanente inquietação.

Perante o favor da opinião popular, que acolheu o ministerio, as camaras, os partidos e a gente da politica acharam que o melhor era deixarem-se levar com a corrente e começarem a fazer protestos de dedicação ao governo, muito promptos, dizem, a collaborar na salvação publica. Tanto quanto poderam, occultaram a inveja, o odio e o despeito com que viam o novo ministerio chamado a levar a effeito o que elles não poderam realisar por falta de capacidade propria; mas intimamente bem sabem que, se o ministerio fizer o que promette, os velhos partidos estão esphacelados e mortos, pois se demonstra praticamente que a sua politica nociva, depois de nos ter levado á ruina, não soube reanimar-nos. Com os partidos cahem os homens que os dirigiam, e por isso estes, conscientes do perigo que os ameaça, defendem-se quanto podem; lentamente, visto que a opinião popular lhes é contraria, vão procurando erros nas propostas de fazenda e descobrindo intenções de proxima

dictadura nos ministros. Não tardará uma larga opposição declarada, e esse é um dos perigos que ameaça o novo ministerio. Todos esses velhos organismos politicos, apesar de sorvados pela corrupção que lhes é inherente e que constitue a sua essencia, hão de empenhar todas as forças n'um derradeiro combate para aniquilar á nascença um adversario que ameaça esmagal-os. Resistir-lhes-ha? Tudo depende do caminho que o ministerio seguir. Se persistir n'uma politica de rectidão e franqueza, a victoria é segura. Não haverá intrigas que possam offuscar-lhe a grandeza nem prejudicar uma obra em que a nação reconhece a propria salvação.

Um outro perigo ameaça o ministerio — a gravidade da situação economica do paiz, a exiguidade da sua riqueza e a maneira por que está distribuida. Para abreviarmos, guardaremos para o proximo mez as ligeiras considerações que temos a fazer sobre este ponto, a nosso vêr o mais grave da situação presente.

*
* *

Não queremos fechar esta chronica sem deixar registado um dolorosissimo acontecimento occorrido em principios de janeiro findo — a morte do conselheiro Joaquim Antonio Gonçalves. Foi para a politica portugueza uma grande perda; a tenacidade com que defendeu o trabalho nacional, ainda n'uma época em que as suas aspirações eram julgadas uma utopia, a maneira por que o tempo veio a dar-lhe razão, o saber e a capacidade de trabalho que revelou na redacção da pauta das alfandegas agora discutida no parlamento, as suas qualidades de jornalista, a ironia cortante, a distincção subtil, a dialectica cerrada — tudo isso eram dotes que, alliados a uma incontestavel nobreza e rectidão de sentimentos, promettiam que a sua vida seria preciosa para ajudar-nos na restauração nacional. O vulgo via n'elle um sceptico, e illudia-se; era antes um mystico, um cavalleiro d'esse rareado exercito do Bem. Sómente acontecia que, n'uma

alma tão complexa como a sua, não era facil perceber os fundamentos mais intimos; desprezava o que outros reputam a propria essencia da vida e punha-a n'um ideal tão alto, que é inaccessivel ao vulgo. Mas comprehendiam-no bem os que com elle viveram intimamente, e esses sabiam, com entranhado affecto, quanto era puro o brilho da estrella que lhe illuminava a alma, quanto era singela, intemerata e dôce a bondade do seu coração.

5 de fevereiro de 1892.

Jayme de Magalhães Lima.

BIBLIOGRAPHIA

PUBLICAÇÕES NACIONAES

Allucinações e illusões, por Julio de Mattos. — Teixeira & Irmão, editores; S. Paulo, 1892.

Ora aqui está um livro duplamente notavel, prestante e opportuno, erudito e claro, lucido no fundo e na fórma. O dr. Julio de Mattos — já o sabem — é uma das mais evidentes individualidades medicas do paiz; desde a escóla este homem creou uma assignalada reputação de espirito indagador e intelligente, certificada por um curso de triumphos, por uma publicação periodica que definiu a sua orientação philosophica, duradoura e solida, por uma these que não foi, como quasi todas, um arreglo ou um decalque, por outras publicações, emfim, que progressivamente iam revelando a natureza trabalhadora e estudiosa do illustre psychiatra. Como tantos outros, o dr. Julio de Mattos não fez dos seus trabalhos base para se crear uma situação; impellido, por assim dizer, a proseguir n'um compromisso mental, a sua obra clinica e litteraria não parou, ininterruptamente avido de saber, mas d'um saber que um egoismo brutal não reserva, d'um saber que uma aspiração grosseira não utilisa. O dr. Julio de Mattos não é pois e apenas um medico illustre e um investigador incansavel: é um benemerito.

Este livro, que elle sub-intitula de *Ensaio de psychologia medica,* é o terceiro das suas ultimas publicações medicas e destina-se particularmente aos alumnos de medicina. D'um modo geral o assumpto fôra já objecto da notabilissima these com que fechára a sua carreira distincta de estudante; mas agora mais fundamentada com as acquisições ulteriores e ainda com a observação permanente e directa no internato d'um hospital de alienados.

O volume está dividido em cinco capitulos, occupando-se o primeiro de definições, differenciação das allucinações na loucura e fóra d'ella, da sua classificação, da distincção entre ellas e as illusões e da sua facil confusão, das allucinações e illusões internas, da interpretação das allucinações psychicas e ainda das allucinações unilateraes e desdobradas. O segundo capitulo é consagrado á etiologia das duas especies de phenomenos, rematando com a classificação das quatro categorias de typos psychologicos: o auditivo, o visual, o motor e o indifferente. No terceiro, faz-se uma lucida exposição das theorias pathogenicas de varios alienistas, os phenomenos que ellas explicam e a sua critica. O quarto e o quinto occupam-se, um da frequencia e valor clinico, outro — que interessa especialmente á medicina legal — das categorias que os diversos actos praticados sob a influencia determinante das allucina-

ções e illusões dão logar a estabelecer e do problema forense e artigos do Codigo Penal em face da doutrina psychiatrica.

Esta pallida referencia, que nem sequer é um summario, está longe, decerto, de fazer avultar devidamente a importancia d'este magnifico trabalho. Registre-se, todavia, o apparecimento d'um livro que resiste pelo seu valor intrinseco e que captiva pela fórma elegante, tão rara, em que é escripto. Como o auctor, penso eu, pensam todos que devéras se está em face d'um *livro de utilidade,* o que traduz, para todos nós, um prazer e uma fortuna.

Os combustiveis fosseis em Portugal, por Alfredo de Moraes Carvalho. — Porto, 1891.

Com este escripto vem o snr. Moraes Carvalho concorrer « com uma parcella, por insignificante que seja, para a elucidação do momentoso problema que nos preoccupa, fomentando o nosso desenvolvimento interior e indicando as relações mutuas possiveis entre as diversas industrias ». O trabalho é uma communicação á Associação Industrial Portuense, e occupa-se, principalmente, em fazer avultar a real importancia dos carvões portuguezes. Insurge-se fundadamente contra a quasi geral convicção de que, no paiz, não existem materias combustiveis para uma industria florescente, prospera e seguramente remuneradora, e procura combater o erro, fazendo um inquerito das nossas riquezas carboniferas e comparando-as com as de outros paizes incontestavelmente mais pobres, mas com as explorações e lavras relativamente adiantadissimas. Antes, o snr. Moraes Carvalho passa em revista o actual estado da industria, prevendo-lhe, solidamente fundado, o seu futuro. Pelos factos que exara e pela crise, provavelmente irremediavel, que o paiz atravessa, o illustre mineiro julga mais que opportuno o ensejo de iniciar, em grande, a lavra dos nossos jazigos, e não só pela propria riqueza mas ainda pela correlação com outras explorações metallurgicas, nomeadamente a do ferro. É bastante educativa a resenha descriptiva das quatro regiões carboniferas do paiz: a que se manifesta na zona do oolithico superior e cujos affloramentos se encontram desde Pombal a Peniche, a do Cabo Mondego, a do Bussaco e a do Douro. Como sensatamente affirma o snr. Moraes Carvalho, a questão dos combustiveis portuguezes tem sido, — como afinal todas, não é verdade? — descurada entre nós, tornando devéras embaraçoso conhecer-lhes solidamente as propriedades e qualidades, as vantagens de lavra e o valor industrial, do mesmo passo absoluto e comparativo. Lamenta que as referencias feitas até hoje ao assumpto *sejam eivadas de preoccupação scientifica.* Ora aqui não tem o auctor grandes razões, pois que, se é certo que o inquerito puramente mineiro ainda não foi mandado levantar, com todos os meios de efficacia, pelo poder central, os trabalhos de Wenceslau de Lima e de Paul Choffat, geologos que mais directamente têm realisado estudos nas regiões onde existem manchas e affloramentos carboniferos, precisamente pela natureza do trabalho de que foram incumbidos e do desideratum pretendido — o levantamento d'uma carta geologica — pouco ou mesmo nada têm que vêr com as condições industriaes dos minerios e correlativas pesquizas para exploração extractiva e commercial. Se é aos dois distinctos naturalistas que o snr. Moraes Carvalho se reporta, erra, mas sem má vontade, queremos crêl-o. Isto, porém, é um incidente que pouco vale. O opusculo parece o resultado d'uma boa e elogiavel intenção, o que nos entristece; « não temos esperança de que o *seu* trabalho produza a menor influencia benefica, porque, ou *se* engana muito, ou o assumpto é para a maior parte da gente insipido e para alguns mera utopia ».

Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira, por ANTONIO DOS SANTOS ROCHA. — Coimbra, 1891.

D'esta notavel monographia archeologica occupa-se, na secção scientifica do presente numero, um dos redactores effectivos da REVISTA.

O problema medico-legal no processo «Urbino de Freitas», documentos compilados pelo dr. AUGUSTO ROCHA e JOAQUIM DOS SANTOS E SILVA. — Coimbra, 1892.

Dizem os compiladores, n'um prefacio, que esta publicação circumstanciada dos documentos medico-legaes vem esclarecer as questões que o problema de medicina judiciaria suscita. O volume comporta quatro secções: a primeira abrange os relatorios do exame toxicologico nos cadaveres de Mario Sampaio, de José Sampaio e d'uma filha do indigitado criminoso, em portuguez e francez; a segunda comporta os pareceres provisorios de Brieger, Bischoff, Beckurts, Augusto Rocha e Santos e Silva; a terceira, os definitivos dos já citados chimicos estrangeiros; a quarta, o parecer de Hugo Mastbaum.

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O movimento bibliographico de tres grandes nações litterarias como a França, a Inglaterra e a Allemanha nunca póde ser acompanhado por uma Revista mensal d'um modo desenvolvido e completo. Só a Inglaterra produz (sem contar livros de escólas, reimpressões de classicos, etc.) uma média de *quinze obras originaes por dia*. E a producção da Allemanha e da França não se afasta muito d'estes numeros quasi inquietadores. O homem contemporaneo escreve demasiadamente. O Livro está obstruindo o Mundo.

D'estas obras, decerto, a porção maior nem merece a menção do titulo. Raras, que se contam pelos dedos, valem a pena de serem longamente estudadas, como livros que poderão vencer os tempos e ficar. Mas um vasto numero de obras resta ainda que, valiosas relativamente pelo pensar ou pelo saber, devem ser indicadas á curiosidade do Publico culto, com alguma informação resumida da sua natureza e tendencias: e para estas, se as tentassemos comprehender todas ou pelo menos uma maioria sufficiente n'uma Bibliographia, não chegaria um volume compacto e inteiro da REVISTA. Apontar apenas algumas, ao acaso, sem methodo, nem plano, como fazem as Revistas Europeias, não nos parece que aproveite ao Leitor, na sua escolha forçosamente restricta de livros, nem que lhe dê uma idéa bastante suggestiva e util da extensão, variedade e complexidade dos movimentos litterarios das grandes nações pensantes. Resolvemos portanto, nas limitações que nos são impostas, mencionar sómente aquelles livros estrangeiros que mais interessem o Leitor Portuguez, ou por fornecerem um elemento valioso para a sua educação geral, ou por tratarem de assumptos que actualmente mais o prendam, ou por serem, em definitiva, acquisições uteis para a sua Bibliotheca, já como trabalhos de Erudição, já como obras de pura Litteratura.

I) FRANCEZAS

L'Avenir de l'Europe, por C. E. VIGOREUX. — Paris; Alcan, editor.

O snr. Vigoreux apresenta a Europa como um campo de batalha onde combatem dois principios supremos, o Bem e o Mal, havendo um terceiro principio que é neutro e que espreita. O principio do Bem é representado pelas raças latinas, incluindo (não sabemos porquê) a Grecia.

O principio do Mal é a raça Anglo-Saxonia, abrangendo a Austria, que é em parte slava. O principio neutro, que espreita, é a Russia. O snr. Vigoreux estuda esta difficil situação primeiramente pelo lado dos sentimentos, depois pelo lado dos interesses, e em nome de ambos conclue que deve ser extirpada da face da terra, a raça Anglo-Saxonia!

Mémoires du Prince de Talleyrand, publicadas pelo DUQUE DE BROGLIE. Tomo IV. — Paris; Calman-Levy.

Temos aqui o quarto volume d'esta obra, que começou por causar tanta esperança, e terminou por dar tanto desapontamento.

Como documento subalterno para a historia continúa todavia sendo interessante. Comprados os primeiros volumes, — cumpre (por amor da collecção) comprar os restantes. Este é, como os anteriores, o mais insipido dos livros escripto pelo mais espirituoso dos homens.

Lohengrin, por MAURICE KUFFERATH. — Paris; Tischbacher, editor.

Um livro enthusiasta, para os enthusiastas de Wagner. É a parte d'uma obra mais vasta, *Le Théatre de Richard Wagner,* que se tornou popular. Conta miudamente o *libretto,* e critíca largamente a opera. Contém excellente e util informação para os que conhecem imperfeitamente as lendas dos Niebelungen, e do Cyclo de Arthur e da Tavola Redonda.

Entretiens sur l'Histoire du Moyen Age, por J. ZELLER. — Segunda parte. Paris; Perrin, editor.

A segunda parte da consideravel obra do snr. Zeller comprehende cinco capitulos, todos do mais alto interesse. O primeiro trata das *Cidades e Communas* na Meia-Idade. O segundo é intitulado *S. Bernardo e a Europa no seculo XII.* O terceiro é dedicado á *Monarchia Franceza.* Quarto e quinto occupam-se respectivamente de *Philippe Augusto* e de *S. Luiz.* O ultimo tem

por assumpto a lucta do *Papa Bonifacio e de Philippe o Bello.* O snr. Zeller fixa em Philippe o Bello o fim da Idade-Média. É talvez cedo de mais. O seculo XIV, mesmo em França, mas sobretudo em Inglaterra e na Allemanha, sem contar Hespanha e Portugal, é ainda caracteristica e essencialmente medieval. A obra do snr. Zeller é talvez por um lado excessivamente diffusa e complexa para constituir um summario de vulgarisação historica — e por outro muito deficiente no estudo das fontes e documentos originaes para ser um trabalho de forte e segura erudição. Mas tem a agradavel natureza *de entretiens,* de conversas feitas, n'uma fórma de excellente clareza e distincção, por um espirito, em quem abunda o saber, a critica, e o justo sentimento do passado. Obra pois de todo o ponto valiosa para aquelles que desejem estudar genericamente o viver e o sentir da Idade-Média.

Germy, por FERDINAND FABRE. — Paris; Charpentier-Fasquelle, editores.

Ferdinand Fabre, um dos tres ou quatro romancistas francezes que, tendo-se afastado largamente do idealismo de Feuillet, não chegaram todavia ao naturalismo de Zola, junta a qualidades verdadeiramente fortes de observação uma certa maneira poetica de conceber a vida e de a contar, que o torna um dos mais queridos romancistas da França para aquelles espiritos delicados que só supportam a rude verdade através d'uma leve idealisação. Uma das suas primeiras obras, o *Abbé Tigrane,* é pela concepção, pela profundidade e verdade dos caracteres, e pela excellente arte de composição, um livro de mestre. Em *Germy,* Fabre volta á sua querida provincia de Cevennes, e áquelles seus typos de vida provincial, que elle tanto nos tem feito amar. Temos outra vez o bom Mr. Le Neveu, a sua resmungona mas bondosa governanta, e o delicioso gato preto, *Monsieur Cascaret.* Germy, a «heroina», é uma supposta feiticeira, e realmente uma velha peccadora, remida e restituida ao bem pela apostolica simplicidade e caridade do Abbade Tuleran. A historia é admiravelmente desenrolada; as figuras têm relevo e vida; e sente-se, através de cada pagina, com singular intensidade, a rude e original paizagem das Cevennes.

Du Niger au golfe de Guinée, pelo CAPITÃO BURGER. — Paris; Hachette, editor. 2 vol.

Uma viagem que póde ser lida com interesse e proveito por todos os que se occupam das questões de Africa. Como todos os viajantes francezes, o Capitão Burger manifesta talvez em excesso, a sua impressão de que a Inglaterra está perpetuamente tramando a destruição da influencia franceza nas differentes partes do mundo, e o seu desejo de vêr, por seu turno, derrubada por toda a parte a dominação ingleza. Estes sentimentos dão parcialidade ao livro. O Capitão Burger no emtanto é um explorador intelligente e audaz. Conta bem, e com sufficiente pittoresco. Os dois tomos são excellentemente illustrados — e têm no fim um admiravel mappa.

II) INGLEZAS

Introductory Studies in Greek Art, por JANE HARRISSON. — Londres; Tisher Vuwin, editores.

É um signal dos tempos que este livro sobre a Arte Grega, tão bem pensado e tão bem escripto, não seja d'um velho critico, encanecido nas Bibliothecas, mas d'uma elegante e mundana rapariga, Miss Jane Harrisson. Escriptora fina, graciosa, persuasiva, Miss Harrisson estuda no seu livro a causa intima da extraordinaria vitalidade da Arte Grega através dos tempos. Todas as artes que a ajudaram a formar, a Egypcia, a Phenicia, a Assyria, estão mortas, são reliquias archeologicas: o gosto tem fluctuado do Gothico ao «Renascença», do «Seculo Dezoito» ao Romantico; todas as fórmas de belleza passam e esquecem; — só as fórmas creadas pela Arte Grega permanecem, como educadoras constantes da Humanidade. É um livro digno de occupar todos aquelles que se interessam pelas idéas geraes em Arte.

Gossip in a Library, por EDMUNDO GOSSE. — Londres; Heinemann, editor.

Edmundo Gosse é, além de poeta e de erudito, um dos mais finos, e hoje mais auctorisados criticos de Inglaterra. Uma das suas grandes qualidades é de não ser *insular* — isto é, de comprehender, sentir bem e amar (o que nem sempre succede aos grandes criticos inglezes) o genio das nações estrangeiras. O seu penultimo livro foi um forte e profundo estudo sobre as *Litteraturas Escandinavias*. Esta ultima obra, que annunciamos, não é propriamente um livro de critica, mas uma *gossip*, uma cavaqueira intima sobre alguns raros, curiosos e esquecidos livros da antiga litteratura ingleza. As suas qualidades de amavel tolerancia, de suave sympathia por todos os feitios de espirito, de delicado humorismo e de pittoresca erudição reapparecem aqui com notavel relevo. É um livro para quem conheça já bem a historia e a litteratura de Inglaterra, e deseje explorar alguns dos seus recantos desconhecidos, descobrir antiquados modos de pensar e de sentir. Ha em o lêr o mesmo singular prazer que se tem em percorrer um muito antigo jornal de modas.

The Convict King, por JAMES HOGAN. — Londres; Ward e Downey, editores.

Para quem goste de conhecer o que é uma carreira extraordinaria de homem, não ha mais curioso livro do que este, que conta, em excellente fórma, e com *humour*, a vida e aventuras de Jorgen Jorgensen. Não existe nos tempos modernos mais phantastica personalidade do que a d'este prodigioso aventureiro. Jorgensen foi successivamente rei da Islandia, capitão de navio, agente diplomatico de Inglaterra, dramaturgo, prégador, olheiro d'uma casa de jogo, enfermeiro do hospital, guia de viajantes no continente, explorador, editor de jornaes, chefe de clubs revolucionarios, e policia na Australia!

Paganism and Christianity, por J. A. Farrer. — Londres; A. e C. Black, editores.

É uma bella defeza do Paganismo comparado com o Christianismo. Ha todavia n'ella uma parcialidade excessiva e quasi sectaria. O Paganismo é-nos apresentado só pelos seus nobres e puros lados, pelos lados de Marco Aurelio e de Seneca (ficando escondidos os lados de Marcial e de Petronio); e o Christianismo é methodicamente exposto pelos seus lados inferiores. É uma obra cheia de saber e de idéas.

Tycho Brae, por J. Dreyer. — Londres: A. e C. Black, editores.

É a historia do grande astronomo dinamarquez — creador d'uma das grandes theorias cosmogonicas que outr'ora, por um tempo, dominaram na sciencia. O seu systema era em parte o de Copernico. Segundo elle, o sol com os planetas giram em torno da terra — mas os planetas giram em torno do sol. As suas theorias estão esquecidas — mas a sua personalidade e a sua vida (revelando quaes eram, na aurora da Renascença, as condições sociaes d'um grande sabio) são interessantes e admiravelmente contadas pelo snr. Dreyer.

Pleasant work for busy fingers, por Maggre Brown. — Londres; Cassel e C.ª, editores.

O titulo (*trabalho divertido para dedos trabalhadores*) explica o livro e a sua utilidade. Uma certa tia Polly emprehende a tarefa de ensinar aos sobrinhos a arte de fazer com papel, com alguns alfinetes e um bocado de algodão — toda a sorte de bonecos, de flôres, de coisas curiosas e ornamentaes. É um excellente livro, muito claro, e com illustrações. Suggere admiravel occupação para as noites de inverno — porque a materia prima, o papel, é facil de obter, e segundo se vê da obra, póde com elle fazer-se tudo desde um carro até uma caixa, e d'um palacio a um amor-perfeito.

History of Commerce in Europe, por H. Gibbins. — Londres; Macmillan, editor.

Excellente e utilissimo manual dando toda a historia do commercio na Europa e Asia, desde os Phenicios até aos nossos dias. Cheio de informação, de factos, de datas e cifras precisas.

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 34, Rue de Provence; em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street; e em Leipzig, Karl W. Hiersemann — 2, Königsstrasse

ARCHIVO PORTUGUEZ-ORIENTAL

10 volumes brochados... 13$500

NOVA GÔA 1857-1877

Á venda na livraria CHARDRON

Compra e Venda de

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Especialmente de obras relativas a

PORTUGAL, BRAZIL & COLONIAS

Karl W. Hiersemann, Livreiro Editor

Catalogos *Portuguezes* e *Brazileiros*. Catalogos geraes de *Bellas-Artes, Architectura, Artes industriaes, Numismatica, Archeologia, Bibliographia, Litteratura, Costumes, Genealogia, Heraldica, Geographia e Linguas orientaes.* — Os Catalogos pedidos são enviados gratis.

Recebem-se encommendas : LEIPZIG, 2, Konigstrasse, 2.

L'ARGUS de la PRESSE

ESTA EMPREZA RECEBE

LÊ, CORTA E TRADUZ TODOS OS JORNAES DO MUNDO

E FORNECE EXTRACTOS SOBRE TODOS OS ASSUMPTOS, ÁS PESSÔAS QUE OS PEDIREM

Informações e condições fornecidas por correspondencia que deve ser dirigida ao director

A. CHERIÉ

PARIS — 157, rue Montmartre — PARIS

BANCO NACIONAL DO BRAZIL

Incorporado com o Banco Internacional do Brazil

FUNDADO NO RIO-DE-JANEIRO A 1° DE OUTUBRO DE 1889

Capital subscripto : Rs. 90,000 : 000$000
ou £ 10,000,000 sterling, ou 250 milhões de francos
50 por cento dos quaes por entrar.

DIRECTORIA :

Conde de FIGUEREIDO, *Presidente* — Visconde do GUAHY, *Vice-Presidente*

Barão de Salgado Zenha.
Manoel Moreira da Fonteca.
Pedro Gracie.
William H. Holman.
Senador Francisco de Carvalho Soares
Brandão.
Luiz Rodrigues de Oliveira.
Manoel Gonçalves.
Duarte.
Edward Herdman.

SUCCURSAES :

Pernambuco e Pará

CORRESPONDENTES :

EM TODOS OS PORTOS DO BRAZIL

SUCCURSAL EM LONDRES :

London and County banking Company Limited

Compra cambiaes sobre o estrangeiro. Fornece letras de credito aos viajantes e para operações commerciaes. Recebe consignações de cafés e outros productos para serem expedidos, sobre os quaes fornece adiantamentos nas condições convencionadas. Faz adiantamentos sobre cafés e mais mercadorias, de accordo com os estatutos do Banco e effectúa toda a sorte de operações bancarias. Encarrega-se de guardar titulos e cobrar coupons, de sua venda e compra, bem como das remessas de dinheiro pelo correio ou pelo telegrapho.

CORRESPONDENTES NA EUROPA E AMERICA

Pariz, Bruxellas, Amsterdam e Genebra. — Banque de Paris et des Pays-Bas.
Antuerpia. — Banque d'Anvers.
Hamburgo, Berlim, Francfurto. — Deutsche Bank.
Genova, Roma, Napoles, etc. — Banca generale, e succursales.
Madrid e outras cidades de Hespanha e Ilhas Canarias. — Banco hypotecario de España, e succursales.
Lisbôa, Porto, etc. — Banco de Portugal e succursaes.
Nova-York. — MM. G. Amsinck & C°.

EDIÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

PUBLICAÇÕES DE 1891

Ahn

Curso de lingua franceza. Adequado ao uso dos portuguezes e dos brazileiros pelo professor H. Brunswick. *Quarta edição,* correcta e augmentada. 1 vol..... 500
Encadernado..... 700

Padre A. Guillois

Explicação litteral e moral das *Epistolas e Evangelhos* dos domingos e principaes festas do anno, das ferias do advento e de todos os dias da quaresma, etc., etc. *Terceira edição.* 2 vol..... 1$500

Bernaldim Ribeiro

« Menina e moça... » (SAUDADES). Edição dirigida e prefaciada por D. José Pessanha. 1 vol..... 500

Camillo Castello Branco

Questão da Sebenta. Collecção completa. (Opusculos I a IX). 1 vol. 500

Eça de Queiroz

A reliquia. *Segunda edição.* 1 grosso vol..... 1$000
As minas de Salomão, romance de Rider Haggard. Traducção revista por Eça de Queiroz. 1 vol..... 600

Ignacio de Vilhena Barbosa

Exemplos de virtudes civicas e domesticas, colhidos na historia de Portugal. *Nona edição.* 1 vol..... 400
Encadernado..... 560

Joaquim d'Araujo

Primeiras leituras. Selecta infantil, coordenada para uso das escólas primarias. 1 vol..... 400
Encadernado..... 540

Conde Leon Tolstoï

A sonata de Kreutzer. Estudo social. 1 vol..... 400

Oliveira Martins

Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal. 1 vol..... 600
Os filhos de D. João I. Edição de luxo, illustrada, papel de linho, typo elzevir. 1 grosso vol..... 2$000
Portugal em Africa. A questão colonial — O conflicto anglo-portuguez. 1 vol..... 400

Pinheiro Chagas

Brazileiros illustres. *Segunda edição,* revista e accrescentada. 1 vol. 300
Encadernado..... 400

Raposo Botelho

Geographia geral actualisada e posta em harmonia com o novo programma para o ensino nos lyceus. *Setima edição,* correcta e adaptada á ultima organisação da instrucção secundaria. 1 grosso volume..... 1$000

Theophilo Braga

Camões e o sentimento nacional. 1 vol..... 600

Cardeal Wiseman

Fabiola, ou a Egreja das catacumbas. Romance religioso. *Nova edição illustrada.* 1 grosso vol. brochado..... 1$000
Encadernado..... 1$300

PUBLICATIONS NOUVELLES

DE LA

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie

Boulevard Saint-Germain, 79, à Paris

MOIREAU (Auguste), ancien élève de l'Ecole normale supérieure, agrégé de l'Université: **Histoire des États-Unis de l'Amérique du Nord**, depuis la découverte du nouveau continent jusqu'à nos jours.

Mise en vente des Tomes I et II: *Les États-Unis jusqu'à 1800.* 2 vol. in-8°, brochés, 20 fr.

FUSTEL DE COULANGES, membre de l'Institut (Académie des sciences morales), professeur d'histoire en Sorbonne: **Nouvelles recherches sur quelques problèmes d'histoire** (*La Propriété chez les Grecs. — Les Archontes. — La fin du Druidisme. — Les titres romains chez les Francs. — Sur les lois barbares. — Les articles de Kiersy*), revues et complétées, d'après les notes de l'auteur, par Camille Jullian, professeur d'histoire à la Faculté des lettres de Bordeaux. 1 vol. in-8°, broché, 10 fr.

DU MÊME AUTEUR:

Recherches sur quelques problèmes d'histoire. 1 vol. in-8°, broché, 10 fr.

La Cité antique; 13e édition (*ouvrage couronné par l'Académie française*). 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

Histoire des institutions politiques de l'ancienne France:

La Gaule romaine. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

L'invasion germanique et la fin de l'empire. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

La monarchie franque. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

L'Alleu et le domaine rural pendant l'époque mérovingienne. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

Les origines du système féodal. Le bénéfice et le patronat pendant l'époque mérovingienne. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

Les transformations de la royauté pendant l'époque carolingienne. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 90.

FREY (le Colonel), de l'Infanterie de marine: **Pirates et rebelles au Tonkin.** *Nos soldats au Yen-Thé.* 1 vol. in-16, broché, avec 11 cartes et croquis, 3 fr. 50.

LARROUMET (Gustave), membre de l'Institut, chargé de cours à la Faculté des lettres de Paris: **Études d'histoire et de critique dramatiques.** *Œdipe roi et la tragédie de Sophocle. — La comédie au moyen âge. — De Molière à Marivaux. — Shakespeare et le théâtre français. — Beaumarchais: L'homme et l'œuvre. — Le théâtre et la morale. — Les comédiens et les mœurs. — Les théâtres de Paris: Troupes et gens.* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

PALÉOLOGUE (Maurice): **Alfred de Vigny.** 1 vol. in-16, avec une photogravure, broché, 2 fr.

OUIDA: **Syrlin.** Roman traduit de l'anglais avec l'auctorisation de l'auteur, par Fr. Bernard. 2 vol. in-16, brochés, 2 fr. 50.

NON ILLUSTRÉES

Nouvelles géographiques, publiées sous la direction de F. Schrader, avec la collaboration de H. Jacottet. — 2e année. 1re livraison, 50 cent.

Le format des *Nouvelles géographiques* sera désormais celui du *Tour du Monde;* leur périodicité, trop rapprochée pour permettre de donner un développement suffisant aux travaux originaux qui y trouvaient place, sera modifiée à partir de ce jour et deviendra mensuelle d'hebdomadaire qu'elle était au début. C'est dorénavant avec le premier numéro de chaque mois que le *Tour du Monde* apportera à ses lecteurs le fascicule de 16 pages in-4°, qui remplacera les quatre feuilles séparées contenues dans chaque numéro de l'année dernière.

Tout en restant attachée au *Tour du Monde,* qui l'a abritée à son début, notre publication répondra au désir qui a été souvent exprimé à ses éditeurs, en prenant une existence propre et en recevant des abonnements indépendants de ceux du *Tour du Monde.*

VAPEREAU (G.), agrégé de philosophie, ancien préfet, ancien inspecteur général de l'Instruction publique. **Dictionnaire universel des contemporains.** Ouvrage rédigé et tenu à jour avec le concours d'écrivains de tous les pays. — 6e édition. 1er et 2e fascicules. — Chaque fascicule, in-8°, broché, 3 fr. 50.

LIVRARIA CHARDRON — LUGAN & GENELIOUX, EDITORES — PORTO

NOVAS PUBLICAÇÕES

METHODO DE AHN

CURSO DE LINGUA FRANCEZA

ADEQUADO AO USO DOS PORTUGUEZES E DOS BRAZILEIROS

PELO PROFESSOR

H. BRUNSWICK

Quarta edição, correcta e augmentada

1 vol..... 500
Encadernado..... 700

BERNALDIM RIBEIRO

MENINA E MOÇA

(SAUDADES)

Edição dirigida e prefaciada

POR

D. JOSÉ PESSANHA

1 vol..... 500

CAMILLO CASTELLO BRANCO

QUESTÃO DA SEBENTA

COLLECÇÃO COMPLETA

(OPUSCULOS I A IX)

1 vol..... 500

Livraria Chardron — LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

CONDE LEON TOLSTOI

A SONATA DE KREUTZER

ESTUDO SOCIAL

1 vol..... 400

OLIVEIRA MARTINS

CAMÕES

OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL

1 vol..... 600

OS FILHOS DE D. JOÃO I

Edição de luxo, illustrada, papel de linho, typo elzevir

1 grosso vol..... 2$000

PORTUGAL EM AFRICA

A questão colonial — O conflicto anglo-portuguez

1 vol..... 400

THEOPHILO BRAGA

CAMÕES E O SENTIMENTO NACIONAL

1 vol..... 600

Porto — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70